

Zélia Carneiro Baruffi

pelo espírito Celmo Robel

O ÚLTIMO PASSAGEIRO

ROMANCE MEDIÚNICO



EDITORA
EME

O ULTIMO PASSAGEIRO

Romance repleto de emoções vividas pelas persona-X vagens, em seus encontros e desencontros nos dois planos de vida espiritual e material. As explicações sobre as causas dos sofrimentos terrenos e na espiritualidade, as experiências, os aprendizados, as derrotas e as conquistas dos Espíritos encarnados e desencarnados que fazem esta narrativa, permitem ao leitor perceber quão perfeitas são as Leis divinas, pois Deus, Pai amantíssimo, a ninguém desampara e concede a todas as Suas criaturas ilimitadas oportunidades de progresso.

(...) Olhou atento para todos os lados. Nada. Nem um sinal de vida, apenas terras descampadas, sem vegetação ou qualquer plantação. Andou sem preocupação de ir a parte alguma, tal o estado de graça em que se encontrava. Parecia que alguma energia vinda, não sabia de onde, guiava-lhe os passos. Subitamente, avistou um comboio vindo na sua direção. Era uma porção de carros, transportando pessoas, algumas feridas. Para onde se dirigiam? Ao passar por ele, o condutor de um dos veículos ordenou, com firmeza:

— Suba.

— Para onde vai esta condução assim abarrotada de gente? – inquiriu ele perplexo.

— É sua a oportunidade meu caro. Se quiser, suba caso contrario dê seu lugar para outro. - Sem muita explicação, o condutor que atendia pelo nome de Sezinando, fez menção de afastar-se. Impelido por aquela força estranha que o I trouxera até ali, retrucou:

— Espere companheiro, quero apenas o pés estão sangrando pela caminhada que fiz!

E, num impulso, não sem grande de esforço, achou-se dentro da carroceria do veículo. Procurou um lugar para acomodar-se.

Ouviu, novamente, a voz autoritária de Sezinando:

— Vamos apertando mais para o lado, pessoal! Este é nosso *último passageiro*. (...)

Edição e distribuição:
E D I T O R A - E M E
Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP Fone/fax: (19) 3491-7000 / 3491-5449 E-mail: pedido@editoraeme.com.br Site: www.editoraeme.com.br

Solicite nosso catálogo completo com mais de 400 títulos.

ZÉLIA CARNEIRO BARUFFI

O Último Passageiro

Pelo Espírito Celmo Robel

Capivari-SP - 2007 -

O Último Passageiro

Zélia Carneiro Baruffi/Espírito Celmo Robel

Ia edição novembro/2007 — 5.000 exemplares

Capa:

André Stênico

Diagramação:

Rafael Cario Carara

Revisão:

Lídia Regina Martins Bonilha Curi

Ficha Catalográfica

Baruffi, Zélia Carneiro

O Último Passageiro - Zélia Carneiro Baruffi/ Espírito Celmo Robel, Ia edição, novembro/2007, Editora EME, Capivari-SP.

190 p.

1 — Romance Mediúnico - Espiritismo

2 — História de Renúncia e Perdão. Lei de Ação e Reação

CDD 133.9

Dedicatória

Dedico estas páginas àquele que tem sido, na minha caminhada, o esteio e ainda mais a certeza de dias futuros melhores, ajudando e burilando nossos Espíritos nesta longa caminhada - meu esposo. Tropeços, sim, erros sim, mas, lutando sempre, com o Espírito voltado para as belezas da espiritualidade que nos aguarda.

Zélia Carneiro Baruffi

Agradecimento

Na oportunidade do lançamento desta obra, não poderia deixar de agradecer... Ao meu mentor e amigo espiritual Celmo Robel, por mais este trabalho em prol da nossa edificação moral e espiritual. Ao sábio e educador Allan Kardec, que nos ofertou o pentateuco espírita, trabalho de iluminação da humanidade, inspirado por Jesus, que completa 150 anos em 2007, com o lançamento de O Livro dos Espíritos em 1857.

Zélia Carneiro Baruffi

ÍNDICE

O estranho chamado.....	9
Destino do Comboio.....	7
Retorno à Cabana.....	27
A luta nos planos materiais.....	31
Mágoa sem perdão.....	39
Grandes amores são eternos.....	43
Esperanças de Jesiel.....	49
O dilema de Margarida.....	63
Finalmente a decisão.....	69
As núpcias.....	73
Concretização dos ideais.....	77
A angústia da separação.....	87
O inesperado reencontro.....	93
Nova desilusão de Jesiel.....	103
Margarida visita Pedro.....	109
Enfermidade de Pedro.....	115
Os primeiros esclarecimentos sobre a Vida Espiritual.....	127
Novas perdas.....	135
Confissão de André.....	143
Encontro com Vinícius.....	149
Na Espiritualidade.....	157
Os colóquios se sucedem.....	167
Momentos de Oração.....	177
Planos para o Retorno.....	183

CAPÍTULO I

O ESTRANHO CHAMADO

Espíritos aturdidos pelas surpresas da vida espiritual, somente encontram nos pedidos angustiosos de socorro, esperanças para suas atribulações.

A voz que vinha de longe chegou ao seu coração em forma de lamento. Aguçou o ouvido para melhor captar aquele pedido de socorro. Quase nada conseguiu perceber. Pouco pôde fazer, a não ser orar e reclamar pela insignificância do seu ser.

Como gostaria de poder sentir-se forte, dentro dessa energia que o cercava e, ao mesmo tempo, tolhia seus movimentos. Sem saber ao certo, desejou ir à direção daquele apelo desesperador.

Que fazer? Olhou ao redor, contemplando o universo no qual se encontrava, buscando entender as maravilhas que cercavam seu ser, mas que, concomitantemente, faziam com que se sentisse preso, sem ação alguma. Aquele chamado dorido atingia seus ouvidos, parecendo ser ele a pessoa mais importante para atendê-lo. Um grande temor tomou conta de si. Por que o chamavam com tanta veemência? Oh! Deus! Seu Espírito se encontrava ainda tão imperfeito e em sofrimento também. Na sua pequenez, não conseguia localizar o chamado.

Orou atribulado, contemplando o firmamento que se descortinava ante seus olhos. Como gostaria de estar em paz, sem tantos dissabores à sua volta e poder correr ao encontro daquela voz, que tentava reconhecer, mas que era, certamente, de alguém que ficara à mercê de tantos dissabores.

Com o coração menos agitado e após algum tempo, tomou uma decisão. Apanhou do armário a lanterna, com a qual iluminaria o caminho, bastante escuro àquela hora da noite e saiu. O vento frio fez com que voltasse para dentro da pequena sala e buscasse, no cabide, o sobretudo um tanto surrado pelos anos de uso. Vestiu-o, agasalhando muito bem o peito. Colocou o chapéu na cabeça e partiu.

O caminho íngreme, a escuridão à sua volta fez com que se detivesse. A lanterna clareava longe! Um arrepio tomou conta do seu corpo, ao mesmo tempo em que um relâmpago cruzou o céu de ponta a ponta. Sentiu que a chuva prometida logo despencaria. Foi andando, vagarosamente, buscando, em cada pedaço de chão, algo firme para apoiar os pés. Sentia-se atraído por aquele lamento, vindo não sabia de onde. Por mais que buscase, nada divisava além da completa escuridão que o cercava. Por muito tempo, andou sem rumo certo, até que chegou à beira de um rio caudaloso cujo barulho era ensurdecedor. Percebia que precisava parar e descansar. A descida até aquele local fora longa! Afastara-se bastante de sua moradia e agora sentia-se temeroso. Sondou um lugar para o descanso e quedou o corpo na relva que ladeava o rio. Apagou a lanterna que trazia nas mãos, e completa escuridão desceu sobre ele.

O medo do desconhecido fez com que aguçasse os ouvidos. Somente o barulho, parecendo uma queda d'água muito próxima, se fazia ouvir, cada vez mais forte. Hipnotizado por aquele ritmo constante, adormeceu profundamente. Quando abriu os olhos, ao clarear do dia, não sabia onde se encontrava. Uma tênue claridade passava por entre as árvores que circundavam o local deixando o rio à mostra e, que agora podia perceber, era muito extenso. Uma barcaça estava ancorada um pouco mais além. Tinha uma cor azulada, quase translúcida que, aos primeiros raios solares, refletia um brilho prateado intenso, fazendo com que nosso personagem, de um salto se pusesse em pé, um tanto amedrontado. Pôde perceber, então, um pouco mais além, num trecho calmo, várias canoas com seus remos, ancoradas e balançando-se. Teve a impressão de que esperavam passageiros. Mas para onde?

Imediatamente, conjecturou como não percebera, no tempo em que vivera lá em cima na montanha, aquele lugar?

— Que poderá ser este local? - inquiriu para si. -Não vejo nenhuma habitação por perto. Entretanto deve existir alguém ou alguma coisa instalada por aqui.

Passando as mãos pelos cabelos umedecidos pelo ar da manhã, lembrou-se do ocorrido na noite anterior, quando chegara até ali, atraído pelo chamamento de alguém cuja voz, lhe parecera conhecida.

— Sim, agora reconheço! Era a voz de Cecília! Era a voz de Cecília! Mas aqui, neste lugar?! Depois de tantos anos, que poderei fazer por essa criatura, se eu também me encontro necessitado de alguém para auxiliar-me? Cecília deixou-me há tempo! Isto não faz sentido agora - repetia sem cessar, tentando decifrar o que estava ocorrendo.

A passos lentos, foi andando por entre a mata bastante extensa, tateando o caminho, procurando desvendar o desconhecido e deixando o rio para trás. Sem entender por quê, uma melodia adentrava seus ouvidos. Era o "Adágio de Von Beethoven tema do terceiro movimento da nona sinfonia". Vinha de todas as direções, trazendo uma leveza indescritível para seu Espírito tão atribulado ainda. Começou a cantarolar, acompanhando com os pés. Lá...lá...lá...lá...lá...lá...lá...lá...lá...lá...lá...

— Que bem-estar nunca sentido antes, meu bom Pai! Minha alma está lavada de todas as minhas angústias! Neste instante, sinto a Tua presença em todo meu ser! Que caminhos meus pés trilharão daqui por diante? Que paz, que maravilhosa paz me invade o coração, neste momento! Sou grato a Ti, meu Pai, pela vida que pulsa em mim, pelo universo que me cerca e que sempre acreditei existir!

Aos poucos, foi se acalmando. À medida que caminhava, uma energia vinda de todas as direções tomava conta de seu ser, deixando-o embevecido com toda a paisagem que ia se descortinando ante seus olhos. Pássaros saltitavam à sua frente, parecendo querer indicar-lhe o caminho. Quando se deu conta, percebeu que saíra em uma pequena clareira que deixava à mostra um caminho longo a se perder de vista. Olhou atento para todos os lados. Nada. Nem um sinal de vida, apenas terras descampadas, sem vegetação ou qualquer plantação. Andou sem preocupação de ir a parte alguma, tal o estado de graça em que se encontrava. Parecia que alguma energia vinda, não sabia de onde, guiava-lhe os passos. Subitamente, avistou um comboio vindo na sua direção. Era uma porção de carros, transportando pessoas, algumas feridas. Para onde se dirigiam? Ao passar por ele, o condutor de um dos veículos ordenou, com firmeza:

— Suba.

— Para onde vai esta condução assim abarrotada de gente? - inquiriu ele, perplexo.

— É sua a oportunidade meu caro. Se quiser, suba, caso contrário dê seu lugar para outro. - Sem muita explicação, o condutor que atendia pelo nome de Sezinando, fez menção de afastar-se. Impelido por aquela força estranha que o trouxera até ali, retrucou:

— Espere companheiro, quero apenas o tempo necessário. Meus pés estão sangrando pela caminhada que fiz!

E, num impulso, não sem grande esforço, achou-se dentro da carroceria do veículo. Procurou um lugar para acomodar-se.

Ouviu, novamente, a voz autoritária de Sezinando:

— Vamos apertando mais para o lado, pessoal! Este é nosso último passageiro.

Fora tudo tão automático. Estava tão embevecido com os acontecimentos daquelas últimas horas que não conseguia colocar as idéias em ordem! As coisas aconteciam tão rapidamente...

Depois de muito rodar, o comboio entrou em uma atmosfera mais densa. O céu se tornara um tanto nublado e o azul já não era tão claro e resplandecente. A atmosfera, agora, parecia estar cheia de fumaça, com muita sombra, como se tivesse baixado, sobre ela, uma cortina negra que não deixava mais passar o sol, o ar puro e todo aquele azul maravilhoso de momentos antes. Sezinando começou a explicar que aquele fenômeno acontecia sempre que se aproximavam do planeta Terra devido às vibrações que eram expulsas das mentes das pessoas encarnadas, cujos pensamentos ainda se voltavam para as coisas ruins. Eram criaturas que não possuíam, em seus corações, ainda a semente do evangelho de Jesus. Voltadas para o mal, egoístas, maledicentes, atraíam, para junto de si,, viventes do plano espiritual, esquecidos também de praticar as leis de Deus. São milhares de Espíritos necessitados de auxílio, mas que vivem ainda muito inferiorizados no mundo material, dividindo com os encarnados afins, suas desditas. Seus pensamentos contaminam toda a atmosfera terrestre formando esta cortina fumacenta, como podiam observar.

Passaram por vários locais movimentados. Alguns edifícios imponentes, defronte de praças muito bem ornamentadas de flores e cheias de arvoredos, onde algumas pessoas iam e vinham apressadas, àquela hora do dia. Os veículos arrastavam-se no trânsito, em comparação ao comboio que deslizava veloz, pelas ruas da capital.

— Estamos chegando ao nosso destino - anunciou Sezinando.

Estacionou, minutos mais tarde, defronte de um pequeno edifício que ficava em uma rua bastante movimentada. Era uma casa espírita, dessas que prestam auxílio e esclarecimento a todo aquele que bate à sua porta.

CAPÍTULO II

O DESTINO DO COMBOIO

As casas espíritas são os hospitais de auxílio para os Espíritos pouco evoluídos.

Sezinando já era esperado. Os Espíritos colaboradores da casa vieram auxiliar no desembarque de alguns companheiros que não podiam locomover-se de imediato. A figura de uma bonita e simpática senhora, pertencente ao plano espiritual, surgiu à frente de nosso personagem.

— Seja bem-vindo a nosso grupo de estudos. Pelo que vejo, é a primeira vez que nos visita; não me recordo de tê-lo avistado antes...

— Jesiel é o meu nome, senhora...

— Diva. Chame-me de Diva - atalhou ela, sorridente - seja bem-vindo a nosso grupo, Jesiel. Vamos entrando. - E dirigindo-se aos demais: -

Acomodem-se nos primeiros lugares à frente para que possamos atendê-los, de acordo com a necessidade de cada um. - Em seguida, chamou uma de suas auxiliares, distribuindo algumas tarefas mais urgentes.

— Outro grupo está a caminho daqui. Chegará para os trabalhos da noite; para tal, precisaremos de mais colaboradores. Veja o que poderá conseguir até lá com nossa irmã Maria.

Jesiel, um tanto assombrado com os acontecimentos dos últimos momentos, seguiu as instruções da jovem senhora que atendia na recepção. Adentrou o salão, dirigindo-se às primeiras filas de cadeiras por ela indicadas. Acomodou-se, sem nada perguntar. Observou, nas laterais, pequenos autofalantes instalados que, deduziu, seriam para transmitir a voz de alguém, em hora apropriada, mas, no momento, transmitiam a mesma música que o atraía até o comboio. Emocionou-se com o fato. Notou também que por detrás da mesa à sua frente, havia um microfone e, mais além, um piano. Grande paz brotava em seu ser. Não sentia curiosidade sobre o que aconteceria ali. Desde que subira a bordo, uma tranquilidade tomara conta dele. Um pressentimento de que o estavam levando para o desfecho de algo muito valioso, fazia-o aquietar-se e aguardar, dentro daquela paz nunca sentida antes.

Os colaboradores espirituais da casa traziam seus nomes estampados nos crachás que ostentavam pendurados por um cordão prateado no pescoço.

Movimentavam-se, indo e vindo, orientando os recém-chegados, em lugares determinados e deixando com eles uma espécie de ficha, nas quais eram assentadas algumas informações.

Em determinado momento, outra suave melodia se fez ouvir pelos autofalantes e uma voz feminina iniciou a oração.

— Meus amigos, estamos aqui, uma vez mais reunidos em nome de Jesus, nosso Irmão Maior, para darmos início a mais um trabalho mediúnico, para o qual pedimos a colaboração de todos na oração sincera que nos ligará ao Pai amoroso e bom que tudo pode e que nos concederá os benefícios de acordo com o nosso merecimento. Nestes momentos em que vamos entrar em contato com o plano físico, toda e qualquer preocupação que possa alterar nossa comunicação, deverá ser deixada de lado. É importante que sintonizemos na faixa da vibração desses abnegados colaboradores encarnados, para que possamos usufruir do bem-estar que sempre buscamos aqui. Neste exato momento, eles estão em preces, vibrando por vocês que se encontram, muitas vezes, sem entender a real situação, após a perda do corpo físico. O trabalho de intercâmbio está iniciado, os médiuns estão a postos. Através do nosso gerador de energias, podemos observar que muitos, hoje, poderão ter a bendita oportunidade de dar o seu recado.

Em seguida, perguntou quem estava no recinto pela primeira vez. Alguns deles se manifestaram recebendo, então, o esclarecimento necessário de como funcionava o contato entre os encarnados e os desencarnados.

— Muitos de vocês poderão sair daqui, sem obter o chamado contato com os nossos benfeitores. Para uma comunicação correta é necessário que não se deixem tomar pela emoção. Uma vez conseguida a perfeita sintonia com os médiuns terrenos, procurem falar sobre tudo aquilo que sentem e que lhes aflige a alma! Certamente, haverá entre os voluntários desencarnados que trabalham no plano espiritual, aquele que lhes transmitirá as orientações seguras para a caminhada à verdadeira pátria além daqui. O importante, porém, é a mensagem que receberão através destes nossos trabalhos de intercâmbio com o plano material. A doação de energias dos encarnados, pela vibração amorosa de seus corações nestes momentos, fortalecerá suas mentes e renovará seus Espíritos, para o grande momento da aceitação e entendimento da realidade do mundo em que agora habitam. Nestes nossos encontros, vocês receberão energias de vários tipos, de acordo com a necessidade de cada um e que proporcionarão melhor compreensão do mundo espiritual em que vivem e o porquê desta vinda a este posto de auxílio. Aqui, funcionam vários cursos para todos e de acordo com os interesses de cada um. Possuímos também bibliotecas nas quais poderão consultar suas dúvidas com nossas voluntárias. Aqueles que forem compreendendo o trabalho e se integrando dentro do estudo, poderão, futuramente, prestar colaboração na casa. Assim estarão se fortalecendo cada vez mais para a grande caminhada, definitivamente para o plano espiritual e, quiçá, para o encontro com os familiares. Aprenderão a não chorar a perda de seus corpos materiais, mas sim, a louvar a Deus pela passagem e por mais esta etapa vencida! Como vocês podem sentir, vir a esta casa, orar conosco e doar estes momentos em benefício de si próprios, é bênção que devemos agradecer ao Criador.

Enquanto a oradora explicava o andamento dos trabalhos, Jesiel pôde observar que não era somente o grupo dele que estava sendo recebido naquele local de orações. Chegavam a todo instante verdadeiras caravanas de irmãos que, como ele, precisavam, da orientação, do socorro espiritual para que o entendimento chegasse mais rápido a seus corações! Havia várias salas para as quais os Espíritos recém-chegados eram encaminhados. Crianças, jovens, idosos caminhavam, amparados por familiares, até uma voluntária que os destinava às salas especiais.

Jesiel observava, com curiosidade, tudo aquilo. Vira entrarem alguns jovens cambaleando, crianças ainda, mal podendo manter-se em pé. Eram os drogados. Os olhos muito abertos, as pupilas dilatadas, as mãos retorcidas, formavam um quadro pavoroso.

Estes vinham para um trabalho especial que, talvez, durasse muito tempo para ser concretizado. Eram criaturas ainda muito rebeldes que, por misericórdia divina, encontravam ali, naquele local, o amparo de irmãos dispostos a ceder energias, em prol da saúde espiritual de todos eles. Chegavam aos montes, alheios ao que se passava ao redor. Riam por nada. Suas atitudes eram automáticas. Não sabiam o que se passava à sua volta ou que já haviam deixado o corpo físico, tão embrutecidos estavam pela droga que os consumira.

Jesiel, tão impressionado com o que via, nem se dera conta de que a mensageira se calara. Estava banhada de luz violácea a qual irradiava a todos os presentes, em forma de gotículas que se dissolviam no ambiente.

Imediatamente, na mesa, defronte das cadeiras onde muitos deles se encontravam e também nosso personagem Jesiel, um aparelho, que ali se achava e que passara despercebido até então, deu sinal de transmissão, mostrando, repentinamente, tênue claridade azulada. Semelhante a um computador e fazendo, até mesmo, as vezes de um desses que existem no planeta, através de sua tela, podia-se observar, à medida que a operadora sintonizava os locais de trabalho na casa, o andamento destes. Subitamente, Jesiel estremeceu na cadeira em que se encontrava. Um calafrio percorreu todo o seu corpo. Observara ali na tela do aparelho algo que mexera com seu Espírito, até então em silêncio. Permanecera calado até aquele momento, mas agora, necessitava saber o porquê de o seu nome aparecer escrito juntamente com outros, num livro em cima daquela mesa comprida! (Nesse livro eram colocados os nomes das pessoas desencarnadas para a irradiação de pensamentos positivos por parte dos encarnados, parentes e amigos que pediam preces pelos seus na casa espírita.)

Sem dar-lhe tempo para qualquer pergunta, a mensageira chegou até junto dele e, suavemente, ordenou-lhe:

— Vá, meu amigo. Acompanhe esta energia que irá impulsioná-lo para a comunicação. Recebeu a bênção dos céus! Raramente nossos irmãos conseguem, da primeira vez, entrar em contato com o plano material e, quiçá, com seus familiares! Vá, irmão. Dê o seu recado.

E antes mesmo que Jesiel pudesse responder, sentiu que algo muito forte o arrastava para dentro da sala. Achou-se do outro lado do aposento em que se encontrava momentos antes e, agora, sob forte impressão, lhe saiu da garganta quase que num grito, a exclamação:

— Margarida... Margarida! Então foi você? Foi você quem orou por mim, quem orou por mim?

Imediatamente, Margarida sentiu aquela vibração envolver seu pensamento e sintonizou com o de Jesiel.

— Seria ele? Estaria ele ali, naquele momento? Oh! Deus! Oh! Deus! - e a saudade que sentia há tanto tempo avolumou-se em seu coração! As lágrimas caíram silenciosas por sua face. Por que a lembrança de Jesiel tão forte em seu pensamento naquele instante?

Tomou o lápis que estava sobre a mesa e o papel à sua frente. Sua cabeça começou a rodar... rodar... e ela iniciou a psicografia.

Jesiel permanecia ao lado da amiga, muito emocionado, agradecendo o carinho que ela lhe dedicara antes da sua desencarnação e as tantas vezes que o atendera, quando a doença se manifestara. Dissera que estava bem, porém com muita saudade dos familiares. Contou que o plano espiritual para ele era ainda cheio de surpresas. De repente, prorrompeu em prantos, interrompendo a comunicação.

Margarida, muito emocionada, não queria acreditar no que escrevera. Seria mesmo Jesiel?

Sem condições de continuar comunicando-se, dada a emoção forte que sentiu, ele foi afastado do recinto por amigos generosos que ali se encontravam para prestar auxílio aos companheiros desencarnados. Mais tarde, já refeito das emoções pelas quais passara, ele murmurava com emoção:

— Que bênção, meu Pai! Que bênção, poder dizer aos meus, tudo o que sinto e, principalmente, poder dizer a Margarida muitas coisas acerca da minha nova situação! Voltarei outras vezes, se for permitido... eu não imaginava que tudo seria assim... acho mesmo que ignorava estas coisas! Ah! Como gostaria de ficar por mais tempo, junto dessa doce amiga, das horas calmas da minha vida e das horas de muita angústia!

A mesma força que o impulsionara para dentro da sala de trabalhos, o trouxera de volta ao salão, onde tantos outros companheiros que com ele aportaram à casa espírita, sofriam o mesmo processo energético para que a comunicação acontecesse da melhor forma.

Diva ajudou-o a sentar-se na cadeira. Jesiel, ainda emocionado pelos acontecimentos, deu livre curso às lágrimas. A música invadia o ambiente, trazendo muita emoção para todos. Cada um deles estampava nos olhos a recordação de um passado, de uma etapa da vida terrena, que a morte ceifara. Sentiam-se perdidos; alguns, apegados ainda à matéria.

Foi então que uma infinidade de luzes de cores resplandecentes caíram sobre as cabeças daqueles que aguardavam em estado de graça, pelo atendimento tão necessário aos seus Espíritos.

A música, vinda de todas as direções, envolvia a todos e proporcionava sublime paz aos que agora eram encaminhados às outras salas de trabalhos. Podia-se notar, em seus semblantes, a ansiedade pela comunicação com o plano material. Cada qual carregava um problema diferente: uma profunda dor ou uma grande saudade!

Após o último atendimento e depois de todos servirem-se do precioso líquido que estava na jarra sobre a mesa, foi feita a oração de encerramento pela irmã Maria, que atendia solícita.

Despediram-se, hauridos daquela paz que agora preenchia seus corações. Conhecedores um pouco mais dos porquês da situação em que se encontravam, estavam certos de que, na próxima semana, estariam de regresso novamente naquele abençoado local que os acolhia e lhes transmitia muita fraternidade!

CAPÍTULO III

RETORNO A CABANA

O ciúme não tem preferência. nasce no íntimo do homem ou da mulher. Fruto da paixão, o ciúme de coisas ou pessoas enseja desentendimentos que acabam por afastar aqueles que mais gostaríamos de ter próximos de nós.

Finalmente, o comboio estacionado defronte do prédio e dirigido por Sezinando, pôs-se em movimento, ganhando as ruas da capital. Em breves instantes, que para alguns passageiros pareceu uma eternidade, devido ao estado evolutivo em que cada um deles se situava, penetrou na atmosfera próxima à crosta terrestre, deixando, de quando em quando, alguns passageiros para que buscassem suas moradas. Nosso personagem desembarcou na entrada da mata. O condutor parou o comboio e, com aquela voz autoritária que o caracterizava, exclamou:

– Desça amigo e, na próxima semana, se quiser voltar à casa espírita tem que me esperar aqui.

E assim que Jesiel desembarcou, arrancou o veículo a toda, desaparecendo na curva do caminho.

Fez o mesmo trajeto para voltar a casa, no alto da montanha, onde se refugiara há bastante tempo!

Conhecedor do seu verdadeiro estado, sem entretanto buscar novos horizontes na espiritualidade, foi recolhido após seu desenlace, por amigos e parentes que o conduziram a um pequeno hospital próximo à crosta até que se restabelecesse do choque da passagem. Nos últimos anos de sua vida terrena, sofrerá bastante. E recordou a falta dos bens materiais, que vira escorregar de suas mãos, embora nunca lhe faltasse o ânimo para o trabalho, e tantas outras dificuldades e desilusões. Tudo isso fez com que se tornasse amargo e desiludido! Não tinha ao seu lado aquela companheira que o incentivasse, embora estivessem unidos há mais de vinte anos. Viviam juntos, mas separados, pois não os ligavam os laços do verdadeiro afeto. Este era seu segundo casamento.

Da primeira vez em que se consorciara, era jovem demais. Tinha apenas dezoito anos de idade e sua escolhida, adolescente ainda! Sonhadora, buscava encontrar no, até então namorado, todas as qualidades necessárias para uma vida plena de felicidade! Jesiel não culpava ninguém pela infelicidade que sentira desde os primeiros anos daquele casamento desastroso.

Cecília era moça prendada e criada para o lar. Desempenhara, desde os primeiros momentos, o seu verdadeiro papel. Educada nos melhores colégios da capital, aprendera, com as freiras, todas as prendas domésticas, necessárias para que contraísse um bom matrimônio. Mas fora somente isso. Aquele sentimento nobre que todas as mulheres deveriam possuir aquele carinho nascido da alma, extravasado nos gestos e nos sentimentos para com o ser amado, ela não possuía. Seu Espírito, ainda muito rude, pensava a tudo dominar. Atendia Jesiel em todos os seus desejos, entretanto queria-o só para si. O ciúme doentio que sentia dele, dava ensejo a muitos desentendimentos que culminavam por afastá-lo da sua companhia. Permanecia, então, no trabalho até bem tarde, para não ter que ouvir as queixas de Cecília.

Acabara de entrar, fechando a porta atrás de si. Colocou a lanterna no armário e, como de costume, pendurou o sobretudo no cabide próximo da porta. Em seguida, retirou os sapatos.

Sentou-se em uma cadeira, próximo da janela de onde podia avistar a paisagem encantadora do lugar! Cerrou os olhos, procurando reviver os detalhes vividos naquele dia. Desta vez, nem procurou a companhia do seu inseparável violão.

Seu Espírito, imediatamente, mergulhou nas lembranças que assomaram em sua mente, descortinando, para ele, uma vida de sonhos e ilusões perdidas no tempo e no espaço!

CAPÍTULO IV

A LUTA NOS PLANOS MATERIAIS

As angústias e os desentendimentos aos quais a matéria nos impinge, fazem-nos progredir, quando bem suportadas.

As ruas da capital, àquela hora, estavam congestionadas pelo trânsito. Todas as pessoas apressadas, chegando às casas no horário do meio-dia para, logo em seguida, após um breve descanso, regressar novamente ao trabalho.

Jesiel, a passos largos, parou defronte do portão. Cecília inquieta, o esperava, um tanto mais além da entrada. Os olhos muito negros e grandes faiscavam! Ela, toda eletrizada, braços cruzados à frente, ia e vinha na pequena varanda da entrada da casa. Ao deparar-se com o marido sorridente, chamando-a para que lhe abrisse o portão, pois vinha carregado de embrulhos, desabafou:

— Pensei que você não chegasse mais! - foi dizendo e abrindo com muita força o portão, não disfarçando a angústia que sentia toda vez em que Jesiel se atrasava um pouco. - Como você demorou!

— Foi o trânsito Cecília! Mas estou aqui inteiro. São e salvo!

— Ainda bem, ainda bem! - resmungou ela, recebendo o beijo que ele depositava em sua face.

Entraram. Dentro da casa, dona Eunice, a sogra, terminava de pôr a mesa.

— Ande, Jesiel. Você está um bocado atrasado. Venha almoçar logo. Hoje tenho aquele compromisso na igreja... Cecília irá comigo, como sempre.

— Sim, sim - balbuciou Jesiel dirigindo-se ao banheiro - só um instante, dona Eunice.

Cecília acompanhou-o, permanecendo do lado de fora a crivá-lo de perguntas.

— Por que o atraso? Você saiu no horário ou o Jacinto o prendeu, novamente, no escritório, após o serviço? Sim, porque na semana passada já foi assim, lembra-se? - inquiria, aguçando os ouvidos, tentando ouvir alguma resposta mentirosa. Infernizava, constantemente, a vida de Jesiel com seus ciúmes doentios. Controlava lhe os horários, o trabalho, os colegas. Suas amigas no escritório só podiam ser do sexo masculino. Se alguma mulher lhe telefonava sobre assuntos de trabalho, Cecília fazia tremendo escândalo!

Saiu do banheiro, enxugando as mãos na toalha que ela lhe ofereceu.

— Imagine, até Ariel já foi para o colégio! Você atrasou e, bastante hoje!

— Será possível, Cecília, que você não sabe fazer outra coisa a não ser resmungar sobre o meu atraso? Atrasei pronto. E agora? Vai fazer o quê? Falar até amanhã?

— Chega gente! - advertiu dona Eunice. - Já estamos um bocado sem tempo. Venham sentar-se. A comida vai esfriar!

Jesiel acomodou-se na cabeceira da mesa. Não serviu Cecília, como era seu costume. Estava por demais aborrecido. Todos os dias eram iguais. Os ciúmes da mulher não o deixavam em paz! Brigavam muito. Cenas fortes de discussão eram presenciadas pelo único filho, Ariel, sem entender. Quando Jesiel saía com o menino, levando-o para brincar na pracinha ali perto, Cecília não deixava o filho em paz, no regresso a casa. Crivava-o de perguntas como: "Aonde foram?". "Com quem seu pai se encontrou?". "Com quem conversou"?

— Comigo só, mamãe - respondia o garoto. - Só comigo papai ficou, só comigo papai falou!

Ela então se calava, satisfeita. O filho certamente falava a verdade. Mas não percebia que também ele, apesar de sua tenra idade, estava ficando muito enjoado de tantas e tantas perguntas todas às vezes em que voltava dos passeios com o pai. Chegara mesmo a comentar com Jesiel em uma de suas saídas, tal era o aborrecimento que essas perguntas lhe causavam. E qual o motivo? Ele não entendia. Via no pai o seu amigo, o seu companheiro e aquelas brigas da mãe, acusando Jesiel de algo, o entristeciam demais. Crescendo neste ambiente sem paz Ariel tornara-se arredio. Cecília preocupada em vigiar Jesiel, esquecia-se do filho, o qual necessitava de muito carinho e atenção. Ele passava parte da tarde no colégio e por volta da noitinha, após o jantar sempre servido pela avó Eunice, fazia a lição de casa, geralmente, na companhia desta. Cecília esperava Jesiel chegar do trabalho e inventava alguma coisa para fazerem à noite! Visitar a sogra, uma vez por semana e em dias certos, era um dos programas. E, claro, para queixar-se de Jesiel e de seus horários não cumpridos. Assistir a um bom filme aos sábados e arrematar a noite em alguma casa de lanche também era rotina. Mas Ariel nunca os acompanhava!

Os anos foram se passando. O estado doentio de Cecília foi se agravando, cada vez mais.

Jesiel não era dotado de beleza, mas seu porte elegante e seus modos gentis atraíam a atenção e a simpatia de todos.

Certo dia estava programada uma comemoração na firma onde ele era diretor comercial. Um almoço de confraternização para os funcionários e suas famílias.

Cecília e o filho compareceram. Mas ah! Que escândalo! Uma colega de Jesiel de nome Helena, muito falante, resolveu, para ser agradável, elogiá-lo para Cecília. Contou que estavam trabalhando juntos, num projeto que traria alguns artistas do Rio de Janeiro para uma apresentação na rádio local. Ambos estavam tentando arranjar patrocínio para custear a vinda dos artistas. Esperavam boa temporada.

Cecília mal ouviu as últimas palavras da jovem. Ergueu-se ruborizada, chamou o filho que se divertia com alguns amigos, filhos dos colegas do pai e comunicou a Jesiel que estava indo embora.

— Mas como! Não podemos sair assim, deixar as pessoas! A reunião está uma beleza, todos estão se divertindo. Cecília, por Deus, não vá recomeçar com seus ciúmes!

— Aquela moça, a Helena, contou-me de um projeto onde vocês estão trabalhando juntos. Até agora você não me disse nada. Acha que não tenho o direito de participar de sua vida e de seu trabalho? Estou agora, aqui, com cara de boba. Todos sabem, menos eu!

— Cecília, eu ia lhe contar mais tarde, quando tudo estivesse certo. E depois, isto é assunto de trabalho. Penso não ter muita importância para você... e quantas vezes tentei lhe falar... mas, quando chego em casa, são só cobranças e mais cobranças, porque estou fora do horário. Quer saber mais? Perdi a vontade de falar com você. Estou farto desses ciúmes!

— Não me chame a atenção aqui. Quero ir embora, do contrário faço, já, uma gritaria que você vai ver.

— É próprio de você! Faça, tire o respeito de todos para comigo que, hoje mesmo, rompo com você, deixo a nossa casa. Estou farto, Cecília, farto!

Mas ela deu de ombros, passou a mão no filho que vinha se aproximando e disfarçando a intensa raiva que sentia, despediu-se, dizendo:

— Jesiel vai levar-me, estou um tanto indisposta. Já, já ele regressará ao convívio de vocês. - E virando-se para Jesiel, ameaçou:

— Leva-me já, senão não respondo pelo que poderá acontecer... Dou uma surra nessa sirigaita da sua funcionária, a tal Helena.

Jesiel sabia que Cecília cumpriria o prometido. Com um sorriso sem graça, acenou para os companheiros e partiu, levando Cecília e o filho pelo braço. Ariel sem nada entender do que ocorrera, acompanhou os pais.

Entretanto Jesiel não voltou mais ao local da reunião. Sentia-se arrasado com o que acontecera. Os companheiros de trabalho sabiam a vida que ele levava com a mulher.

Ficou lá, o enorme salão do Clube, alugado para a confraternização das famílias, no local que ele instalara o som para que os colegas promovessem um baile, depois da esperada churrascada.

Assim era sua vida. Sem grandes encantamentos! Uma união totalmente fracassada. Não envidara esforços para tolerar os ciúmes de Cecília, pois dizia a todos que o conheciam que não dava motivos para tal. Levava normalmente a vida, da casa para o trabalho e deste para o lar, se é que se podia chamar de lar, o inferno em que vivia há tanto tempo! Quando menos esperava, Cecília o surpreendia no trabalho, sempre culminando estas visitas em discussões, pois ele sabia que ela fora buscá-lo para vigiá-lo. De quê? Sentia-se enfadado de tudo. Principalmente, da infantilidade de Cecília. Após tantas cenas de ciúmes, ela o procurava arrependida, dentro de uma camisola provocante. Tal atitude deixava-o furioso.

— Não é assim que resolveremos nossos problemas, Cecília. Você precisa de um tratamento sério. Não podemos continuar com esta vida, assim. Não é justo para mim, para nós. Vamos dar um tempo! Estive pensando, seriamente, em ir passar uns dias na casa da minha irmã Denise. Ela é uma pessoa sensata e, certamente, saberá me aconselhar. Você sabe que ela é espírita e recebe aquele protetor com o qual já muitas vezes me aconselhei. Ficarei por lá uns dias e você, então, sem a minha presença poderá colocar as ideias no lugar. Assim não podemos continuar Cecília. Estamos casados há bastante tempo e, nestes anos, não há como dizer que a felicidade mora ao nosso lado. Nós já nos perdemos ao longo desta nossa caminhada... Cecília, eu não mereço estas desconfianças todas e você, agindo assim, está matando o restinho de vida que ainda nos resta! Amanhã mesmo irei ter com Denise. Ela saberá aconselhar o melhor caminho para nós.

Cecília pôs-se chorosa o resto daquele dia, inventando mil maneiras de entender-se com o esposo. Porém este permanecia irredutível. Já não aguentava mais. E ele estava decidido: partiria para a casa da irmã, na manhã seguinte. Antes conversaria com o filho e tentaria explicar-lhe os motivos da sua partida. Certamente, Ariel sofreria, mas ele esperava que o menino, após suas explicações, entendesse seus motivos. Afinal, Ariel já era um homenzinho! Também ele sofreria muito a separação do filho, porém esperava que, nesse meio tempo, Cecília refletisse e procurasse refrear seus ímpetos de ciúme. Afinal, ninguém mais conseguia ter paz naquele lar! Até mesmo dona Eunice, a mãe de Cecília andava muito aborrecida com aquela situação.

Jesiel sempre pensara em mudar-se para uma casa que fosse apenas dele e da mulher. Achava que, talvez estando ele, a mulher e o filho, reunidos em um lar somente deles, Cecília se modificasse um pouco. Longe da influência da sogra, ele acreditava que tudo seria diferente. Cecília, no entanto, relutava, pois não queria deixar a companhia de Eunice. Ambas eram muito afins e desde que o pai de Cecília desencarnara a relação entre ambas estreitou-se mais ainda.

CAPÍTULO V

MAGOA SEM PERDÃO

Uma vez ferida a sensibilidade de um Espírito, nossas imperfeições dificultam a reparação. Perdoar ou aceitar é uma virtude difícil de ser vivenciada.

Naquela noite, Jesiel colocou o filho no carro que comprara não fazia muito tempo e levou-o para dar uma volta ali mesmo por perto. Foram a uma confeitaria e, como dois bons amigos, tomaram sorvete e conversaram. Jesiel, esforçando-se para não demonstrar a dor que sentia por ter que deixá-lo, ainda que temporariamente, conversou longamente com ele. Prometeu que viria buscá-lo nos finais de semana para passear no parque, como faziam sempre, aos domingos.

Ariel fez que entendeu. Para não magoar o pai, procurou ser forte e não derramar lágrima alguma. Na volta para casa, entrou calado. Sentiu que a revolta tomava conta do seu coração, toda vez em que Cecília lhe dirigia a palavra nos dias que se sucederam. Evitava olhar para a mãe. Jesiel se fora na manhã seguinte, após a sua saída para a escola. Fizera de propósito para que o filho não presenciasse a partida e prorrompesse em prantos, tornando o momento mais doloroso. Aí, então, não teria coragem de prosseguir com seu intento. Já não bastavam os palavrões que a mulher lhe dirigiu ao vê-lo arrumar as roupas em uma pequena sacola. Vendo que nada conseguia demovê-lo daquele propósito, ela passou a mão no telefone e chamou o irmão, o único irmão que possuía. Esperava que ele conseguisse fazer com que Jesiel não se fosse. Porém Otávio, este era seu nome, sabedor do terrível gênio de Cecília, respondeu-lhe que era melhor, para ambos, um tempo de reflexão.

— Veja bem - dissera - sempre gostei muito de Jesiel e não gostaria de perder a sua amizade por intromissão em suas vidas. Um afastamento temporário entre vocês será bom, acredite minha irmã. Jesiel conversou muito comigo a respeito de vocês, ainda outro dia. Quer saber? Foi na última reunião dos comerciários; ele estava muito abatido e com o firme propósito de dar um tempo em suas vidas até que as coisas melhorassem entre ambos. Cecília, minha irmã, só tenho a lamentar. Entenda, não quero influenciar nada em suas vidas. O problema é de vocês. Tantas vezes lhe alertei que um dia aconteceria a separação. Nem um homem aguenta tanto, Cecília! Jesiel é um bom homem, trabalhador, amoroso... mas os seus ciúmes, minha cara...

— Está bem, Otávio, não precisa me dizer nada mais. Pensei que você pudesse me ajudar.

Desligou o telefone com raiva, ainda em tempo de correr até a porta e constatar que Jesiel se fora sem um adeus sequer.

— Melhor assim - gritou na porta da rua para que os vizinhos escutassem. - Não vou aceitá-lo nunca mais! Nunca mais volte aqui!

CAPÍTULO VI

OS GRANDES AMORES SÃO ETERNOS!

Almas afins quando se encontram deixam marcas profundas. Difíceis de ser esquecidas.

Margarida deixara o Centro Espírita um tanto atordoada com o que acontecera. Perguntava-se no trajeto da volta para casa, se tudo aquilo que ocorrera não teria sido fruto da sua imaginação? Sempre tivera vontade de que Jesiel viesse, um dia, dar-lhe notícias. Conhecedora de como as coisas se processavam na espiritualidade, esperava, com tranquilidade, esse momento. Sabia que não deveria chamá-lo em pensamentos durante os trabalhos mediúnicos, pois poderia manifestar-se um impostor, um Espírito brincalhão e fazer chacota de seus sentimentos. Colocara seu nome no livro de irradiações, assim que ele desencarnara, para que as preces do grupo o atingissem. Naquele dia, seu pensamento estava apenas atento às mensagens lidas antes dos trabalhos. A dirigente do grupo solicitara a ela que fizesse a leitura e o comentário da página lida do Evangelho e, que se referia a "Perda dos Entes Queridos." Mas ela jurava para si que, em momento algum, pensara em Jesiel.

A felicidade que sentia era tamanha que se recusava acreditar!

— E se eu estiver enganada? Não, não posso pensar assim. Era mesmo Jesiel, a energia que senti foi tão forte... não posso pensar assim... era ele sim... sim!

Havia chegado à praça. Olhou no relógio bem à sua frente, desses que há nos jardins e, certificando-se de que ainda faltava algum tempo para o cair da tarde, procurou um banco. Necessitava descansar e pensar! Pensar e recordar! Quantas vezes a caminho de casa, de volta do trabalho, olhava os carros nas ruas e, se algum se parecia com o de Jesiel, seu coração sobressaltava-se para, logo em seguida, se dar conta de que nunca mais o veria, de que nunca mais o encontraria! Como a vida lhe fora ingrata! Por diversas vezes, aquele homem cruzara seu caminho e, por diversas vezes, o perdera. O perdera por opção. Renunciara àquele amor do tamanho do mundo, não sem lágrimas, não sem sofrimentos! Sempre jogando para mais tarde a alegria de viver ao seu lado.

Cerrou os olhos por alguns instantes, vivendo o passado que ainda estava tão presente em suas recordações. Sabia que não devia fazê-lo. As lembranças vividas há tanto tempo só a faziam sofrer. Agora era tarde demais. De que lhe adiantava pensar e pensar, se o tempo que perdera em renúncias e dedicação aos familiares se fora e, por mais que quisesse, não voltaria jamais? O amor que sentira por Jesiel fora impetuoso, irrefletido mesmo, por ambos. Jesiel, preso ainda à esposa, tão complicada e ciumenta, vira em Margarida, desde o primeiro instante em que a conhecera alguém que completaria sua vida tão sem sentido, desde há muito!

Os minutos passavam céleres e os primeiros sinais de que a noite se aproximava já se faziam próximos. Mas, para Margarida, sentada ali na praça, as horas não tinham importância. Via à sua frente apenas a figura ainda jovem de Jesiel, saindo das brumas de um passado longínquo, sem dizer-lhe palavra alguma, quase encostando em sua face um pedaço de papel e que, surpresa, obrigou-se a ler, pensando tratar-se de algo referente ao seu próximo trabalho, pois era enfermeira no hospital perto do trabalho de Jesiel e, por vezes, encontravam-se na lanchonete, que ele e alguns colegas costumavam frequentar.

Nascera, então, uma amizade descontraída entre todos, cada qual falando um pouco de si. Era somente isso e nada mais. Margarida tinha um namorado que, raras vezes, aparecia para acompanhá-la no horário das refeições. Estava sempre às voltas com algo que dizia ter mais importância do que as palavras jogadas fora, naquelas ocasiões. Como estudante, ele tinha seus momentos de estudos, de conferências e de lazer que, certamente, não eram os mesmos de Margarida. Eram pessoas de gostos e anseios diferentes, mas se queriam bem. Estavam comprometidos e sabiam que, um dia, se casariam. Ela esperava apenas que André, esse era o seu nome, concluísse o curso de medicina, que estava prestes a findar, para que o matrimônio acontecesse.

Margarida sonhava com um lar repleto de crianças. Idealizara, em sua cabecinha sonhadora, uma forma de vida que fugia um pouco da realidade. Era romântica, transparecia em seus gestos muita delicadeza e sonhava, sonhava demais! Todos no hospital a conheciam e lhe queriam bem.

Jesiel dera seu recado, num simples pedaço de papel: "Guarda bem estas palavras em seu coração e não diga a ninguém. Eu lhe quero muito!"

Assustada diante daquela confissão, assim repentina, não conseguiu entender o gesto de Jesiel. Via-o constantemente, mas não percebera os sentimentos que dizia ter para com ela. Olhou-o temerosa. Corou envergonhada, com a revelação. Nunca pensara em Jesiel. Não daquela maneira! Sentiu como se houvessem penetrado em algo proibido, em seu ser. Olhou demoradamente para o homem à sua frente, fisionomia ansiosa pela sua reação.

— O que é isto? Uma brincadeira de mau gosto? - pensou.

Levantou-se do lugar onde se encontrava sentada, passou por ele rápida, encabulada com tudo aquilo! Procurou a porta que dava saída para a sacada da lanchonete que ficava no primeiro andar. Ali permaneceu por alguns minutos para refazer-se do susto que tomara com a revelação. André havia combinado encontrar-se com ela para almoçarem juntos, mas, como sempre, se atrasara e ela ficara só. Diante do ocorrido, procurou refugiar-se ali, de onde podia observar a chegada de André. Quando percebeu que ele vinha descendo a avenida, saiu em desabalada corrida ao seu encontro. Deu-lhe o costumeiro beijo, quase implorando para que ele não se atrasasse mais. Ela não gostava de esperá-lo assim, até muito tarde.

— Da próxima vez, se você não estiver aqui no horário combinado, vou embora mesmo! - advertiu-o, aborrecida.

Não estava brincando, não! Nos dias que se seguiram, procurou evitar a presença de Jesiel. Não fora mais àquela lanchonete.

CAPÍTULO VII

ESPERANÇAS DE JESIEL!

Pela maneira de encarar a vida, o homem pode aumentar ou resumir suas amarguras.

Haviam se passado alguns meses nos quais Margarida se afundara no trabalho, para esquecer o ocorrido. Trabalhava dia e noite, cumprindo alguns plantões e saindo assim, bem mais tarde, para o caminho de casa.

Jesiel, apesar do afastamento de Margarida, continuava amando-a muito e seus pensamentos eram só para ela. Estava separado de Cecília, ao lado de quem, imaginava, não voltaria mais a conviver. Quando encontrara Margarida, sentira-se atraído, primeiro por sua meiguice, por seus gestos delicados e sua maneira peculiar de falar. Nos diálogos que trocavam, durante os almoços com os colegas, estava sempre a observá-la e perguntava-se, intimamente, onde foi que a vira? Margarida lhe parecia tão familiar! A cada dia que passava, mais e mais ele sabia que não poderia viver sem a sua presença. Mas ela precisava saber disso e, certamente, ele a conquistaria, sim. Tinha certeza de que ela nascera para viver ao seu lado. Por precipitação de adolescente, fizera aquele casamento desastroso com Cecília, tempos atrás. Agora, agradecia aos céus a liberdade de que desfrutava. Sentia-se em paz, pois tudo fizera para conservar aquela união. Não fora culpa sua e sim dos ciúmes doentios de Cecília. Tentara tudo, mas não fora possível! Ao lado de Margarida, sentia-se feliz, voltara a sorrir novamente. Bendizia o amanhecer, como um adolescente, pois sabia que logo mais, no horário do almoço, a encontraria, ainda que apenas como amigo. André, o namorado de Margarida, raramente estava com eles. Fato este que Jesiel não entendia. Chegara a comentar com a jovem. Achava que ele não amava o suficiente para contrair matrimônio...

— Vocês são tão diferentes. É estranho esse comportamento de seu noivo. Quase não tem tempo para você...

Margarida desculpava-se:

— André é muito ocupado e seus estudos lhe tomam muito do tempo que poderia dedicar a mim. Estou preparada, Jesiel, para ser esposa de um médico. E preciso ter muito espírito de renúncia para casar se com um médico. Eu acho que estou preparada, sim. Também tenho minha profissão e não pretendo abandoná-la por nada deste mundo. André sabe disso.

Uma tarde, quase ao cair da noite, resolveu esperá-la, na saída do trabalho. Estava louco, desesperado por vê-la!

— Eu lhe quero muito, muito, Margarida! Acredite, por favor, meus sentimentos são sinceros.

Ante a surpresa do encontro, a jovem retrucou:

— Jesiel, eu não esperava encontrá-lo aqui e agora. Neste momento, estou indo para casa. Não posso me demorar. Outro dia conversaremos.

— Onde está André? Não pôde acompanhá-la novamente? - inquiriu insistente Jesiel, querendo provar a ela uma vez mais que estava correto em suas deduções: O namorado não a amava!

— André viajou para um congresso - respondeu contrariada, diante da insinuação de Jesiel.

— Então poderemos conversar em algum lugar. Eu a levo em casa depois, não se preocupe.

— Está bem, Jesiel, você venceu. Então vamos a uma lanchonete. Estou louca para tomar um café! E, por favor, fale tudo agora, Jesiel. Diga tudo que tem para dizer e me deixe em paz depois.

— Tudo bem!- respondeu com um largo sorriso de satisfação. - Venha comigo, vamos pegar meu carro que está aqui perto. Vamos a um lugar menos conhecido. Quero estar a sós com você, preciso lhe falar muito, muito.

Margarida seguiu o amigo, levada por uma sensação desconhecida. Seria por tanta insistência de Jesiel que seu coração se sobressaltara e um brilho estranho nos olhos aparecera? Pareceu-lhe já ter vivido uma situação semelhante em algum lugar. Tentou, mas não conseguiu lembrar-se. Estaria mesmo disposta a dispensá-lo, definitivamente, de seu caminho?

Andava, ultimamente, com o coração em sobressalto e com o pensamento, de vez em quando, voltado para Jesiel. Não queria, mas acontecia. Sua figura perturbava-lhe a mente. Sabia que não era correto, mas algo mais forte a levava a, constantemente, pensar no rapaz. Fazia comparações sim, entre ele e André, embora não fosse esse o seu desejo. Jesiel tinha razão quando dizia a ela que André não a amava. Não da forma como ele próprio lhe queria! Tão frio, tão egoísta em seus gestos, tão dominador, a última palavra era sempre a dele. Mas ela, Margarida, via no rapaz, alguém mais que um namorado, um protetor e que poderia proporcionar-lhe um futuro seguro. Órfãos desde muito pequeninos, foram criados por uma tia, ela e o irmão Pedro. A vida era de muita dificuldade para todos. A duras penas, conseguiu formar-se em enfermagem e, agora, com o que ganhava, auxiliava nos estudos do irmão que conseguira passar no vestibular de medicina há dois anos.

André ajudava Pedro em tudo de que ele necessitava para prosseguir o curso que escolhera. Então, ela não podia fraquejar. Não era correto enganar André. Ela não queria, não podia... mas, por que Jesiel insistia? Seu coração queria saltar do peito, suas mãos tremiam. Nunca sentira emoções assim, antes. Com André, tudo parecia tão certo. Tinha o seu trabalho no hospital, dedicava-se, além do dever, aos doentes que lhe eram confiados. Tratava-os com amor fora do comum. Era um anjo de candura, como diziam todos que a conheciam! Porém nada saía da costumeira rotina do trabalho que escolhera. André a entendia e sabia que poderia contar com ela em qualquer ocasião. Mesmo quando desmarcava algum encontro, sabia que contava com a sua indulgência. E, agora, Jesiel aparecia para confundir-lhe os pensamentos. Estivera feliz, até então? Ou pensava ser feliz?

Jesiel rodava o carro devagarzinho, procurando algum lugar onde pudessem fazer um lanche. Queria estar a sós com ela. De repente, uma ideia lhe surgiu. Por que uma lanchonete? Poderiam lancher ali mesmo, no carro. Estacionaria no pátio de uma dessas casas de lanche ao ar livre e, ali mesmo, dentro do carro, seriam servidos. Poderiam, então, conversar à luz mortíça dos postes que iluminavam as ruas. Não seriam reconhecidos por ninguém e ficariam mais à vontade. Margarida concordou. Era tudo o que ela mais queria naquele instante: lancher e colocar um ponto final nas pretensões de Jesiel. Rodaram um pouco mais, até encontrar a lanchonete. Estacionaram em um recanto sossegado. Margarida permaneceu em silêncio, enquanto Jesiel fazia o pedido, não sem antes perguntar o que ela desejava. Não pôde deixar de fazer comparações. André não teria consultado sua preferência. Era sempre ele quem comandava tudo. Escolhia os pratos no restaurante e mandava servir. Nunca perguntava seu gosto. Ela acostumara-se assim, sem nada exigir. Tudo estava bem e ficaria, realmente, bem, não fosse o aparecimento de Jesiel para confundir sua cabeça tão certinha. Quando se deu conta, Jesiel passou o braço por sobre seu ombro, puxando-a para si.

— Amo-a Margarida... eu lhe quero muito! - E, tomado por incontrolável sentimento, beijou-a, demoradamente.

Surpresa, ela não resistiu ao abraço e ao beijo. A emoção que sentiu, ao perceber o calor de seus lábios fez com que se entregasse, sem pensar em mais nada, a não ser naquele momento maravilhoso, nunca vivido antes. Sim, amava aquele homem. Amava aquele homem, com todas as forças de sua alma. Era evidente. Não poderia negar. Entendera, naquele instante, que não poderia mais lutar com seus sentimentos. Tudo aflorara ao contato das mãos dele em seu ombro, dos lábios dele nos seus. Era como se estivesse vivendo, pela segunda vez aquela emoção. Mas como?

Entregou-se, plenamente. Não pensou em mais nada. Procurou viver intensamente aquele amor nos dias que se seguiram, também. Jesiel esperava-a, ao cair da tarde, defronte do seu trabalho e, juntos, rodavam pela cidade até encontrar um cantinho que os acolhesse e onde pudessem estar sossegados, longe dos olhares curiosos dos transeuntes. Margarida sabia que teria que enfrentar André, mais cedo ou mais tarde.

Sentia-se tranquila naquele momento, pois André ainda se demoraria fora por muito tempo. E como era maravilhoso pensar naquele sentimento que estava adormecido em seu coração e, num repente, explodira, parecendo que sempre existira.

A cada gesto de Jesiel, era como se ela já o conhecesse de há muito! Que sensação maravilhosa aquela de estar todos os dias ao seu lado e de reconhecer o verdadeiro amor. O que sentira tanto tempo por André sabia agora, era apenas uma grande amizade. Acostumara-se a sua presença. Esta era a grande verdade. Quando o vira pela primeira vez, entendera que aquele sentimento de admiração pelo seu caráter e seu trabalho fosse amor. E ele demonstrara, desde o primeiro instante, real admiração e cuidados para com ela.

Margarida estava saindo de uma pneumonia dupla. Estivera internada, por alguns dias, no mesmo hospital em que trabalhavam, sem que antes o relacionamento de ambos fosse tão estreito. A partir do dia em que André, com alguns colegas, fora a seu quarto para ver o resultado de alguns exames que fizera, o seu interesse por ela tomou outro rumo. Todos os dias, fazia a costumeira visita, como estagiário do hospital, em seu quarto, e dava sérias recomendações para que se cuidasse. Assim, foi conhecendo parte da vida e do trabalho dele dentro do hospital. Com o seu completo restabelecimento, o interesse de André tomou novos rumos. Começou a levá-la para casa após o horário, quis conhecer a família dela e, muitas vezes, a convite de Louise, sua tia, ficava até mais tarde. Parecia a Margarida que ele se sentia muito só. Contara que perdera os pais e a única irmã em um desastre aéreo, quando faziam uma excursão para o exterior, deixando-lhe, assim, uma grande lacuna na vida. Por estranha coincidência, também morava com uma tia, irmã da mãe. Relatara que ela costumava dizer:

— Deus não quis deixar-me só, após a morte de meu marido e mandou-me este anjo para alegrar minha solidão. Só faço agradecer todos os dias por este presente dos céus - contava e ria muito, achando que a tia o mimava demasiado.

E as visitas foram se sucedendo. Uma tarde de domingo, telefonara a Margarida que ia passar em sua casa, para que ela conhecesse sua tia Leonora. Foi uma correria. Margarida avisara sobre a visita de André.

— Meu Deus! Não temos nada para oferecer a eles, nem um bolo fizemos hoje! Trazendo a tia para nos conhecer, que quer este rapaz, de fato, com você, minha filha? Isto está me parecendo namoro!

— Qual nada, minha tia. André é assim mesmo, pouco se comunica e, muitas vezes, temos que adivinhar seus pensamentos. Creio que é mesmo falta de uma família ou de alguém que o compreenda fora do local de trabalho. A senhora não percebeu como ele gosta de saborear seu famoso bolo de fubá? André sente falta dessas coisas simples, titia. Dona Leonora, sua tia, segundo ele, não é prendada na cozinha. Sempre trabalhou fora. E por isso que ele gostou tanto da senhora e apegou-se demais a Pedro. O de que André necessita é mesmo uma família. Sinto que ele é muito só. - Completou a jovem, depositando um beijo na face de Louise

— Então, vamos nos arrumar para recebê-los, minha querida - sorriu a tia, encaminhando-se para o quarto.

E, assim, as coisas foram se sucedendo. Quando Margarida percebeu, estava enredada no afeto de André. Ela e o irmão lhe queriam muito. Percebera que André tinha especial admiração por seu irmão. Estudavam na mesma faculdade, e André, embora estivesse à beira da formatura, alimentava muitos planos para Pedro. Pensavam trabalhar na mesma área futuramente.

— Sabe, minha irmã, se não fosse o apoio de André não sei se me sairia bem nos estudos. Somos pobres e você gasta metade de seus ganhos com a minha faculdade. Tenho remorso por isso, não posso sequer ajudá-la...

— Lá vem você outra vez com estes lamentos? Já lhe falei tantas vezes que, um dia, tudo se findará e teremos vida melhor. Agora terá que ser assim. Vivemos aqui na casa da titia e pouco também podemos contribuir, apesar de que ela nos quer bem e nos trata como filhos. Seremos eternamente gratos a ela por tudo o que nos proporciona. Ela nos diz sempre que nada é por acaso e que, se estamos colocados em seu lar nesta encarnação, é porque assim era preciso. Temos dívidas do passado a saldar. Noto que muitas vezes, você, meu irmão, está depressivo. Isso não é bom. Quero vê-lo formado e proporcionando muita alegria para nós. Tia Louise sempre nos diz que estamos no lugar de que precisamos para a nossa evolução e que possuímos tudo, de acordo com as nossas necessidades. O resto teremos que fazer através do nosso esforço, da nossa compreensão das coisas que forem nos acontecendo.

— Você tem razão, minha irmã - retrucou Pedro com um novo brilho nos olhos - meus pensamentos, às vezes, me atrapalham e busco então trocar ideias com André. Sabe, Margarida, ele, para mim, é como um irmão mais velho ou mesmo o pai que não tivemos por muito tempo! Outro dia, tia Louise me disse uma coisa muito acertada: que nós podemos modificar o nosso caminho e tudo aquilo que nos rodeia, pois o nosso destino está, constantemente, em nossas mãos. Mas, antes, teremos que analisar, observar e compreender o que é melhor para nós, dentro, é claro, do bem. Você também acha que é assim?

Antes de responder ao irmão, Margarida ficou pensativa. Ela mesma havia reprogramado sua vida desde que encontrara André. Até ali vivera sem muita expectativa. Sua maior preocupação era Pedro. Poucos anos mais velha que ele, considerava-o como filho. Viviam apenas os dois sozinhos no mundo e se não fosse o oferecimento da tia para que morassem com ela, certamente estariam separados, cada qual em algum lugar distante, vivendo da caridade de algum outro parente. Agradecia aos céus, diariamente. Louise acolhera os dois irmãos, por ocasião da desencarnação de seus pais, como se fossem seus filhos e tudo fazia para torná-los pessoas de bem. Conhecera André e se apegara a ele e quando percebeu que ele a queria para esposa, acreditou que poderia mudar seu destino e o de Pedro. Agora respirava aliviada, pois sabia que um médico teria facilidades financeiras no futuro e ela poderia, então, garantir os estudos do irmão. E, além disso, até então, achava que seu coração estava tranquilo e, que amor era aquele sentimento que nutria por André. Não conhecera ninguém, além de André, e sua tia Louise também achava que Deus o colocara em seu caminho, na certeza de que esse era o correto para ela trilhar. André se apegara demais a Pedro. Ambos tinham perdido os pais na juventude; as histórias se pareciam. Para as tias de ambos, esse era o destino certo. O resto Margarida planejou, sim. Se Deus o colocara em seu caminho, por que não encaminhar Pedro a quem ela tanto amava? Mas e agora? Jesiel surgira e tomara conta de todo seu destino. Já não conseguia ordenar as ideias, como antigamente. Não estava tão precisa em suas atitudes.

— Penso, realmente, que tia Louise tem razão. Já não sei pensar de outra forma. E isso mesmo Pedro, podemos mudar o nosso destino com nossas atitudes, porém elas terão que ser boas. Teremos que ser honestos em nossos propósitos. Seja como for, precisamos usar de sinceridade em tudo que fazemos - respondeu a jovem, pensando em como se sentia envolvida com Jesiel. Teria que ser verdadeira com André, não poderia enganá-lo por muito tempo. Margarida gostava de fazer tudo às claras e aquele romance, iniciado com tamanha impetuosidade entre ela e Jesiel, queimava seu coração. Precisava contá-lo à tia, aconselhar-se, tomar um rumo definitivo em sua vida.

— Ah! Deus, por que foi acontecer tamanho amor na minha vida? - perguntava-se. Parecia ouvir, naquele momento, a voz de Jesiel, a sussurrar-lhe palavras carinhosas jamais pronunciadas por André. Eram tão diferentes! André, sempre tão certo, ensinando-lhe tudo e a todo o momento! Jesiel demonstrava que tudo o que ela fazia ou dizia, deixava-o feliz! Para ele, Margarida era o complemento da sua vida. Valorizava cada minuto ao lado dela. Era amante carinhoso, tudo fazendo para torná-la feliz. Compreendia cada pensamento seu! Completavam-se de uma forma muito especial. Margarida já não podia conceber a vida sem Jesiel.

CAPÍTULO VIII

O DILEMA DE MARGARIDA

Muitas vezes erramos pela falta de tolerância com aqueles que estão ao nosso lado.

O tempo corria rapidamente. André já voltara da viagem e sua formatura acontecera, naquele final de ano. Estava muito feliz com este acontecimento, para notar a transformação de Margarida, sempre desculpando-se e esquivando-se aos encontros com ele. Como seu trabalho no hospital lhe tomava quase todo o tempo, não se importava, pois, na realidade, sempre fora assim, pouco se viam e cada qual tinha seus compromissos dentro daquela casa de saúde.

Margarida continuou encontrando-se com Jesiel até o momento em que André lhe pediu para marcar a data do casamento. Teria que tomar uma decisão.

Achava errado o seu procedimento. Não queria magoar André e nem decepcionar Pedro.

Aos poucos, foi encontrando forças para ter uma conversa definitiva com Jesiel. Ela sabia que o rapaz estava passando também por um grande sofrimento e de como era sua vida, longe do carinho do filho Ariel a quem via muito pouco. Ultimamente, os seus encontros já não eram os mesmos. Passavam quase todo o tempo falando de suas vidas e do que ficara para trás. Ela tinha certeza de que a separação entre ambos seria inevitável, apesar do grande amor que os unia. Era somente uma questão de tempo.

Jesiel lhe contava que o filho passava as tardes no colégio, estudando e, por esse motivo, via-o apenas nos finais de semana, quando então Ariel reclamava sua ausência. Estava se tornando um adolescente e necessitava da atenção do pai. Tornara-se melancólico. Não fazia as tarefas passadas na escola e nem se importava com as que trazia para casa. Vivia em constantes desentendimentos com a mãe. Estava mesmo, em vias de perder o ano. Mudara seu comportamento, totalmente. Muito agressivo com Cecília, julgava ser ela a causadora do afastamento do pai, do lar.

A presença paterna era importante na vida dele. As visitas se tornaram raras e os telefonemas do pai para ele, não eram tão precisos como antigamente. Desde que Jesiel apaixonara-se por Margarida, aquele amor impetuoso o consumia, não deixando lugar para mais nada. Agia como se fosse um adolescente, em sua primeira paixão. Não se esquecera do filho, certamente. Queria-lhe muito, porém o trabalho e os encontros com Margarida tomavam muito do seu tempo. Além disso, Ariel mostrava-se sempre irônico quando vinha ao telefone falar com o pai. Não sentia vontade de conversar, limitava-se apenas a algumas frases lacônicas que deixavam muita coisa no ar, uma espécie de insulto velado, que muito o aborrecia.

Ao lado de Margarida, Jesiel sentia-se renovado e feliz! Qualquer coisa que o fizesse lembrar-se de Cecília, o aborrecia demasiado. Ariel, ultimamente, cobrava muito a sua ausência do lar. Queria que ele e a mãe tentassem uma reconciliação. Um dos últimos encontros que tiveram, pai e filho, fora uma tragédia. Cecília viera até a porta, acompanhando Ariel e ao avistar o ex-marido com a aparência jovial e a felicidade estampada no rosto, iniciou uma provocação que não ficou sem revide. Esqueceram-se de que deveriam controlar seus sentimentos na presença de Ariel e de que ele fora até ali, somente para apanhá-lo, a fim de passarem juntos o final de semana.

O menino não se conteve. Ao presenciar as agressões dos pais, prorrompeu em prantos.

— Vocês pensam que eu sou o quê? Vivem para discutir, não se perdoam e nem procuram ser felizes quando é tão fácil querer este entendimento. Basta que pensem um pouco em mim. Vocês não gostam de mim; são dois egoístas. Se fossem pais de verdade, teriam superado isto. Por acaso vocês nunca imaginaram que eu gostaria de ter um lar, como qualquer criança? Com pai e mãe dentro dele? Ah! Deus, como sou desgraçado - gritava o menino em prantos - quando penso na minha situação tenho vontade de jogar-me em um rio e acabar com a minha vida! Meu Deus é tão fácil vocês se entenderem. É tão fácil! É só olhar a vida aí fora e ver o que temos aqui dentro. Vocês são dois monstros que só se preocupam com vocês! Eu não aguento mais! Todos os meus amigos têm pai e mãe. Ah! Como sou infeliz! - E correu para dentro da casa, esbravejando e assustando a avó que se encontrava terminando seus afazeres matinais.

Jesiel, tomado de surpresa ante a atitude do filho, não soube o que fazer. Em vão, procurou trazê-lo de volta para seu lado. Tudo inútil. Os dias que se seguiram foram de muita dor. Na realidade, Jesiel não lembrava de ver o filho tão magoado e infeliz como agora! Parecia-lhe que Ariel havia superado a separação deles, pois se mostrava sempre tão equilibrado. E agora, seria por que estava entrando na adolescência e se sentia diferente dos outros meninos?

Fazendo um retrospecto de tudo o que vivera com Cecília, não lhe ocorria nada parecido. Tinha certeza de que arruinara a vida de Ariel. Se algum dia foram uma família, esta agora já não existia mais.

Não se enganem aqueles que pensam que os filhos ficam bem com o lar desfeito! Algo dentro deles se rompe. A revolta toma conta de seus coraçõezinhos! Ficam divididos, inseguros, perguntando-se onde os levará esta situação? A mulher é o esteio do lar e ambos, marido e mulher devem procurar contornar as situações difíceis, exemplificar acima de tudo a tolerância e o respeito, para que os filhos cresçam sabendo que podem contar sempre com o amparo dos pais e não viver com a sensação de abandono, insegurança pelos deslizes dos adultos que na maioria das vezes estão despreparados para o casamento. Ah! Se todos os pais compreendessem essa sagrada missão e que um dia terão de responder perante Deus pela negligência de seus atos.

Ariel afastou-se do pai. Por muito tempo, deixou de atender seus telefonemas, queria castigá-lo. Cecília, apavorada com essa situação, chamava Jesiel ao seu antigo lar, exigindo a sua presença, pois não conseguia mais contornar as investidas de Ariel contra sua pessoa. Tornara-se adolescente e rebelde, chegando por várias vezes a agredi-la, com chutes e pontapés em suas pernas. Pedira, em prantos, a Jesiel que voltasse. Prometia acabar com aqueles ciúmes doentios que possuía no passado. Dissera a Jesiel que o afastamento dele fora muito proveitoso.

Realmente, a falta do pai, fazia Ariel sentir-se perdido. No entender de Cecília, ele precisava do pulso forte do pai, para orientá-lo.

Jesiel, apesar dos apelos de Cecília, não acreditou na sua transformação. Naquela noite não conseguiu conciliar o sono. A fisionomia de Ariel e suas palavras não lhe saíam do pensamento

— Meu Deus! Que fiz da vida de meu filho? Ariel era um menino alegre, companheiro, compreensivo... - e o pranto rolou por sobre seu rosto, até que o sono o surpreendeu tarde da noite.

CAPÍTULO IX

FINALMENTE A DECISÃO

Nos momentos angustiosos, as orações são sempre as melhores companhias.

Margarida, finalmente, se decidira. Conversaria com Jesiel e, em face de tantos problemas pelos quais ele e ela estavam passando, insistindo naquele amor que significava tudo para ambos, percebia que não era ainda o momento de permanecerem juntos. A separação seria dolorosa, mas necessária. Conhecedora de alguns princípios da doutrina espírita, entendia que tudo aquilo que passavam, era indispensável para o progresso moral de ambos. Não podiam fugir dos compromissos assumidos. Seus destinos estavam traçados; teriam, agora, que buscar forças para o afastamento. Após ouvi-la, Jesiel argumentou:

— Margarida! Margarida eu a amo demais. Não sei viver mais sem a sua presença...

— Eu também lhe quero muito, Jesiel! Meu coração bate forte toda vez que estou ao seu lado. Porém esta situação entre nós não está correta. Você ainda não se desligou totalmente de Cecília. Seu filho Ariel é um bem precioso que Deus colocou em seu regaço, meu bom e querido amigo! Permita-me chamá-lo assim, de agora em diante! - Havia em seus olhos uma sombra de grande dor. - Estou para tomar esta resolução, há bastante tempo! Tenho refletido muito e este nosso amor não está nos fazendo bem... deixa uma sensação de que não estamos procedendo corretamente... Tenho certeza de que este meu compromisso com André está delimitado desde há muito na espiritualidade. Quero deixá-lo, contar a ele sobre nós, mas algo, dentro de mim, me impede de prosseguir...

— Margarida, você não está casada com ele!

- quase gritou Jesiel, completamente descontrolado

- você é apenas sua namorada ou noiva, se quiser!

— Jesiel, ouça-me. - E tomando, delicadamente, as mãos dele entre as suas, fê-lo sentar-se no banco do jardim da praça onde estavam conversando. - Antes de conhecê-lo, minha vida era tranquila e tudo estava seguindo um traçado. Fizemos planos eu e André, incluindo Pedro, meu irmão, em nossos projetos. Você não ignora que André ajuda, financeiramente, a Pedro, com os estudos. E ele para mim é mais que um irmão!

Sinto-me responsável por ele. É como se fosse meu filho que a morte de meus pais me confiou. E se eu romper com André, estarei também rompendo com Pedro e arruinando o seu futuro... Sinto que tenho este compromisso com meu irmão! E você, Jesiel, não deixe seu filho desamparado! Volte para Cecília e tente uma vida nova ao lado dela! Caminhem mais um pouco juntos, ao menos até que seu filho se sinta mais adulto, fortalecido pela sua presença e pelo amor que você lhe dará. Vamos fazer um pacto? Quem sabe, lá adiante, a vida nos devolva este amor, de uma outra forma?

Seu rosto estava banhado em lágrimas. As mãos de Jesiel tremiam. Num repente, abraçou-a demoradamente, rompendo em soluços altos que assustaram Margarida.

— Não... não faça assim, meu amor... Não se deixe abater... Ajude-me também a superar esta fase tão dolorida para nós!

Ah! Deus. Que sentimento maravilhoso aquele que unia aquelas duas almas e seria capaz de transpor o infinito! Almas que se queriam e se apartavam porque entendiam o significado do verdadeiro amor!

Jesiel sabia que deveria sacrificar-se pelo filho. Mas daria tempo ainda de salvá-lo?

E Margarida tinha o direito de arruinar a vida e os estudos de Pedro? E André não sofreria também? Ela não o amava da forma como amava Jesiel. Tinha certeza de que haviam se reencontrado nesta vida atual, mas que teriam que viver separados para cumprir o destino traçado no além. Era tamanha a afinidade de suas almas que não deixava dúvidas. Mas... qual seria, agora, o verdadeiro amor?

— Meu Deus! Ajuda-me nesta decisão. Faze com que eu não sinta tanto a perda de Jesiel! - balbuciou, entre soluços, Margarida.

Ficaram assim abraçados por longo tempo, como que buscando novas energias para prosseguir a caminhada. Ambos entendiam da Doutrina Espírita e sabiam que estavam desviando-se da programação que trouxeram para a Terra! Teriam que cumpri-la a todo custo.

Jesiel desvencilhou-se dos braços de Margarida. Levou as mãos ao pescoço, retirando dele a corrente com uma estrela-guia, que trazia consigo presente de sua mãe, desde os tempos de menino. Colocou-a em Margarida.

— Que é isso? - inquiriu a jovem, tomada de profunda emoção.

— Não é um presente, não. Sou eu que estou em você. - E cobriu-a de beijos.

A partir daquele momento, Margarida carregou o pequeno adorno, sem um instante sequer separar-se dele.

CAPÍTULO X

AS NUPCIAS

AS uniões, para serem duradouras, terão que contar com a consciência e o sentimento de que estão possuídos os espíritos.

A casa de Louise ficava distante alguns minutos do centro da cidade. Um lugar onde a natureza privilegiara com bastante arvoredo e, portanto, convidativo ao descanso. Seu Manoel, o jardineiro contratado por ela, limpava, com afinco, o mato que circundava os arredores do jardim que de há muito não era cuidado. Agora havia um motivo especial para todo este trabalho com o solo. As azáleas que se mostravam carregadas de botões, alguns querendo florir, recebiam um trato muito especial. Finalmente, Margarida e André se casariam. Os Espíritos encarregados de sua proteção, tudo faziam também para auxiliá-la. O desespero de que se viu possuída sua alma com a aproximação da data, comovia até o plano espiritual, pois sabiam o quanto ela e Jesiel eram almas afins! André, exultante, participava a chegada do grande dia aos colegas do hospital. Ali mesmo na casa de Louise, ante a presença do juiz e do cartorário, realizou-se a cerimônia. Louise reservara a saleta que dava para o jardim e ali arrumara a mesa onde se sentariam o juiz e o tabelião, para a realização do casamento dos jovens.

Margarida ficara em seu quarto até o momento final. Orava, suplicando forças para entrar nesta nova fase de sua vida e poder trazer felicidade a André a quem ela também amava. Às dez horas daquela linda e ensolarada manhã de abril, eles selaram o compromisso ante a presença dos amigos mais íntimos e de alguns parentes. E, após um pequeno coquetel, rumaram para o Rio Grande do Sul onde ficariam alguns dias em uma estância no interior do estado. Aproveitariam também para conhecer a capital, fazendo algumas compras; lembrancinhas às tias e a Pedro. André contatou também alguns colegas que lá viviam, solicitando-lhes algumas orientações sobre alguns aparelhos que compraria para o consultório que pretendia montar, assim que regressassem.

Margarida participava de tudo, ajudando-o como sempre em suas decisões. Determinou viver sem pensar no passado. Jesiel ficara para trás. E para que sua cabecinha permanecesse ocupada constantemente, comunicou a André que voltaria a estudar. Quem sabe, tentaria um vestibular de medicina, para o ano?! Dessa forma, seus dias e horas seriam todos preenchidos. Não deixaria uma brecha sequer em seus pensamentos para que Jesiel não pudesse ocupar um lugar vazio ali. A pequena jóia que ele lhe ofertara e que guardara até o dia do enlace, ela não possuía mais. Pensou em guardá-la. Mas para quê? Seria uma tentação! Sempre estaria a lembrar Jesiel onde quer que estivesse. A oportunidade para desfazer-se da joia surgiu no dia em que, ela, André e Pedro combinaram passar um final de semana no litoral. Então, sem que ninguém suspeitasse, retirou a corrente da caixinha onde estivera guardada há muito e levou-a consigo. Certa tarde, ao perceber que Pedro e André distraíam-se jogando bola na areia, comunicou a ambos que iria andar um pouco.

— Gosto de sentir as águas do mar baterem em meus pés. Voltarei logo.

Pôs-se a andar na orla de toda a praia, quebrando, entre os dedos, pedacinhos, infinitamente pequenos, daquele ouro que Jesiel depositara em seu colo, afirmando estar ali para sempre.

— Você não estará mais em mim. Você não pode estar mais em mim. Vou jogar este amor no fundo do mar. Que as águas o levem para bem longe!

Enquanto quebrava parte da medalha e da corrente, chorava copiosamente. Não queria resquício algum daquele profundo amor que ela precisava esquecer. Orava, então, aos amigos da espiritualidade, pedia que afastassem dela aquele sentimento que ainda teimava em reviver. Que os mensageiros do Alto lhe devolvessem a paz! Chorou muito e orou mais ainda, enquanto andava naquela praia. Entrou mar a dentro, banhando-se e purificando-se. Queria ter certeza de que tudo desapareceria com as ondas! Que jamais sofreria a saudade daquele amor perdido. Não queria mais lembrar das palavras de Jesiel: "Sou eu que estou em você".

— Não, você jamais estará em mim novamente! Não dessa maneira, tentadora, perturbadora.

Quando regressou ao lado de André e do irmão, trazia nos olhos um brilho diferente: o da determinação.

Jesiel, para ela, a partir daquele momento, seria apenas um amigo. O tempo se encarregaria de curar aquela ferida tão profunda que o amor lhe deixara no coração! O tempo e o trabalho! O tempo e o estudo! O tempo e a maternidade!

CAPÍTULO XI

CONCRETIZAÇÃO DOS IDEAIS

Os esforços daqueles dois que queriam progredir foram alcançados. Importa sim, o progresso material.

Pedro concluía seu curso de medicina dois anos após André. Ao contrário do que Margarida sonhara, o irmão recebera uma proposta para clinicar no interior e partiria brevemente. Tanto ela quanto André esperavam que ele aceitasse o convite para ser sócio da clínica já montada na capital. Era o que, há muito, comentavam e tudo estava acertado, até então. Porém o convite para chefiar a parte clínica de um hospital no interior do estado, chegou no momento exato. A oferta boa e a participação nos ganhos eram para ele excelentes. Não pensou muito. Sabia que iria magoar Margarida. Ela sempre vivera ao seu lado e achava-se um pouco sua mãe. Mas Pedro percebia que ela deveria estar, ainda que por pouco tempo, mais ao lado de André e a sua presença no lar de ambos dava ensejo para que André, nos momentos de folga, escapasse com os amigos para o clube, onde gastava algumas horas, jogando cartas. Isto fez com que ele pensasse em partir. Muitas vezes acontecia de ambos saírem para um teatro. Margarida adorava quando algum ator de sua preferência vinha à capital; pedia então para que ele a levasse. Sabia que não adiantava solicitar a André, ele não gostava de nada. Os gostos eram diferentes e ele não fazia o menor esforço para agradá-la. Cada qual assistia ao que mais lhe aprouvesse.

Pedro percebera, há algum tempo, que algo não estava certo com a união de Margarida e André. Eram jovens e deveriam aproveitar melhor as folgas do hospital, para divertirem-se juntos. Via, com tristeza, a irmã sempre às voltas com os livros e o trabalho. A companhia de André, ela pouco desfrutava. É bem verdade que ele sempre fora assim. Colocava as suas coisas na frente de qualquer outra que trouxesse alegria à Margarida. Mas agora estavam casados e, no entender de Pedro, isso teria que mudar. Quem sabe o seu afastamento trouxesse André mais para perto de Margarida? Ele queria ficar, sim. Ah! se queria! Mas para o bem da irmã resolvera aceitar o convite de um colega para tentar a vida no interior.

Tia Louise continuava em seu lar, rodeada de seus cães, de seu fiel jardineiro que não mais deixou de cuidar daquele imenso jardim, e de seus pobres que faziam fila à sua porta toda terça-feira para ouvir o evangelho que ela lia e explicava, em uma sala nos fundos do quintal, destinada para tais reuniões. Frequentavam ali, algumas de suas amigas que também a ajudavam na distribuição do lanche da tarde, porém, antes, recebiam das mãos das assistidas o caderno para a aula de alfabetização. Louise entendia que, junto com os alimentos que distribuía, deveria haver algo mais para aquelas mulheres, para que não continuassem a existência na mesmice de sempre. Sendo assim também suas amigas auxiliavam ensinando trabalhos manuais para que elas pudessem cooperar com o orçamento da família, ainda que pouco.

Louise montara, em um cômodo no seu jardim, um pequeno bazar dos trabalhos que elas executavam e o resultado destinava a elas mesmas. Assim, estimuladas com essa pequena renda, elas não faltavam às reuniões do evangelho. E as mais velhas aprendiam com entusiasmo a ler e escrever.

Margarida, nesse tempo, cursava a faculdade de medicina. Estava no primeiro ano e muito animada, pois contava com o apoio de André, que incansável elogiava, a todo momento para Pedro, a sua determinação de ser médica. Já se referia aos dois como integrantes da casa de saúde que pretendia muito em breve abrir em um dos bairros movimentados da cidade. Iniciara o curso de medicina com bastante animação. Acostumada na enfermagem durante tantos anos, não foi nada difícil sua adaptação aos estudos. Durante a fase que antecedeu ao vestibular, feito em ambas as faculdades da capital: federal e particular, ela passou quase que a maior parte do seu tempo, debruçada nos livros e nas contas que fazia sem parar, nas fórmulas de química, nos textos de português que lia e relia, chegando a decorar os autores, preocupada com a redação, que sabia, tão bem, ser o principal motivo para derrubar um candidato logo na primeira prova. Quando decidiu tentar o vestibular, a primeira coisa que André fez, foi aconselhá-la a deixar o hospital, onde exercia a enfermagem.

Pedro ficara admirado com a decisão de Margarida. Ela nunca manifestara esse desejo. Sempre afirmara que estava muito feliz e realizada com a profissão que escolhera. Dizia que esse fora o meio escolhido para estar mais próxima das pessoas e poder ajudá-las, dedicando-se, de coração, ao próximo. Nos anos em que trabalhara no hospital, vira muita coisa que não considerava certa. As pessoas quase todas ali a sua volta estavam voltadas apenas ao trabalho remunerado. Se precisassem fazer um favor para um colega, um atendimento fora do horário para um doente, como por exemplo, um banho que não fora realizado pela manhã, por motivo de o paciente estar em exames na radiologia, este ficava para o dia seguinte, pois o horário da higiene já se perdera. Margarida não se conformava com o tratamento que seus colegas distribuía hospital a dentro! Boníssima de coração realizava com carinho certas tarefas que a ela não pertenciam. Sempre calada e responsável, circulava de quarto em quarto todas as tardes, antes de se retirar para seu lar, deixando, na retina dos pacientes, sua figura simpática e risonha ao jogar beijos a todos, desaparecendo no corredor. Havia como que uma luminosidade à sua volta. A fisionomia dos doentes, então, iluminava-se também!

A noite, em suas orações, lembrava cada um deles, com um pensamento amoroso. Possuidora de mediunidade intuitiva, ela, então, recebia da espiritualidade muitas respostas as suas perguntas sobre por que se encontrarem pacientes em tanto sofrimento, quando alguns deles eram ainda tão jovens?! Qual a melhor forma para ajudá-los? Vinha, logo em seguida, a explicação: - Quando temos conhecimento de que a vida material não é uma só, sabemos o que fazer, em casos assim. Uma palavra de alento, acompanhada da verdadeira fraternidade, àquela irmã que sofre, hoje, o desprezo da família que nem sequer a visita... a explicação dos porquês do destino e da dor àquele que tem sede de saber, nessas horas em que o Espírito está prestes a se desligar dos vínculos carnis, será sempre uma forma de ajudar. É nessas horas em que o sofrimento nos visita e que nos encontramos em um quarto de hospital, cercados de outros tantos em igual situação, que podemos observar a solidariedade entre eles. Quantos daqueles que se encontram em melhor situação ajudam seus colegas de quarto e de infortúnio. Você mesma, Margarida, vem constatando isso, através do caso da dona Iolanda. Sem ninguém para atendê-la, quantas das pessoas, ao seu lado no quarto, já a auxiliaram? E bem verdade que dona Iolanda está prestes a desencarnar, todos ali sabem, entretanto, assim que chega seu pratinho de sopa, alguém dali, mesmo sabendo estar ela inconsciente, tenta colocar algum alimento em sua boca. Deus não desampara ninguém, minha querida irmã.

Margarida, então, agradecia aquela fala da espiritualidade e adormecia tranquila. Fora muito difícil para ela deixar todo aquele trabalho que desenvolvia há muito. Porém, agora, estava ali para realizar o objetivo a que se determinara chegar. Fizera uma promessa de que estaria, constantemente, com o pensamento ocupado, para não dar lugar a lembranças desagradáveis que precisava esquecer. Por um momento, chegou a pensar que não poderia realizar o sonho de ser médica. Não alcançara colocação no vestibular da faculdade federal. Eram muitos os candidatos. Desanimada, fora até o local onde se encontravam expostos os resultados dos exames que fizera na outra faculdade. Mesmo que obtivesse um resultado satisfatório, não ousava sonhar tão alto assim. As mensalidades eram além de suas posses e ela sabia que André, apesar de ter formado uma boa clientela, certamente não iria arcar com tamanha despesa! Estava enganada. Ao saber da aprovação, André, louco de contentamento, providenciou para que ela fizesse a matrícula dentro do prazo dado pela secretaria, de três dias apenas. E depois combinou com Pedro, as tias e alguns amigos, uma surpresa para Margarida. Um jantar em um restaurante italiano, ao som de muita música! Pedro, na ocasião, demonstrara muita alegria com a atitude de André. Sabia, entretanto, que ele fazia tudo aquilo de coração aberto, mas, no momento seguinte retornava ao mesmo André, preocupado apenas consigo. Raramente demonstrava que algo lhe agradava. Estava entusiasmado com a vitória de Margarida, mas era somente isso. No momento seguinte, nas horas de folga, voltava aos amigos. Margarida chegara a propor-lhe que estivessem mais próximos um do outro, nos momentos de descanso, uma vez que o consultório lhe tomava muito do seu tempo. André, no entanto, lhe respondia que não poderia deixar de sair, de buscar a companhia dos amigos, que, dizia, lhe fazia bem para esquecer, um pouco, os compromissos com os pacientes.

— Veja aí um dia da semana em que você queira sair, marque e me avise; então verei se podemos sair - dizia, sem mesmo olhar nos olhos dela. Acreditava que fazia a sua parte naquele momento e pronto.

Não, não era isso que Margarida queria ouvir.

Não, dessa maneira. André, agindo assim, lhe tirava todo o desejo de sair e de mesmo estar ao lado dele. Por obrigação, jamais - pensava a jovem. Como gostaria que o marido a convidasse para um cinema, um teatro ou mesmo uma volta na quadra, demonstrando a ela, que a amava! Guardava a certeza de que André apenas lhe queria bem. Acostumara-se a sua companhia. Conheciam-se há muito tempo e ela era para ele a esposa perfeita, a secretária eficiente. André acreditava mesmo que não poderia viver sem Margarida! Era a sua maneira de ser. Porém a jovem necessitava da demonstração de carinho do esposo. Estava sendo difícil, apesar do tremendo esforço que fazia para esquecer Jesiel. Lutava e lutava com aquele sentimento que, de quando em quando, teimava em eclodir. Mas ela seguia em frente, tentando esmagá-lo no fundo da alma.

— Ah! Se André cooperasse! - pensava, então, nos momentos em que se sentia abandonada, nas tardes ensolaradas de domingo, nas noites quentes de verão. Então, Pedro a convidava para um passeio e guardava muita revolta no íntimo. Estava sempre em casa, como cão de guarda. Ao menor desejo de Margarida, lá estava ele para servi-la. Como nos velhos tempos em que residiam com tia Louise. Margarida não merecia esse descaso de André. Era uma boa menina, dedicada, zelosa pelo lar e pelas coisas de André. Pedro, então, chegava devagarzinho, com ar maroto e, abraçando a irmã carinhosamente, a convidava para tomar um sorvete no "Tônico" - uma sorveteria famosa, que ficava na parte alta da cidade. Seu rosto se iluminava e ela corria arrumar-se toda, como se fosse a uma festa. Quando aparecia, Pedro então dizia:

— Nossa! Tudo isso apenas para tomar um sorvete? Bastava apenas um batonzinho nos lábios e pronto.

— E a minha chance de poder caprichar um pouco no visual. - Respondia entre risos e tudo estava esquecido.

Sentia-se feliz com a vitória da irmã. Sabia do esforço que Margarida fizera para chegar até ali e entendia que ela conseguiria esquecer muitas coisas amargas que aconteceram em sua vida. Logo estaria formada também e sua vida seguiria outros rumos. Ser acadêmica de medicina lhe tomava grande parte do tempo. Portanto ele entendia que seria bom, para ela, o seu afastamento. Afinal, não poderia fazer as vezes de André junto à Margarida, sempre.

E foi assim, com esse pensamento, que, em uma manhã, partiu para uma cidadezinha no norte do Paraná, prometendo logo mandar notícias.

CAPÍTULO XII

A ANGUSTIA DA SEPARAÇÃO

Renunciar é virtude pouco assimilada, mas, às vezes, deve ser encarada com seriedade e bom-senso.

Durante algum tempo Margarida chorou a ausência do irmão. Compreendeu, finalmente, que ele teria que seguir o caminho escolhido. Afinal estava formado, escolhera clinicar longe dali, talvez até encontrasse algum afeto que o entendesse e fizesse a sua felicidade. Até aquele momento, vivera apenas para os estudos e o curso de médico residente, dentro do Hospital das Clínicas lhe dera o direito da especialidade em pediatria. Partira, portanto, com grande bagagem de conhecimentos que iria, com certeza, aplicar no interior. Os anos iam se passando... André era um ótimo cardiologista. Seu consultório possuía aparelhos modernos para exames que iam desde o mais simples eletrocardiograma aos mais sofisticados exames do coração.

Comprara um conjunto de salas em andar alto, de onde se via toda a cidade e lá montara seu local de trabalho. Dividia algumas salas com colegas e fazia um trabalho conjunto com eles. Dr. Aleixo ocupava a sala na ala lateral e sua especialidade era endocrinologia. Tinha sempre o consultório lotado de senhoras gordinhas às quais ele, de pronto, recomendava também uma consulta com doutor André para ver como estava o coração e, em seguida, para a nutricionista Eneida que ocupava a ala direita dos consultórios. Faziam um trabalho sério e, por esse motivo, a clientela aumentava a cada dia que passava. André, geralmente, não aparecia para as refeições, em casa. O trabalho tomava quase todo seu tempo. O consultório era o seu mundo e a sua vida, onde colocara todas as coisas das quais gostava, como se, ali, fosse o seu lar verdadeiro. Os móveis de madeira de lei, entalhados, desenhados por ele, faziam a admiração de quantos por ali passassem!

Quanto à Margarida, prestes a concluir seu curso, não tinha mais a companhia do marido. Sempre muito comprometida nos postos de saúde e hospitais, encontrava-se com André à noite ou nas manhãs quando voltava dos plantões. Num desses dias:

— Nossos horários não estão mais de acordo ultimamente, minha querida - comentou ele, tomando ligeiro o cafezinho matinal, enquanto ela lhe dava o costumeiro beijo, na chegada. E depois a recomendação costumeira, para que aproveitasse a manhã para repor as energias perdidas.

— Com certeza, meu querido. Mas não se preocupe, que cansada como estou, vou dormir bastante. E quando acordar, vou até você. Hoje não terei aulas na parte da tarde. Aproveitarei para ver como se comporta meu maridinho com os clientes.

- Falou, desmanchando os cabelos penteados de André - Tenho muito que aprender ainda e se vou, futuramente, trabalhar ao seu lado, é melhor, desde já, ir fazendo também um pequeno estágio na clínica, não é verdade?

Abraçou-se a ele, com muita carência.

— Estou com muita saudade de ficar ao seu lado

- confessou - precisamos arranjar um tempinho para nós! Me dá uma dor no peito, deixá-lo assim!

— Logo você estará formada e então não nos largaremos mais. Ah! Esqueci de contar. Pedro telefonou ontem, queria muito falar com você. Pode ser que ele telefone logo mais. - Disse, desvencilhando-se dos braços dela e, em seguida, de posse de sua maleta de médico, partiu para o trabalho.

Margarida ficou ainda por alguns momentos, olhando o carro que desaparecia no jardim.

— Meu Deus! Como o tempo passou! Parece-me que foi ontem que Pedro se foi! E lá se vão tantos anos que nem senti tão enlevada estive com meu curso! Graças te dou, meu Pai, por todo este tempo, em que consegui transformar a minha vida.

Eram assim as orações de Margarida. Toda hora, agradecia alguma coisa, da forma como sabia. Não costumava recitar orações longas. Dizia a todo mundo que não sabia orar. Apenas conversava com Deus, da forma mais simples e dava certo. Era sempre atendida. Toda vez em que se encontrava amargurada, a espiritualidade a atendia, de pronto. Era médium desde muito mocinha e captava, com emoção, toda ajuda do Alto.

O tempo passou e Margarida chegou ao final do curso de medicina. Desde que se formara, clinicava sem nada cobrar, uma vez por semana, no "Centro Espírita Francisco de Assis". Atendia algumas crianças da creche, que funcionava ali e também às mães que frequentavam o "Clube de Mães". Pesava, media, aconselhava, distribuía sorrisos a todos, orientando também, para que fossem receber o passe. Funcionava em uma das salas do prédio um trabalho de orientação, onde se estudava a Doutrina Espírita e, logo após, havia os passes, dos quais, Margarida era francamente a favor. Dizia a todas as mães que este era o complemento de suas consultas. E, assim, ela seguia sem pensar jamais naquele amor que ficara para trás e que, um dia, quase a fizera desviar-se da sua verdadeira missão. Mas tudo estava programado na espiritualidade, até mesmo Jesiel, em sua vida.

CAPÍTULO XIII

O INESPERADO REENCONTRO

AS etapas da vida sempre acham uma forma de colocar os comprometidos frente a frente.

O sol radiante, logo pela manhã, prometia um dia lindo! Jesiel estacionou o veículo defronte do edifício do hospital das Nações. Abriu de mansinho a porta do carro, dando passagem a uma jovem aparentando mais ou menos quinze anos de idade. Amparada nas muletas, ela, devagarzinho, foi andando na direção da porta de entrada. Não era a primeira vez que Maria, assim se chamava a garotinha, ali comparecia acompanhada do pai, para o rigoroso tratamento que estava fazendo, devido ao grave acidente que sofrera tempos atrás e que culminara com a desencarnação de sua genitora e de seu irmão, que conduzia o carro. Ao ultrapassar uma carreta, na estrada das praias, o veículo se desgovernou, ocasionando a morte instantânea de ambos. Maria fora socorrida. Levada às pressas para o hospital da capital recebera os primeiros socorros, porém seu estado inspirava cuidados. Permaneceu inconsciente por muito tempo, assim, não teve conhecimento imediato do ocorrido. Os médicos à sua volta não mediam esforços para trazê-la de volta à vida. Depois de algum tempo hospitalizada, Maria voltara, finalmente, para casa. Sem a presença da mãe e do irmão, caíra em profundo abatimento, necessitando de tratamento psicológico e fisioterápico, após sofrer cirurgia nos membros inferiores. Ficara sem os movimentos das pernas, mais por vontade própria, pois dizia, a todo momento para o pai, que deveria também ter morrido, do que, propriamente, pela fratura que sofrera e da qual estava se restabelecendo. Jesiel sofria bastante com esta situação. Maria não tinha ânimo algum para viver. Chorava a todo instante a falta da mãe e do irmão.

Naquele dia, ela estava rebelde. Tinha além dos exercícios costumeiros, que tirar algumas radiografias, para que o médico desse a Jesiel uma posição da doença. A enfermeira não conseguia fazer nada com Maria que se queixava de muita dor e não permitia sequer, que ela colocasse as mãos em suas pernas. Chorava muito, dizendo até algumas palavras desconexas à coitada da profissional que já estava perdendo a paciência. De repente, esta estalou os dedos como que lembrando de algo muito valioso.

— Aguarde um momentinho, seu Jesiel - e antes mesmo que obtivesse alguma resposta, saiu apressada do aposento, deixando-o surpreso.

— Está vendo só, Maria! - repreendeu, com autoridade, a filha. - Até a enfermeira abandonou-a. Ah! Maria assim não dá minha filha! - e sentou-se no fundo da sala, deixando-a, em prantos, na mesa de exercícios. Agoniado, passou as mãos pelo rosto muito magro e abatido, como que querendo afugentar os sofrimentos pelos quais passava, há algum tempo! Estava só, com Maria sob seus cuidados. Lutara, mais outra vez, para que a união com Cecília fosse duradoura.

Logo após separar-se de Margarida, cumprira a promessa feita. Voltara para o lar desfeito e recomeçara. Ariel, então adolescente e rebelde, se modificara um pouco com a presença do pai e o nascimento de Maria, sua irmãzinha, veio alegrar os anos que se passaram como sempre entre os ciúmes de Cecília e a certeza de que jamais teria paz com a mulher. Então, um dia, deixara definitivamente o lar, indo morar com a irmã Denise. Assistia à família regularmente, nada deixando faltar-lhes. Era gerente, nesse tempo, de uma loja de acessórios para carro.

Conheceu Elfrida, uma jovem alemã e com ela iniciou um relacionamento. Montou um apartamento para ambos, perto do local de trabalho e foram conviver maritalmente. Muitos anos haviam se passado, quando aconteceu o acidente com Cecília e os filhos. Elfrida acolhera Maria, a pedido do marido. Entretanto não tinha vocação para a maternidade e, muito menos, cuidar de uma menina mimada e agora cheia de problemas. Vivia com Jesiel, mas não permitia que os problemas dos filhos dele afetassem sua união. Ariel se tornara adulto e a todo momento estava ocupando Jesiel com seus problemas que eram muitos, inclusive a bebida. Elfrida, muitas vezes, acolhera o rapaz alcoolizado em sua casa, na ausência de Jesiel, procurando ajudá-lo, oferecendo-lhe um prato de comida e banho. Mas era só. Não queria abrigá-lo, de vez, em seu lar, pois o rapaz não parava em emprego algum e trazia muitos aborrecimentos para o casal. Condoía-se do marido, mas aquele filho ela não queria por perto.

Ariel estava tão viciado que chegava, mesmo', a tirar objetos valiosos da casa, para vender em troca do álcool que o organismo pedia cada vez mais. Agora, mortos, ele e Cecília! Restara Maria. E essa menina estava sendo um problema em sua vida! Jesiel sempre fora um pai muito amoroso. Sabia que Maria necessitava ser tratada com carinho. Disso dependia a sua cura. E ele não admitia que fosse de outra maneira. Elfrida era muito autoritária! As coisas tinham que ser da forma como ela queria. No lar, parecia um general, como dizia Jesiel aos conhecidos. Sempre comandando.

— Aliás, tenho, lá em casa, uma ótima governanta - contava ele. -
Companheira nas horas felizes e incertas... jamais!

Mas mesmo assim ele se casou com Elfrida, logo que ficou viúvo de Cecília. Ela lhe cobrava a todo instante o casamento que não se realizara ainda, por culpa de Cecília que não lhe dera o divórcio.

Absorto em seus pensamentos, não se deu conta de que a enfermeira voltara para a sala, acompanhada da médica e, de que Maria, se acalmara. Tudo estava agora em silêncio! Jesiel levantou-se, de mansinho, indo postar-se ao lado da profissional que acompanhara a enfermeira. Ela estava tão absorta em seu trabalho com a paciente que não notou a sua presença. Impunha as mãos em sua cabeça transmitindo-lhe, através da sua energia, aliada à dos Espíritos colaboradores da casa de saúde, a calma necessária para que a enfermeira pudesse realizar seu trabalho.

— Só a senhora doutora, pode espantar estas coisas dos pacientes. Sim, porque um comportamento destes...

— Psiu... deixe-a quietinha! Ela vai adormecer, por alguns minutos. Quando acordar pode realizar a fisioterapia. Ela estará bem.

Margarida sabia lidar com estas coisas, dentro do hospital. Através da clarividência e da mediunidade intuitiva, lidava com os Espíritos desencarnados, conseguindo, muitas vezes, bons resultados. Ela sabia que, no hospital, também estão os médicos do plano espiritual, atuando, a todo instante, nos pacientes necessitados de auxílio. Ela mesma presenciava, muitas vezes, médicos e enfermeiros do espaço, adentrarem os corredores das casas de saúde, com suas maletas de trabalho, apressados, como que cumprindo um horário, também, nestes locais. Desde muito moça, a clarividência se lhe apresentava, nítida. A princípio, não compreendia muito bem o fato. Porém, com o estudo da Doutrina Espírita e com as explicações dos médiuns mais esclarecidos do que ela, compreendeu que aquele ir e vir de Espíritos, pelos corredores do hospital, era muito natural. Agora todos ali sabiam da sua faculdade mediúnica e, quando algum doente se apresentava muito agitado, era ela, Margarida, quem atendia sempre. O hospital era dirigido pelas irmãs de caridade e, até estas pediam a presença de Margarida.

— Isto é serviço para a doutora Margarida - diziam convictas de que ela conseguiria acalmar o paciente.

Com efeito, Margarida tinha ao seu lado a equipe dos profissionais da espiritualidade que, labutando de há muito naquele local, serviam-se da sua faculdade intuitiva para operar no plano terrestre, com eficácia.

Eram entidades, ainda necessitando de muito aprendizado, porém candidatos a uma luz maior no seu interior e que, através deste trabalho, burilavam seus Espíritos. Não longe dali, milhões de seres clamavam por misericórdia e arrastavam-se no sofrimento, sem tomar conhecimento do seu verdadeiro estado de desencarnados. Acreditavam ainda estar vivendo na matéria, sentindo toda dor e sofrimento no perísprito, como se fora o corpo físico. Então, procuravam, nos hospitais terrestres, tratamento imediato, proporcionando à equipe do plano espiritual comandada por João Francisco, que fora médico em uma cidade no interior de São Paulo, muito trabalho.

Este desencarnara ainda muito jovem e, sem conhecimento da vida que o aguardava na espiritualidade, fora tomado de surpresa. Recebido pelo avô de quem guardava muito carinho, cada dia que se passava, era para ele um novo aprendizado, repleto de esclarecimentos que acatava com ansiedade. Os dias vividos na Terra ao lado dos familiares foram de plena felicidade. Muito dedicado aos pais, soubera aproveitar integralmente a educação que recebera. Estava sempre às voltas com os livros e, desde muito pequeno, já afirmava que seria médico. Com efeito trouxera no Espírito o gosto pela medicina que exercera por quinze anos. Período este em que se fizera benquisto por todos que o conheciam, até o câncer o vitimar.

Sofrerá com resignação e coragem! Dera prova de amor pelos seus até seus últimos dias. Na espiritualidade, passados os primeiros momentos pelos quais o Espírito ainda se encontra em perturbação, aos poucos, foi compreendendo o novo mundo que se lhe descortinava à frente. Sentiu, então, a necessidade de trabalhar, integrar-se nessa nova realidade. Não sem antes passar pelo conhecimento das verdades que despertam a alma para os valores do Espírito.

Margarida voltou-se para o homem ali presente. Tentou explicar-lhe o que acontecia com a pequena Maria. Mas, à medida que falava, sua voz ia perdendo a sonoridade, na certeza de que aquele senhor grisalho, muito magro, à sua frente, era alguém, surgindo de um passado longínquo, quiçá para perturbá-la, novamente.

Sim, era ele, Jesiel! Apesar de as marcas do tempo terem operado mudanças em sua fisionomia, agora cansada pelos sofrimentos passados, ela o reconheceria, em qualquer época! Os cabelos já não eram tão fartos, como antigamente. Denunciavam uma pequena cal vicie. Mas os olhos eram os mesmos! As mãos, um tanto trêmulas, estavam estendidas na sua direção. A surpresa fora de ambos. Por alguns segundos que pareceram uma eternidade e sem conseguir refrear seus impulsos, abraçaram-se, esquecidos, momentaneamente, do mundo que os rodeava.

— Doutora Margarida? Ouvi bem? - perguntou com tamanha emoção na voz, assim que desvencilhou-se daquele abraço tão reconfortante.

— Doutora Margarida?

— Sim, meu bom e querido amigo! Naquela época em que nos deixamos, resolvi prestar vestibular para medicina logo em seguida. Agora, aqui estou, servindo neste hospital, com muita satisfação! Mas fale-me de você. Esta garotinha é sua filha?

— Sim, Margarida. Maria é minha filha e de Cecília. Você não imagina como tenho sofrido todos estes anos! Tentamos eu e Cecília uma vida em comum por alguns anos. Afirmo-lhe, entretanto, que a única coisa boa que aconteceu na minha vida foi o nascimento desta criança! A separação foi inevitável.

— A enfermeira quando foi chamar-me contou-me que Maria perdeu a mãe e o irmão recentemente... ela estava se referindo à Cecília e...

Jesiel não deixou que ela continuasse. Contou, em poucos segundos, toda a tragédia que se abatera em sua família e que culminara com a doença de Maria e o seu desamor pela vida. Margarida ouvira calada. Sentiu muita pena do homem à sua frente. Prometeu que iria também cuidar da menina, transmitindo-lhe aquelas energias que tão bem sabia ministrar com o auxílio do Alto. Deu por encerrada a conversa, pois precisava ficar um tempo consigo mesma, para repor as emoções pelas quais acabara de passar. Saiu de mansinho, sem olhar para trás, não queria que Jesiel percebesse suas emoções incontroláveis. Subiu até o andar superior, onde ficava a lanchonete do hospital e ali pediu um café bem forte. Sentia-se desfalecer.

— Como este homem ainda tem o poder de mexer comigo desta maneira? E... eu pensei que tudo estivesse esquecido dentro de mim.

Que meu coração tivesse se aquietado em todos estes anos?! No entanto estava apenas adormecido! Meu Deus! Não quero voltar a encontrá-lo. Não quero mesmo! - Lembrou-se de repente do tratamento energético que prometera realizar na pequena Maria. Ah! Mas daria um jeito. Pediria à enfermeira que a levasse em sua sala. Não, não deveria encontrá-lo, jamais! Sentira, olhando nos olhos de Jesiel, que o amor revivera e com muita intensidade. Não tinham deixado de se gostar! Margarida apenas deixara que o tempo passasse por ela. Cercada de muito trabalho no hospital, seus horários eram todos tomados. Não lhe sobrava muito tempo e, quando regressava ao lar, muitas vezes, tinha um ou outro chamado para atender, além da casa Espírita que frequentava, realizando algumas palestras!

Não lhe restava muito espaço para recordar! Quando, às vezes, se surpreendia pensando em Jesiel, era tomada de espanto.

CAPÍTULO XIV

NOVA DESILUSÃO DE JESIEL

AS uniões materiais, na maioria das vezes, não refletem as necessidades dos espíritos ÁVIDOS DA RECUPERAÇÃO.

Jesiel deixara o hospital algumas horas mais tarde, não sem, antes, solicitar à enfermeira que atendia sua filha Maria, o telefone de Margarida. Dotada de boa vontade e julgando ser o pedido relacionado com a doença da filha, ela prontamente o forneceu. Dobrando o papel entre os dedos, agradeceu inúmeras vezes, dizendo à enfermeira que agora estava muito tranquilo em relação à filha. Ela estava cercada de muito carinho por profissionais competentes - disse isso com um largo sorriso nos lábios, o que causou grande espanto à enfermeira, pois estava acostumada a vê-lo sempre sisudo e de pouco falar.

Certamente, foram as energias deixadas no ar pela espiritualidade, que fizeram tamanha modificação no homem - pensou, enquanto olhava sua figura alquebrada pelo sofrimento desaparecer no corredor da casa de saúde.

Ganhando a rua, Jesiel só tinha um pensamento. Procurar avistar-se com Margarida, com a maior brevidade. Precisava contar a ela, longe dos olhos curiosos de quem quer que fosse todo sofrimento pelo qual havia passado todos aqueles anos, longe dela. Dizer da imensa saudade que sentira com aquela ausência forçada; do casamento desastrado que fizera pela segunda vez; contar da morte prematura de Ariel, por quem ele fizera o sacrifício de voltar a conviver com Cecília, mesmo sabendo que não daria certo. O que fizera, fora em vão! Renunciara ao amor de Margarida para ter o filho de volta aos seus braços, mas tudo não passara de ilusão de sua parte. Ariel, vivendo uma adolescência conturbada, abraçou a companhia de amigos que, como ele, traziam problemas emocionais e deslizara para os vícios nas noitadas, nos bares noturnos. Quando se deu conta, Ariel estava perdido para ele! Margarida precisava saber disso; era só no que pensava o tempo todo.

Finalmente chegara a casa. A fisionomia demonstrava que algo havia acontecido. Estava mais tranquilo e até ensaiou um sorriso para a esposa que viera ao seu encontro.

— Foi tudo bem, lá na clínica? Maria, dessa vez, portou-se direitinho? - inquiriu ela, apanhando de suas mãos o casaco de lã que ele acabara de tirar.

— Sim, sim! Uma beleza mesmo! Diferente dos outros dias. Estava lá uma doutora que auxiliou nas massagens de Maria e que vai, daqui para frente, colaborar com nossa pequena - respondeu eufórico, lembrando-se de Margarida.

— Melhor assim, Jesiel. Essa menina precisa se esforçar um pouco, caso contrário, poderá ficar aleijada. Não andar mais.

— Não repita isso, Elfrida! Não é a primeira vez que você insinua tal coisa! - falou um tanto aborrecido - Só mesmo você para pensar dessa maneira e ainda, na frente de Maria!

— Não se preocupe, Jesiel, ela já é bastante grandinha para saber que falei para o seu bem. Tem que se esforçar sim - arrematou incisiva - Venha, Maria, vamos descansar um pouco em seu quarto, enquanto preparo algo para você comer!

A menina acompanhou Elfrida até o quarto. Jesiel não se conteve. Ali mesmo apanhou o telefone e discou o número que a enfermeira lhe dera. O telefone tocou e alguém do outro lado da linha, atendeu.

— Doutora Margarida?

— Ela não chegou ainda - respondeu uma voz feminina - quer deixar algum recado?

Jesiel recolocou o fone de mansinho, na mesinha ao lado, sem nada responder. O coração batia tão forte, parecendo querer arrebentar-lhe o peito. Elfrida acabara de entrar na sala, passando por ele, sem nada perguntar. Não se interessava mais pelos problemas do marido. Não sentia nenhum afeto por ele. Estavam casados há muitos anos e o relacionamento entre ambos ia muito mal. Desde que Cecília se fora e Maria viera ter com eles, as perturbações, no lar de ambos, se iniciaram. Elfrida tinha da união com Jesiel, uma menina com pouco mais de doze anos, Cátia. As irmãs se davam muito bem e, ao lado de Jesiel, formavam um trio perfeito para as travessuras as quais faziam com que ele, pai extremoso, se desligasse um pouco dos tantos problemas que o rodeavam. Cátia ajudava muito a irmã na sua recuperação, embora a pouca idade. Elfrida sempre muito autoritária não via com bons olhos as travessuras da filha, para alegrar Maria, tristonha, com as lembranças que ficaram do pavoroso desastre que sofrera e pela perda da mãe e do irmão. A separação era evidente entre ambos. Haviam combinado, ante a aproximação das festas daquele final de ano, que passariam todos juntos. Depois, cada qual seguiria seu rumo. Elfrida continuaria morando no mesmo local e ele se mudaria com Maria, temporariamente, para a casa da irmã, que era viúva e se oferecera para abrigá-los. Ele queria, pois, dizer à Margarida que estava novamente livre e que ainda a amava com a mesma intensidade!

Nas semanas que se seguiram e nos dias em que

Maria comparecia ao hospital para a fisioterapia e para o tratamento espiritual com Margarida, Jesiel não se avistou mais com ela. Da sala de fisioterapia, Maria era levada pela enfermeira, diretamente para o andar superior, onde Margarida a esperava.

— A ordem da doutora é para que Maria vá sem acompanhante, para não perturbar o ambiente que já está todo preparado à sua espera. - Comunicara a enfermeira a Jesiel. - O senhor, por favor, aguarde aqui.

A decepção foi profunda! Ele não entendia as razões de Margarida, em querer afastá-lo assim, sem mesmo ouvir, pelo menos uma vez, as explicações que eram tantas! Nem ao telefone, ela atendia! Ah! Não desistiria assim, facilmente. Procurou segui-la pelas ruas da cidade à procura da oportunidade de novo encontro. Mas, em vão. Parecia que tudo cooperava para atrapalhar seus planos. Soube, pela enfermeira, que Margarida ficaria afastada por um bom tempo do hospital. Estaria em viagem para a capital do Brasil, por ocasião de um congresso médico. Margarida ia apresentar um trabalho sobre clínica médica, que pesquisara para tal evento e, de lá, seguiria para Porto Alegre, sem data prévia para regressar. De posse destas informações, Jesiel sentiu muita tristeza. Margarida deixara com a enfermeira recomendações para o prosseguimento do tratamento de Maria, bem como o endereço de uma casa espírita. Ela sabia que Jesiel acreditava no Espiritismo e o caso de Maria, conforme ela avaliara, tinha muito de espiritual. Inconformado, só lhe restava aguardar a volta de Margarida.

Nesse tempo, começou a preparar sua mudança para a casa da irmã. O Natal se aproximava e ele sabia que seria o último que passaria com Elfrida. Não houve brigas nem rancores da parte de ambos. A relação entre eles estava muito desgastada. Só restava mesmo a separação. Cátia entendeu a situação dos pais, bem como Maria. Não houve lágrimas. Apenas despedidas. Afinal, as meninas continuariam a se encontrar toda vez que sentissem saudades uma da outra. E, assim, para Jesiel, começou um novo caminhar, uma vez mais, na tentativa de encontrar o caminho para a felicidade.

CAPÍTULO XV

MARGARIDA VISITA PEDRO

Muitas vezes necessitamos ausentar-nos de perto dos problemas materiais, para facultar ao espírito melhor discernimento.

Margarida acabara de entrar em casa. O telefone estava tocando insistente havia algum tempo. Ela percebera, enquanto procurava, na bolsa, o molho de chaves para abrir a porta. Havia dispensado a empregada naquele dia, pois enquanto estiverem fora, ela ficara na residência, servindo André, sem tirar folga. Afinal era um direito de Leda, a jovem auxiliar. Precipitou-se para o telefone:

— Alô?

E a voz do outro lado perguntou:

— Sabe quem está falando?

— Não reconheço de pronto. Por favor, identifique-se - pediu pensando tratar-se de um trote.

— Será possível que você tenha esquecido até minha voz? E bem verdade que os anos passaram por nós, mas eu reconheceria sua voz em qualquer lugar do mundo, Margarida! Inconfundível, Inconfundível!

Margarida depositou vagorosamente o telefone no gancho. Não, não poderia recomeçar tamanho sofrimento! Não poderia esquecer uma vida inteira de dedicação aos seus, por alguns momentos de felicidade ao lado de Jesiel! Se o visse, se encontrasse novamente com ele, talvez não resistisse! Ao lado do marido, não desfrutava uma vida de pleno entendimento. Era, sim, de muito trabalho, de muita renúncia das coisas com as quais sonhara e de pouca alegria. Tanto ela quanto André trabalhavam muito e as horas reservadas ao lazer não eram compartilhadas por ambos. Sofrerá por muito tempo a falta daquele entendimento tão profundo que havia entre ambos. Mas o tempo passara! Quase uma vida! Tantos anos de ausência e agora, como fantasma, ele reaparecia para perturbar lhe novamente o Espírito?!

Caminhou até a cozinha, depositando os embrulhos que trouxera, em cima da mesa. Sem coragem para guardar as compras no armário, sentou-se ali mesmo. O coração desandara a bater forte e um pequeno tremor nas mãos denunciava seu estado emotivo. Procurou, na bolsa, a minúscula caixa de medicamentos que trazia sempre consigo. Eram comprimidos dos quais fazia uso para o sistema nervoso. Ultimamente, andava muito agitada. Tia Louise se fora, há pouco mais de um ano, deixando um vazio muito grande em sua vida. Repentinamente, acometida por grave insuficiência pulmonar, por causa de um resfriado muito forte, em poucos dias, foi a óbito. Margarida sentiu-se muito só. Louise estava hospitalizada fazia alguns dias. Guardava esperanças em relação ao seu estado. Mal chegara a casa, certo dia, viera o telefonema. Louise falecera. Procurara em André o amparo esperado. Este, porém, permanecera com os braços caídos ao longo do corpo, enquanto ela agarrada a ele, chorando, lhe dava a notícia.

— Ora, Margarida, isto já era esperado. Sua tia estava com bastante idade e uma pneumonia como a que teve só poderia acabar em óbito - comentou, afastando-a de si.

Como André se tornara frio naquele momento em que ela tanto precisava de conforto! Correu para o quarto. Precisava avisar Pedro, seu irmão. As lágrimas teimavam em cair, a voz embargada pelos soluços...

— Pedro, sou eu, Margarida. Não tenho notícia boa para você, meu irmão; Tia Louise faleceu... estava sofrendo muito. - E rompeu em soluços.

— Estou indo para aí, querida. Acalme-se. Margarida passou as mãos pelos cabelos, querendo afugentar as lembranças que teimavam voltar à sua mente. Ela precisaria de muita calma neste momento. Queria colocar as ideias em ordem.

Não aguentaria, novamente, tamanho sofrimento, sabendo que Jesiel estava ali a alguns passos dela. Bastava que dissesse sim e ele correria ao seu encontro, novamente. Mas ela não podia, não devia. Sua vida estava destinada ao trabalho e à dedicação aos outros! Ela sentia que teria que ser assim. Os caminhos que ambos palmilhavam eram tão diferentes! Não, ela não poderia ouvir Jesiel, novamente. Teria que fazer alguma coisa urgente para não sucumbir à tentação de revê-lo outra vez. A figura de Pedro veio-lhe à mente. Por que não fugir para a cidade onde ele clinicava e ficar, uns dias, com o irmão que tantas vezes a convidara para visitá-lo, mais demoradamente? Certamente, André não iria fazer objeção. Não se importava muito com suas ausências, sempre tão ocupado com a clínica e com a clientela enorme que possuía. Ela tinha pensado em trabalhar ao lado do marido, logo que se formara. No entanto, as oportunidades foram surgindo de uma forma tão forte e decisiva que ela optou por permanecer na Casa de Saúde que a acolhera sempre e, onde ela viu desenvolver-se sua mediunidade de uma forma maravilhosa, doando energias, com orientação do plano espiritual, para centenas de pacientes! Ali, Margarida, assombrosamente, exercia sua clarividência e intercâmbio com a espiritualidade! Principalmente naqueles doentes, em fase terminal, preparando-os, espiritualmente, para a grande viagem.

Ela sabia, tinha consciência do seu comprometimento com o Alto, com aqueles valorosos mensageiros do plano maior. Por que, então, Deus permitia que ela, por diversas vezes, vacilasse? Nesses momentos, entrava em depressão, lutando consigo mesma para vencer e não desejar nada além daquilo que conquistara até então. Quantas vezes pensava em André com muita mágoa. Desejava que ele seguisse também a doutrina que abraçara com amor. Esperava que as coisas entre eles fossem diferentes! Aprendera, no entanto, que deveria respeitar as diferenças do companheiro e aceitá-lo tal qual era. Ah! Deus como estava difícil entender as disparidades entre ambos.

Na manhã seguinte, conversou com o marido sobre a decisão de visitar o irmão. E, após, conversar com a diretora da casa de saúde sobre seu afastamento por alguns dias e acertar com um colega para substituí-la em sua ausência, embarcou para o interior do Paraná, na pequena localidade perdida entre montanhas, indo encontrar-se com Pedro.

Viajou durante toda a noite. Pedro a esperava, radiante, na estação rodoviária, acompanhado de uma bela jovem, Larissa, da qual havia lhe falado várias vezes. Estavam de casamento marcado para o final do ano. Pedro comprara uma bela residência, próxima da praça principal, onde já estava residindo. Larissa recebeu-a, fazendo as vezes da senhora da casa. Margarida demonstrou bastante simpatia pela futura cunhada que aparentava ter muito pouca idade.

— Você está enganada, minha irmã - dissera Pedro referindo-se à noiva - ela aparenta pouca idade, mas não é tão jovem assim! Larissa tem trinta e cinco anos, Margarida!

— Mesmo? Minha nossa! Você é jovem demais na aparência. Talvez pelo seu corpo delicado e esse jeito gracioso... você parece uma menina. Que bom, vocês formam um casal muito bonito! Estou muito feliz por meu irmão que é tudo para mim, uma espécie de filho! Sinto-me um pouco sua mãe, perdemos a nossa muito cedo e...

— Eu sei, Pedro me contou - atalhou ela, colocando as suas mãos nas de Margarida. - Espero ser para ele a companheira de todas as horas! Pode ficar descansada, nos damos muito bem.

E assim, aquele dia e os que se seguiram foram de completa alegria para Margarida. De Jesiel nem uma pequena lembrança. Todas as noites ela telefonava para o marido, procurando por notícias da casa.

— Fique tranquila, Margarida. Tudo está na mais perfeita ordem. Leda está tomando conta da casa como sempre e eu tenho visitado tia Leonora mais seguido, na sua ausência - contava ele então.

CAPÍTULO XVI

ENFERMIDADE DE PEDRO

Quando amamos de verdade ficamos com o ser amado em qualquer circunstância...

Na véspera do regresso de Margarida para a capital, Pedro levou-a ao seu consultório que ficava nas dependências do hospital onde também atendia como chefe de clínica médica. Queria falar-lhe, mostrar-lhe o resultado de alguns exames que fizera.

Sem saber por que, o coração de Margarida sobressaltou-se e ela levou as mãos ao peito. Era como se fora prenuncio de algo muito ruim. Pedro, à sua frente, lhe estendia um envelope.

— Tome leia e, por favor, me dê a sua opinião - foi ele adiantando. - No Brasil, minha irmã, depois do câncer de pele e de pulmão, o câncer de próstata é o de maior incidência nos homens. Eu fui pego por ele como você poderá constatar, minha irmã. Aí você tem o resultado do PSA (exame de sangue que mede uma proteína produzida pela próstata, através da qual o médico pode avaliar as características da glândula e qualquer alteração que nela ocorra), e os resultados da biópsia, provando a presença do câncer no meu organismo!

Margarida ainda com os papéis dos exames nas mãos, tateou ligeira, a cadeira ao seu lado e se deixou cair sobre o assento. Suas pernas haviam fraquejado, ao ler os resultados.

— Ah! Meu irmão, meu irmão - exclamou Margarida, mal contendo a perturbação que essa revelação, assim tão repentina, havia produzido. - Você escondeu isto, por quanto tempo, Pedro?! Isto não se manifesta da noite para o dia! Você deveria estar sofrendo algumas alterações, como desconforto ao urinar... - falou, elevando a voz.

Pedro que até então permanecera calado a observá-la, assustou-se com a reação agressiva da irmã.

— Nada, minha querida, nada que pudesse me alarmar... estou lhe falando... a coisa foi mais ou menos silenciosa... eu também não quis preocupar você sem ter certeza exata da minha doença.

Margarida levava as mãos à cabeça e as sacudia nervosamente, como se tentasse afastar os terríveis presságios que a invadiram.

Pedro, percebendo o descontrole da irmã, tentou acalmá-la, mostrando-se conformado com a sua desdita.

— Estou lhe dizendo, complementei todos os exames. O médico ao fazer o exame de toque, pelo tamanho dos nódulos já desconfiou do meu estado. Isto é somente a confirmação, - e achegando-se a ela com o mesmo olhar de que quando, em criança, pedia desculpas pelos atos mal feitos, a abraçou fortemente. - Perdoe a minha imprudência, irmã! - disse desculpando-se sinceramente.

— Pedro, você tinha que ter me falado - ralhou Margarida com veemência. - E agora, por que deixou para contar, justamente, na hora da minha partida? Isto é bem próprio de você, meu irmão! Pelo que estou observando aqui nos seus exames, seu estado não é nada bom, - disse atirando o envelope contendo os exames, em cima da mesa. - Você terá que investigar mais fundo tudo isto! Pecamos a Deus que já não tenha metástases. - Falou, olhando agora, com ternura imensa, para o irmão à sua frente. Num ímpeto, atirou-se em seus braços e deixou que as lágrimas rolassem de seus olhos, abundantemente. Em seguida, como era de seu costume, trancou a emoção em seu coração e, limpando os olhos, afastou-se dizendo com energia:

— Você pelo menos está fazendo algum tratamento, alguma radioterapia ou coisa que o valha? Pedro será melhor você procurar recursos na capital. Lá temos bons cancerologistas. Ah! Não vou embora daqui sem você. Arrume suas coisas, deixe algum colega, tomando conta de seus pacientes, avise que precisa ausentar-se por uns dias e vamos daqui, o mais rápido possível - ela agia com autoridade quase maternal. - Pedro, estou pasma! Pasma, meu irmão! - as palavras vinham umas atrás das outras, autoritárias mesmo.

Margarida não se dava conta de que o irmão estava sofrendo muito mais que ela, naquele momento. Fora muito difícil para ele aceitar a doença prontamente. Era jovem ainda. Vira muitos casos desses no hospital em que trabalhava, acreditava, porém, que, com ele, nunca aconteceria um drama assim. Relutou muito em aceitar. Sabia exatamente o que iria acontecer com ele, dali pra frente. Estava de casamento marcado com Larissa e agora? Que fazer? Ela ainda não percebera seu verdadeiro estado. Até aquele momento, ele não tivera coragem de tocar no assunto com a namorada. Faziam tantos planos para o futuro de ambos. Pedro queria filhos, correndo pela casa! Fora sempre muito só, ele e Margarida. Não tiveram uma infância muito feliz, pela morte dos pais, demasiadamente cedo. Agora, seu sonho era uma porção de crianças, correndo pelos jardins da casa que era enorme! De repente, toda esta promessa de um alvorecer feliz era cortada pela raiz? Ele só poderia contar com Margarida. Jamais levaria Larissa a um sofrimento destes! Não sabia quanto tempo de vida teria e nem como suportaria esta longa espera! Morrer, quando tudo parecia lhe sorrir?

Interrompendo seus pensamentos, Margarida disse, com a voz embargada pela emoção:

— Temos até amanhã para resolver esta situação. - Precisamos ser fortes, Pedro. Lutaremos juntos, sim, pela sua saúde. Não esmoreça, meu irmão, iremos até o fim do mundo buscar sua cura, eu prometo. A medicina está muito adiantada e temos tido casos de cura. Tenha esperança, você vencerá esta batalha colocada no seu caminho! Você é ainda muito jovem, tenha principalmente confiança em Deus. Lute meu irmão, lute, não esmoreça. Eu estarei ao seu lado, Larissa estará ao seu lado!

— Ela não sabe, não quero que ela saiba... não suportaria vê-la ao meu lado, só por piedade! - Pediu ele, resoluto.

— Pedro, você está dizendo bobagem! Larissa o ama e quando amamos de verdade ficamos com o ser amado em qualquer circunstância... é bem verdade que agora os planos de vocês mudarão um pouco... mas, logo ali adiante, vocês retomarão suas vidas... terão que adiar um pouco o casamento, enquanto você estiver em tratamento, mas é só por um pouco, logo você verá como tudo voltará à normalidade. O que você fez de errado, meu irmão, foi esconder-me este fato. Você não podia ter feito isto! - E mudando o tom da voz, inquiriu mais amena: - Quando é que você vai falar a Larissa? Hoje ainda ou vai deixar para a hora da partida? Sei que é doloroso, irmão, mas vamos ter que dizer a ela e, será sem rodeios e mentiras.

Pedro entregou-se ao comando de Margarida, as forças lhe faltavam para dizer à noiva a verdade. Suplicou à irmã que não dissesse nada à jovem. Inventaria uma viagem à capital para tratar de assuntos do hospital. Dizer a ela, não. Não se sentia com coragem para tanto.

— Pedro, não podemos deixar Larissa fora do seu problema. Estas notícias correm rápidas dentro do hospital, amanhã ela estará sabendo e, o que será muito pior, por caminhos estranhos!

— Está bem, faça como quiser; estou muito assustado minha irmã, muito mesmo. Faça como quiser.

Margarida olhou, demoradamente, para o irmão. Sabia que teria que ser forte para não demonstrar a ele a vontade que tinha de jogar-se em seus braços e chorar toda a tristeza que lhe invadia a alma. Sua vida, ao seu lado, passava rápida como num filme. Eram fortes, em seu pensamento, todas aquelas lembranças que, só ao lado do irmão, tinha vivido. Ah! Como era grande aquele amor por Pedro. Queria ela estar naquele momento no lugar do irmão! Amava-o tanto. Jamais poderia soltar de suas mãos. Iria com ele até o final. Falaria com Larissa, na manhã seguinte e, com muito cuidado, diria a ela o que estava se passando. De repente, lembrou-se de André. Precisava telefonar a ele e dar-lhe as notícias. Certamente, o marido ficaria muito chocado com a doença de Pedro. Queria-lhe muito; eram como irmãos. Momentos mais tarde, conversava com o marido:

— Pois, é o que estou lhe dizendo, meu querido André. Pedro está com CA de próstata. Estou arrasada, como você pode imaginar!

— Ele que venha, imediatamente, para cá - gritava André, um tanto transtornado - hoje mesmo embarque com ele, Margarida, hoje mesmo! Aqui temos bons cancerologistas, vou já telefonar para um colega, marcando hora.

E a voz de Margarida, do outro lado do fio, respondia que, naquele mesmo dia, era impossível. Pedro tinha algumas coisas para resolver, clientes para encaminhar para os colegas, uma vez que sua ausência não seria por pouco. E, subitamente, ela lembrou-se de como viera parar ali. Refugiara-se na companhia de Pedro para fugir ao assédio de Jesiel e Deus colocava em suas mãos uma dor tão grande que iria fazê-la esquecer todo um passado, assim, num repente? Por maior que fosse o amor que ela sentia por Jesiel, ele nunca a fizera fugir de suas responsabilidades para com André e para com Pedro, a quem ela amava mais que a um irmão. Ele era, para ela, como um filho muito querido. Sentiu-se sua mãe pela vida afora, desde que eram pequeninos e haviam perdido os pais naquele pavoroso desastre aéreo.

Margarida, apoiada na parede onde se encontrava o telefone, já não ouvia a voz de André do outro lado do fio. Foi deslizando, devagarzinho, até sentar-se no chão. Então, largou o aparelho, prorrompendo em soluços os quais André, do outro lado da linha, podia ouvir.

— Margarida... Margarida... Margarida...

O plano espiritual estava ali o tempo todo ao lado deles, iluminando e energizando lhes as almas. Porém cada qual recebia, de conformidade com seus merecimentos. Margarida, médium clarividente e intuitiva, só naquele momento percebeu que não estavam sozinhos nesta empreitada. Seu Espírito, muito desolado com a revelação permitira que as emoções tomassem conta de seu ser. Apenas naquele instante, pôde perceber ajuda do Alto. Estavam lá os mensageiros do espaço, os enfermeiros estagiários do além, aos quais João Francisco solicitara para que amparassem os irmãos da Terra que, naquele momento, sentiam as forças ruírem.

Sarja aproximou-se e, com a força energética saída da ponta de seus dedos, envolveu Margarida, proporcionando-lhe bem-estar. Ele era muito jovem e dono de uns olhos verdes e penetrantes! Trazia os cabelos compridos presos na nuca, a camisa acetinada translúcida, por dentro da calça do mesmo material que vinha até os tornozelos. A sandália, deixava à mostra metade do pé, muito alvo! Diríamos estar na presença de algum anjo, emissário da espiritualidade! Margarida levantou os olhos para aquela imagem cheia de luz e balbuciou:

— Meu Deus! Não mereço tamanha demonstração de carinho do plano espiritual! Mas onde, onde já vi, anjo tão celeste? No fundo de minhas lembranças, revejo seu semblante! Em que parte da minha vida nos encontramos? - perguntava-se.

E um leve torpor invadiu-lhe a mente. Sarja tomou-lhe as mãos e a conduziu para longe dali. Seu corpo material permaneceu adormecido a um canto da sala, junto ao telefone.

— Lembra-se, há muito tempo, nos trabalhos da casa espírita quando, juntos, nas práticas mediúnicas, doávamos energias aos irmãozinhos em sofrimento? Você, ausente do corpo, nos prestava muito auxílio, buscando irmãos recém-desencarnados, em acidentes!

Margarida recordou-se, então, das vezes em que saíra do corpo para auxiliar os Espíritos sofredores... Sarja interrompeu seus pensamentos.

— Chegou a hora de colocar em prática tudo aquilo que Deus lhe deu em conhecimento e sabedoria das coisas do Espírito. Cada Espírito passa na Terra pelas provas que lhe são destinadas, conforme seu merecimento. Reencarnada, a alma encontra a medida para sua purificação através do sofrimento que ela mesma impôs para o ressarcimento de seus débitos. O homem tem a liberdade de escolha, isto é, tem o livre arbítrio de agir, pensar, mas a colheita é obrigatória, minha amiga.

— Com Pedro será assim? Destinado a passar por duras provas as quais ele escolheu? Estará ele preparado para tamanho sofrimento? O esquecimento de tantos planos, a carreira, o amor de Larissa - inquiria ela entre lágrimas. - Como vai ser daqui para frente? Meu irmão está abatido com tamanha dor!

— Não é assim, minha amiga. Observe tudo isto que está vindo em suas vidas e agradeça a Deus mais esta prova. De toda dor, sempre tiramos grande lição, você sabe que é assim. Deus não nos quer infelizes, mas Ele não pode fazer tudo por nós. Ele nos dá as oportunidades para uma vida de paz; basta que saibamos caminhar nesta longa estrada com o coração e o peito aberto para as coisas corretas, deixando de lado as ilusões que nos prendem à matéria. Nós todos passamos pelo sofrimento. E preciso que saibamos aceitá-lo e sair dele. E que entendamos, minha amiga, o porquê do sofrimento. Não estamos felizes se algo nos inquieta. Achamos a nossa dor a pior do mundo. Mas alguma coisa fizemos lá atrás, nas nossas etapas passadas da vida. E hoje, por nossa vontade, mergulhamos na dor, para sair felizes, lá adiante. Não nascemos infelizes, minha amiga, ficamos infelizes, quando alguma coisa nos torna assim. Foi o nosso comportamento errôneo que nos trouxe, no dia de hoje, o merecimento de tanto sofrimento. Pedro tem conhecimento suficiente para aceitar esta prova, você verá, minha amiga.

E desapareceu da mesma forma que viera ao seu encontro, deixando no recinto muita energia e uma deliciosa sensação e paz!

CAPÍTULO XVII

OS PRIMEIROS ESCLARECIMENTOS SOBRE A VIDA ESPIRITUAL

AS enfermidades do corpo sempre foram um alerta para com o desleixo a que estamos relegando o espírito.

Todas as vezes em que Pedro vinha à capital para realizar mais uma etapa do tratamento, conversava muito com a irmã a respeito da vida espiritual na qual ele acreditava e em que, agora, mais que nunca, precisava apoiar-se. O tempo de vida terrena era curto, ele bem sabia, mas tinha tamanha coragem e vontade de viver, que ele aproveitava, cada dia, para dedicar-se, mais e mais, às coisas do Espírito. Aproveitava o tempo que lhe sobrava para dedicar-se à leitura das obras espíritas as quais tinham muito para confortá-lo. E, quando Margarida vinha ter com ele, aproveitava para dizer-lhe do conforto que esta maravilhosa doutrina dos Espíritos trazia ao seu coração. Num desses dias:

— Estou quase pronto, minha irmã, para aceitar a partida sem reclamações... pode ter a certeza de que virei contar como foi a minha chegada no mundo espiritual - gracejava, então.

— E bem verdade que Espíritos voltam, contando suas vidas no além. Espero, então, que você não seja exceção! - respondia ela, cheia de naturalidade.

— Espero ter este mérito, minha irmã. Dizem os Espíritos que tudo teremos de acordo com o nosso progresso espiritual.

— Certamente, Pedro, se formos merecedores dessa graça, se nosso adiantamento espiritual nos permitir alçar planos mais elevados, poderemos regressar sim, relatando uma boa parte da nossa caminhada no além. Não vamos esquecer que tudo será de acordo com o grau de adiantamento espiritual. E aí estão incluídos o progresso moral e o material. Um não vive sem o outro. Completam-se. Quando o homem tiver alcançado estas duas partes, então estará apto para viver uma vida plena de paz e de felicidade. Pois que a felicidade é feita das alegrias da felicidade do próximo, para a alma elevada. Chegaremos um dia a essa sonhada perfeição, quando o egoísmo for banido do coração dos homens.

— Sabe Margarida, vendo você falar dessa forma, lembro-me muito das nossas conversas, quando jovens, ao lado de tia Louise. Você lembra que ela tentava, sempre, nos passar os princípios desta doutrina maravilhosa que hoje conheço melhor?

— E que eu, graças a ela, assimilei muito bem. Tia Louise era uma grande mulher, meu irmão. Devemos a ela tudo que somos. Ao longo da sua vida terrena, só exemplos de bondade nos deu.

O barulho de um carro, estacionando lá fora pôs fim àquela conversa. Era André, chegando cheio de embrulhos.

— Olhem Margarida e Pedro, o que eu trouxe para nosso lanche! - E foi logo retirando da sacola algumas garrafas de refrigerante e um embrulho muito apetitoso, quentinho e que pelo cheirinho que exalava não deixava dúvidas. Era mesmo pizza! E de vários sabores!

A alegria foi geral. E, entre risos e muita animação, a mesa foi posta depressa.

— Então, vamos lá, minha gente. Para quem vai o primeiro pedaço? Desta... ou desta - perguntou André, todo eufórico, procurando trazer alegria ainda que, por uns instantes, ao coração de Pedro, a quem amava como a um irmão.

E assim, o lanche foi saboreado, naquele clima feito de momentos de alegria, proporcionados por André.

Margarida continuava sentada no banco daquela praça sem perceber que as horas passavam. Eram tantas as recordações que trazia na alma que não percebia o passar do tempo. Quase uma vida inteira se descortinara em sua mente como se fora um filme cinematográfico, provocando certas emoções que, não raramente, lhe feriam a alma. Certa vez, o irmão lhe dissera:

— Um lar, sem crianças é um lar sem alegrias, sem finalidade. Ele sabia que a irmã sofria de um problema hormonal e que jamais teria filhos seus. — E um lar egoísta onde as pessoas vivem somente para si, quando há tantas alminhas órfãs no mundo, necessitando do carinho de um pai, de uma mãe. Pense nisso, minha irmã. Por que não se dar a oportunidade de ser mãe? Os filhos do coração são, muitas vezes, aqueles que deixamos de querer em outras etapas de vida e que, hoje, voltam ao nosso lar para receber de nós o carinho que lhes negamos outrora. Nada acontece por acaso, aquilo que passamos nos planos materiais e que muitas vezes não podemos mudar, foi planejado, anteriormente, na espiritualidade. Eu acredito que as famílias constituídas na Terra foram traçadas cuidadosamente na espiritualidade, cada uma com encargos determinados para prosseguir a sua evolução terrena.

Margarida ouvia as palavras de Pedro, com certo entusiasmo. Ela mesma já havia pensado em adotar, há tempos, um filho. Acreditava que ele lhe traria muitas alegrias e a faria, diante do trabalho e da dedicação que teria então, esquecer-se da carência afetiva que sentia no casamento, pela falta de atenção de André para com ela. A vida de ambos corria com uma serenidade aparente. Quem os visse juntos, diria serem um casal perfeito. Entretanto, dentro do lar, cada qual se recolhia em seu trabalho, em seus estudos e, pouco ou quase nada, dialogavam. Mas seguiam a vida, sem muitas discórdias.

— Você tem razão, meu irmão. Talvez falte mesmo uma criança em nosso caminho para nos fazer completamente felizes! Quem sabe André voltará mais cedo para casa, sabendo que tem um filho a esperá-lo e não se demorará nas noites com os amigos?!

— Os filhos, quando estão para chegar, são esperados com carinho e muita emoção - prosseguia Pedro - os pais amorosos e cuidadosos lhes favorecem todo o amparo necessário para que nada lhes falte. São aguardados com amor. Por outro lado, Margarida, tantas vezes, recebemos, em nosso aconchego, por adoção, filhos que se tornam do coração. Programados no além, para que, um dia, por questões do passado, estivessem sob nossa proteção, estes, também, precisam ser amparados. E são amados, como se fossem saídos de nossas entranhas! Pense nisso, minha irmã, pense nisso.

Margarida tomou coragem... Conversaria com

André na primeira oportunidade que surgisse. Ela sabia que ele não era totalmente contra, pois já haviam conversado, há algum tempo sobre a possibilidade de adotar uma criança. André apenas pedira um tempo, para amadurecer a ideia de ser pai.

— Esperemos mais um pouco, somos ainda bastante jovens - dissera na ocasião. - Temos o trabalho no hospital que toma bastante do nosso tempo. Aguardemos um pouco mais... quem sabe para o próximo ano?

Entretanto os anos haviam se passado. Acostumaram-se a viver cada qual a sua maneira e o tempo caminhou, sem que voltassem novamente ao assunto.

Ah! Pensara ela. Se a criança que um dia Deus encaminhar até meus braços for menino, chamarei de Pedro Eduardo. Terei, no nome e no coração, a lembrança doce do meu querido irmão! Pobre Pedro! Nem mesmo o amor que imaginava possuir em Larissa o consolou nos momentos de grande dor! - suspirou ela, continuando a recordar a figura sofrida do irmão e a fisionomia de horror e repúdio de Larissa, ao saber da doença de Pedro. Pobre Pedro - repetia ela várias vezes, ao relembrar a figura do irmão, enquanto na Terra.

Ele sofrerá, não apenas as dores físicas provocadas pela enfermidade, mas a dor do abandono. Larissa não lhe dera a oportunidade de sentir-se amado em seus últimos instantes de vida. Afastara-se, repentina e definitivamente, no momento em que soubera toda a verdade. Por longo tempo, Pedro sofreu a decepção causada por Larissa, mas, aos poucos, o sentimento de amor que nutria pela noiva foi se transformando em saudosa lembrança dos dias em que, juntos, haviam traçado planos para um futuro promissor, trilhado lado a lado.

Larissa fraquejara. Seu amor não fora suficientemente maduro para acompanhá-lo na sua desdita que durou anos afora. No entanto, Pedro não se revoltara. Compreendera a atitude da noiva e não a julgara menos humana por isso. Ela fora autêntica em sua atitude e isso Pedro admirava nas pessoas. Na verdade, não teria suportado a presença de pessoas piedosas a seu lado. Necessitava, sim, em sua caminhada, de companheiros que lhe transmitissem determinação para enfrentar com dignidade tudo aquilo que ainda estaria por vir e isso ele encontrara em Margarida e em seu esposo, até o final, ela bem o sabia. E como Pedro fora valoroso! Nunca deixou que a doença o abatesse. Muitas vezes, voltou a clinicar no período em que se sentia restabelecido pelo tratamento da quimioterapia. Esses períodos duravam mais ou menos dois anos e, novamente, ele era acometido pela terrível doença que, aos poucos, foi minando seu organismo, até deixá-lo entrevado, em uma cadeira de rodas, por longo tempo!

CAPÍTULO XVIII

NOVAS PERDAS

Ninguém é propriedade particular de ninguém, a vida continua após a morte do corpo físico. nossa individualidade comprova isso.

Margarida suspirou fundo deixando que as lembranças do irmão se diluíssem no ar. Novamente a figura de Jesiel veio-lhe à mente. Haviam se passado muitos anos depois da desencarnação do irmão e a dor pela qual passara com a ausência deste, fizera com que o sentimento que nutria por Jesiel, se aplacasse em seu coração. Não queria mais sofrer nem pensar no passado. Encontrara Jesiel várias vezes após o passamento do irmão, sempre tratando-o como a um amigo querido. Maria continuou sendo sua cliente e quando o pai a levava ao seu consultório, desfrutavam de momentos elevados de conversação edificante sobre a doutrina espírita a qual Jesiel entendia cada vez mais, com as leituras recomendadas por Margarida, das obras básicas de Allan Kardec. Algumas vezes fora à sua residência a convite de Maria. Sempre que ela regressava ao lar, depois de uma edificante tarde passada ao lado de pai e filha, trazia uma energia muito grande dentro de si, pela contribuição que podia levar àqueles entes tão queridos. Soubera, por Jesiel, que, durante os anos em que Pedro se encontrava enfermo e que não se viram por um longo período, também ele sofrerá uma grande perda. A filha Cátia desencarnara, prematuramente, após dar-lhe uma netinha, que agora, vivia com a ex-esposa e passara a ser o motivo da sua alegria.

No caminho de ambos, houvera a dor e a conformação que o conhecimento da doutrina espírita lhes proporcionara. Aquele sentimento de amor material que os ligava, com os sofrimentos passados, transformara-se em algo sublime que souberam espalhar a todos quantos se achegavam a eles. Viam-se e conversavam muito a respeito da doutrina espírita que lhes elevava os Espíritos e os fazia mais fortes para prosseguir cada qual o seu caminho, até que, um dia, pudessem merecer estar juntos. Compreenderam e seguiram a rota determinada por eles mesmos em uma vida passada em que, certamente, haviam desobedecido às leis de Deus.

Maria compartilhava desses momentos quando as verdades eternas eram discutidas. A vida terrena para ambos, solidificada no conhecimento da doutrina espírita, seguia sem muito pesar. Aprenderam a respeitar e a tolerar as atitudes dos semelhantes. Sabiam os porquês dos sofrimentos e que Deus não aplica castigos a ninguém e que as criaturas, na Terra, não sofrem injustamente e sim, na medida dos seus débitos passados. Ultimamente, Margarida era apenas a amiga de todas as horas tristes e alegres da vida de Jesiel. Ele frequentava assiduamente um centro espírita no bairro em que morava. Desenvolvera sua mediunidade e através dos cursos ministrados na casa espírita, mais e mais se integrava nos trabalhos, passando a fazer parte da equipe de passistas da casa.

Margarida seguia a vida com tranquilidade. Deixara as recordações de lado, até aquela tarde em que no centro espírita recebera a comunicação de Jesiel. Ela soubera da sua desencarnação há muito, por Maria, sua filha, a quem ela restabelecera, completamente, dos problemas psicológicos que sofrera com a ausência da mãe.

Era uma tarde em que cumpria certos compromissos no hospital, quando o telefone tocou e a voz do outro lado foi muito breve:

— Margarida, é Maria. Por favor, esteja calma. Meu pai estava sofrendo muito... ele faleceu... seu corpo está sendo velado ...

— Maria! Meu Deus! Maria o que você está me dizendo? Assim, repentinamente? - e chorou, chorou muito, enquanto a outra, do outro lado da linha, continuava dizendo o local e a hora do enterro.

Quando se deu conta, Maria havia desligado, pois estava também muito emocionada.

Margarida levou muito tempo para se restabelecer do choque. Perdera Pedro e agora Jesiel. Relutou em comparecer na capela. Sentia que precisava estar ao lado de Maria, tão frágil e, a quem o pai era tudo! Mas como iria reagir diante de Jesiel, morto? Queria a lembrança dele com vida. Mais calma, em outra hora, procuraria por Maria e ela entenderia com certeza. Mas, durante aquele dia, no trabalho e por muito tempo depois, a voz de Maria não lhe saía do pensamento: "Meu pai estava sofrendo muito... ele faleceu"...

Margarida seguia a vida terrena, buscando, no trabalho e na casa espírita, o lenitivo para sua dor. Jamais pensara em receber de Jesiel uma psicografia. Costumava fazer orações pelo seu Espírito para que encontrasse o caminho, na espiritualidade.

Era benquista em todo lugar por onde passava. As oportunidades de trabalhar em setores onde se encontravam crianças, foram surgindo cada vez mais em sua vida. Ela acabou entendendo que o plano espiritual queria, assim, que dedicasse sua medicina em prol dos pequeninos, até que um fato estranho aconteceu.

Certa noite, enquanto esperava por André para o jantar, deitou-se, preguiçosamente, no sofá da sala. Seu turno tinha sido de muito trabalho, vários atendimentos no hospital e no consultório, naquele dia, a tinham deixado exausta. Cerrou os olhos, sentindo um peso diferente nas pálpebras. Imediatamente, a sala iluminou-se e seu irmão Pedro, desencarnado há alguns anos, entrou, trazendo um menino pelas mãos. Tinha os cabelos cacheados e a tez morena. Aparentava ter mais ou menos oito anos de idade. A visão fora perturbadora e imediata.

— Vou deixar este menino com você. Cuide bem dele - e desapareceu sem que ela pudesse perguntar o porquê daquele pedido. E que menino era esse? Um tanto alterada, abriu os olhos, como se tivesse saindo de um sonho!

Não demorou muito e o barulho do carro de André se fez na garagem. Margarida levantou-se, vindo ao seu encontro. Qualquer coisa no semblante do marido não estava bem. Ele, entretanto, afirmou que só precisava de um banho e logo voltaria para o jantar. Ela que o esperasse ali na sala.

A jovem estranhou a atitude do marido. Intuíu, por algum motivo, que algo estava por acontecer.

Durante o jantar, Margarida voltou ao assunto.

— Você não é assim, André, por mais cansado que esteja. Não quer contar-me o que está lhe preocupando?

— Deixe pra lá, Margarida, estou apenas preocupado com alguns clientes terminais. É somente isso. - E um tanto aborrecido pediu - jantemos em paz, sim?

Margarida calou-se. Não deixou, porém, de sentir o peso da energia negativa que se encontrava em volta de André. Que teria acontecido realmente?

Costumeiramente, após o jantar, André sentava-se defronte do televisor para não perder o noticiário. Aquele dia, no entanto, ele se dirigiu aos seus aposentos, lá permanecendo por um bom período o que preocupou bastante Margarida. Esse fato fez com que ela fosse a sua procura. Ante a insistência da esposa, acabaram discutindo.

— Não entendo seu procedimento de uns tempos para cá. É bem verdade que você já não fala muito comigo, mas, apesar de tudo, sou sua esposa. Seu procedimento não é normal, a impressão que me dá é a de que já não significa mais nada para você. Parece-me que você faz as coisas aqui dentro de casa obrigado, que volta para o lar, se é que podemos chamar isto de lar, apenas para não deixar-me só. Há uma atmosfera negativa em nossa volta! Sabe a impressão que tenho é a de que você tem alguém e não tem coragem de falar-me. Eu sinto isso! - falou com certa rispidez. - Fale, fale pelo amor de Deus. Eu sinto que algo não está bem entre nós!

— E se fosse? Que é que você faria?

— Ah! Então é verdade? - Descontrolou-se Margarida.

— É verdade, sim. Mas ela era uma pobre coitada!

— Ah! Ainda isso. Coitadinha da qual você se condeou e se apaixonou?! Com certeza tem até um filho no meio

— E se tivesse? Você faria o quê?

— Então é verdade? Mas você é muito engraçado mesmo. O que está fazendo ainda ao meu lado? Espero que você tome a única atitude que já deveria ter tomado. O rumo da casa dela - gritou Margarida sem uma única lágrima nos olhos. Sentia a revolta arder em todo seu ser. Então, era isso? Ela passara a vida inteira, tentando esquecer um sentimento, fora fiel até aquele momento, tudo fizera para esquecer Jesiel e agora, André lhe confessava, sem nenhum pudor, o caso com uma mulher cuja consequência era um filho? E assim... de um momento para outro, desmoronando tudo à sua volta?

— Mas eu não quero deixá-la, Margarida! - Tentou segurar seu braço.
- Foi apenas um momento impensado do qual me arrependo amargamente. Ah! Você não sabe o que tenho amargurado! Perdoe-me, perdoe-me!

Margarida desvencilhou-se de seus braços com rancor.

— Como você conseguiu fingir durante tanto tempo! Quanto tempo, quanto tempo?

— Dez anos, dez anos - balbuciou André.

— Deixe de fingimento, por favor. Tanto tempo assim e eu, sem nada saber, pensando apenas que essa frieza comigo era resultado de sua maneira de ser. Boba eu fui! Tanto tempo, tanto tempo e eu... - uma raiva repentina tomou conta dela - Ah! Agora eu entendo muitas coisas... que boba eu fui - saiu do aposento que servia a ambos, limpando as lágrimas que caíam por seu rosto. Não eram de sofrimento pelo que acabara de saber, mas de revolta por ter sido enganada tanto tempo, enquanto ela fazia de tudo para matar em seu coração um sentimento que considerava puro e sem pecado.

CAPÍTULO XIX

CONFISSÃO DE ANDRÉ

Muitas vezes, certas revelações chocam, profundamente, as almas desavisadas; antes uma decepção, do que uma eterna ausência da verdade.

Os dias que se seguiram foram de muita tensão. André não tomava nenhuma resolução em relação a ambos. Era para ele como se nada tivesse acontecido. Confessou o deslize e agora deixava que a vida corresse normalmente. Queria o perdão de Margarida, pretendia continuar ao seu lado. Contara que Laura, esse era o nome da mulher, havia desencarnado há alguns meses, vítima de acidente e que a família mandara avisá-lo por causa do menino. Ele não sabia o que fazer, pois fazia algum tempo que apenas atendia às necessidades do filho. Havia terminado com ela. Contou que apenas depositava dinheiro para as despesas de ambos. Laura ameaçara contar tudo a Margarida caso ele os abandonasse!

— Ah! Como deveria ter sido amargo para André guardar aquele segredo - pensava Margarida enquanto tornavam ao assunto dias mais tarde.

— Quero conhecer esse menino. - Dissera ela, repentinamente e sem rancor algum.

— Quê?!

— Quero conhecer o menino - repetia ela - veja como fará. O fato é que eu quero conhecer o menino.

— Para quê? Posso saber ao menos o interesse que você tem em ver o menino? É um pobre coitado ao qual eu abandonei. Eu já lhe disse, ele não significa nada para mim... foi um erro de momento que gerou tudo isso... eu não pedi esse filho... vou continuar amparando-o na sobrevivência, mas não quero contato com ele.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? Onde está seu sentimento? Nós estamos falando de um inocente que nada tem a ver com as loucuras dos adultos! Onde está essa criança?

— Com uma tia, numa cidadezinha perto daqui.

— E... por que não com os avós?

— Os pais de Laura faleceram há muito. Eu mesmo tratei do velho.

Margarida deixou escapar uma ponta de ironia na voz:

— Então, você conhece a família toda? Pelo jeito de falar e de referir-se a eles...

— Realmente, foi como eu disse, não é bom você se meter nisso... deixe o menino lá. Eles que assumam. E depois, para que conhecê-lo? Isto só vai fazê-la sofrer mais do que eu estou fazendo agora.

— Engano seu, André. Eu não estou sofrendo, estou apenas surpresa com o que aconteceu e muito magoada. Mas não estou sofrendo, não. Tenho muita pena de você ter me escondido o fato há tanto tempo! Tenho capacidade para esquecer tudo isto. Afinal você já não gostava de mim...

— Não é verdade, Margarida. Eu amo você e não saberia viver sem a sua presença. O que aconteceu foi um deslize natural que todo homem faz...

— Que todo homem faz? Que é isso, André? Não procure desculpar-se dessa maneira. E quer saber mais? Nosso assunto é o menino. Quero conhecê-lo, portanto dê um jeito de levar-me até ele.

— Mas para quê, criatura? Para quê?

— Não sei - respondeu Margarida, recordando a estranha visão que tivera de Pedro, trazendo um menino pela mão. Teria alguma relação com o filho de André, agora órfão? Ela queria vê-lo, para ter a certeza de que o filho tão esperado viesse a ela por caminhos tão sinuosos.

André continuava relutante. Afinal nunca concordara em que adotassem um bebê apesar de saber o quanto Margarida queria um filho! Não permitia nem que ela o lembrasse da promessa de que mais tarde adotariam uma criança. Venceu-a pela indiferença, até que a jovem fora deixando o sonho de ser mãe para trás. Agora estavam ali, frente a frente, discutindo um problema cujo tema era uma criança da qual ele não queria saber e que era realmente seu filho. O remorso corroía-lhe a alma. Como pudera trazer a Margarida tanto sofrimento? A jovem continuava ao seu lado argumentando, chamando-o à realidade.

— Está bem - disse por fim - vou levá-la até ele. Talvez seja melhor. Assim acabamos de vez com tudo isto que nos magoa. O que mais quero é viver uma vida de paz ao seu lado, Margarida. Eu lhe imploro, esqueça tudo isto e recomeçemos, sem rancor.

— Esquecer será muito difícil. Nunca mais será como antes. Entretanto temos compromissos a saldar aqui na Terra o que me dá a certeza de que ficaremos juntos por mais algum tempo e quem sabe pela vida toda, se conseguirmos nos entender daqui pra frente. Já não somos mais dois adolescentes em busca de sonhos e quimeras. Nossa realidade está aqui, em tudo que conseguimos construir a duras penas e para quê? Tudo acabar assim de repente? O que acontece André é que mais que marido e mulher, somos bons amigos e companheiros nas horas de necessidades. Vamos continuar caminhando juntos até onde nossos passos nos levarem! Quem sabe ainda conseguiremos nos amar de verdade?! - Sua voz estava serena. Refletira muito na noite anterior e o que mais desejava agora era conhecer o filho de André.

CAPÍTULO XX

ENCONTRO COM VINÍCIUS

Os acertos, embora possam parecer totalmente desconexos, ocorrem de acordo com nossas resoluções na espiritualidade.

Fora muito doloroso para ela agir com naturalidade diante da família de Laura, ao chegar, na companhia de André, dias mais tarde, ao lugarejo onde residiam seus parentes e onde, provisoriamente, o pequeno Vinícius se encontrava. André era tratado por eles com muita naturalidade, como velho conhecido da casa. Idalina, a irmã de Laura, um tanto arredia, abraçou Margarida, esperando, com certeza, alguma reação da parte desta. Ao constatar, porém, que Margarida permanecia serena, aos poucos, foi se tornando mais afável, contando alguns fatos passados da vida de Vinícius, agora com dez anos de idade. Certamente, o plano espiritual se fazia muito presente naquele momento, tal a serenidade de Margarida.

— Ele é um bom menino, a senhora vai ver - informava ela - tem os traços do doutor, é impressionante! Que bom que a senhora não tem ódio do menino, ele é muito bom, muito estudioso, muito ajuizado. Pena que nós não tenhamos condições de encaminhá-lo para um estudo melhor. Eleja está saindo do primário e seria bom que ficasse com o doutor para ter um futuro melhor. A mãe dele queria tanto uma escola melhor para ele, mas a pobrezinha se foi tão cedo! Nós somos pobres como a senhora pode ver. Vou mandar buscar o menino, já. Ele está na casa de um amiguinho aqui pertinho. Dá licença, só um instantinho doutor. - Pediu, com um amplo sorriso nos lábios.

Margarida sentiu em dado momento que talvez não devesse estar ali. Um pensamento negativo a tudo aquilo fez com que ela se contrariasse. Entretanto procurou dominar-se. Afinal, a irmã de Laura não precisava dar tantas explicações. André sentia-se constrangido diante da esposa que acabava de levantar-se da cadeira, indo à direção da porta de entrada. Ela sentia que precisava respirar fundo o ar daquela manhã, para que seu equilíbrio retornasse. - Que loucura - pensava - eu aqui, na casa deles, daqueles que roubaram meu marido?

— Roubaram nada! - Alguém sussurrava do plano espiritual. - Não se rouba o que não temos.

André nunca a amou de verdade e nem você a ele. Essas coisas acontecem por aí milhões de vezes. Agora, sim, vocês vão aprender o que realmente é o amor. Espere e confie. Não desorganize a mente e equilibre a alma para receber este ser que muito vai precisar da sua ajuda.

Margarida passou as mãos pelos cabelos, tentando alinhá-los. Com aquele gesto, procurava afugentar o nervosismo do qual se via possuída, repentinamente. Procurou orar, por um longo tempo! Pedir, em pensamento, forças para superar aquele momento tão significativo em sua vida. O suficiente para que a mulher buscasse o menino no vizinho e fizesse com que ele trocasse a roupa por uma mais adequada e penteasse os cabelos, para então, aparecer na sala de visitas.

— Cumprimente a doutora e o doutor. Ande, vá até eles! A doutora veio aqui para conhecer você. Vá, dê a mão pra eles, não seja caipira, moleque! - Idalina agia com certa brutalidade, que chamou Margarida à realidade.

— Deixe o menino, senhora - pediu ela, vindo na direção da criança que lhe estendia a mão. - Fico muito feliz em conhecê-lo.

Estranhamente seu coração e sua alma se abriram num amplexo, para recebê-lo, definitivamente, em sua vida. Ao olhar para Vinícius, ela sentiu que o conhecia de há muito. Em que lugar no passado suas almas se cruzaram? Uma energia muito boa envolveu os dois seres que, de agora em diante, seguiriam juntos por toda vida. Tinham os mesmos traços, pai e filho, o mesmo sorriso que encantava a quem deles se aproximasse.

E dali em diante, nada mais a separou daquela criança. Amor à primeira vista. Os acontecimentos foram se sucedendo de tal forma que, em pouco tempo, Vinícius estava residindo ao lado do pai e junto de Margarida, que o atendia como a um verdadeiro filho, não lhe deixando faltar o aconchego de um lar verdadeiro. O menino demonstrava por ela muito respeito e simpatia.

Agora, tantos anos passados, Vinícius se encontrava em idade adulta e prestes a formar-se, também, em medicina. Costumava comentar para os amigos que ela fora para ele, a mãe que não conhecera. E Margarida dera a ele, incondicionalmente, o seu amor. Dedicava todas as suas horas àquele filho que lhe chegara, no outono da vida e de uma forma estranha. Não tinha dúvidas de que fora ele o menino que Pedro, seu irmão, lhe apresentara, naquela tarde em que tivera a estranha visão. Assim que veio para junto de si, procurou carregá-lo consigo à casa espírita e encaminhá-lo para a evangelização infantil. Com o passar dos anos e através dos cursos que a casa proporcionava, Vinícius tornou-se trabalhador incansável do Espiritismo. Desenvolveu a mediunidade, trabalhando ali, como passista e conferencista. Como estagiário de medicina, dedicava algumas horas ao atendimento das assistidas da casa espírita. Sua mediunidade intuitiva facultava um atendimento preciso às irmãs que o procuravam.

Haviam se passado mais de quarenta anos de todos estes acontecimentos. Somente agora, André resolvera acompanhar Margarida e o filho à casa espírita.

O centro espírita "Mensageiros do Bem" estava recebendo um orador do Rio de Janeiro, de cujo nome ele ouvira muitos comentários, médico também, e que falaria sobre "Doação de Órgãos" - um tema bastante interessante. Mais por curiosidade do que propriamente por religiosidade, resolveu acompanhá-los. Encantou-se com o que presenciou. Como Margarida e o filho eram benquistos naquele lugar! E que paz sentiu na alma naquele dia e nos que se seguiram, todas as vezes em que adentrava a casa espírita. Parecia que a doutrina codificada por Allan Kardec estava apenas adormecida em seu ser. A medida que foi inteirando-se do seu conteúdo, através das obras básicas, percebeu que perdera tempo precioso em coisas fúteis; que dera muita importância às coisas materiais, sem preocupar-se em obter conhecimentos mais profundos para o Espírito imortal. Veio, então, lentamente, a modificação do seu modo de ser. E, com grande interesse, devorou um a um os livros da codificação. E após, as obras de André Luiz e tudo mais que lhe indicavam para complementar-lhe o conhecimento espiritual. E, como verdadeiro missionário integrou-se também nos cursos da casa espírita.

Em pouco tempo, era um trabalhador incansável da doutrina, levando através de suas palestras o conhecimento a tantos outros que, como ele outrora, ignoravam os valores do Espírito. Frequentemente solicitado, sua agenda era lotada. Foi convidado para integrar a associação dos médicos espíritas e aí, não parou mais. Comparecia aos congressos realizados no país, onde apresentava trabalhos pesquisados com muita sabedoria. Margarida e Vinícius estavam felizes com a transformação de André. Agora sim, podiam dizer que eram uma família completa.

Margarida estivera por muito tempo a recordar toda uma vida de erros e acertos, no banco daquela praça. Já se fazia quase noite, quando ela resolveu voltar para casa, vinda de um passado distante!

Horas mais tarde, adentrou o lar. Colocou a chave na fechadura. Não chegou a girá-la. Do lado de dentro, alguém a abriu, prontamente, como se estivesse a esperá-la. Era Vinícius.

— Tia Margarida, como você demorou - e abraçou-a calorosamente - Onde esteve todo este tempo? Fiquei apreensivo!

Como era bom sentir-se amada daquela maneira por aquele filho que não saía de suas entranhas, mas era tão verdadeiro como se fora. Correspondeu àquele carinho espontâneo, acalmando-o:

— A tarde estava tão bonita e não vi o tempo passar. Estive no banco da pracinha aqui perto... - respondeu, abraçando-o com ternura.

CAPÍTULO XXI

NA ESPIRITUALIDADE

O Espírito livre do envoltório material usa da propriedade de poder ver a distância, conferindo todo seu passado e fazendo planos para o futuro, com a intenção principal do seu aprimoramento.

Quanto mais recordava os acontecimentos passados, Jesiel entendia que necessitava voltar àquele local onde vira as barcaças ancoradas no rio. Sentia que havia qualquer coisa que o puxava para lá. O lamento que ouvira na noite anterior e que o fizera chegar ao local o deixara intrigado. Reconhecera nele a voz de Cecília. Entretanto tudo desaparecera como por encanto ante a sua aproximação e que culminara com o encontro com Sezinando e a sua ida à casa espírita com os demais companheiros, ocupando aquela estranha condução na qual ele, sem muito vacilar, embarcou também.

O dia estava convidativo! O sol aquecia o ambiente da sua pequena morada. Podia até ouvir o cântico dos pássaros lá fora. Resoluto, abriu a porta e ganhou o caminho que o conduziria até o rio. Agora podia ver melhor. Descer custou-lhe um pouco; as pernas ainda não estavam firmes. Procurou algo em que pudesse apoiar-se. Foi Tateando os troncos das árvores, ao longo do caminho. Finalmente, chegou ao local do dia anterior. O barulho de uma queda d'água não muito distante anunciou que ele estava certo. Sim, fora ali que avistara as embarcações. O rio estava deserto. Ao longe, ele constatou um nevoeiro acima das águas. Que seria? Curioso, foi caminhando ao encontro daquele fenômeno, mas, à medida que chegava à altura onde parecia ter avistado o nevoeiro este se distanciava mais e mais. Pareceu-lhe ouvir vozes e alguns gemidos que fizeram com que parasse receoso. Percebera que a paisagem não era a mesma de momentos atrás. Qualquer coisa de amedrontador estava no ar. As árvores retorcidas pareciam adquirir formas humanas.

— Meu Deus! Que lugar é este? - Um arrepio percorreu-lhe o corpo. Tomado de pânico voltou-se, desistindo da investigação daquele local. Tarde demais. Uma figura maltrapilha estendeu-lhe as mãos em súplica:

— Até que enfim veio ao meu encontro! Tenho implorado todos os dias esta oportunidade de ficar frente a frente com você. Não escutou meu chamado?

Escutou e veio. Muito bem. Agora é a hora do acerto de contas. Desta vez, você não me escapa. Estamos iguais, vivendo no mesmo mundo que eles chamam de espiritual. Está vendo só? Você nem me reconhece... será que mudei tanto assim? Sou eu. Cecília! Cecília!

— Pasma estou - exclamou - pasmo com esta aparição assim repentina! Julguei que, um dia, encontraria você. Porque estamos no mundo espiritual, creio seja normal que nos encontremos um dia. Porém não assim, dessa maneira. Que aconteceu? Por que esta aparência? Você não se parece em nada com a Cecília de outros tempos! Olhe suas vestes, seu estado. Meu Deus, que aconteceu Cecília?

— E você ainda pergunta? - Respondeu agressiva, como nos velhos tempos.

Ele bem recordava. Não era fácil entender-se com a mulher, quando ela reagia daquela forma. Resolveu calar-se, deixando que ela falasse. Continuava sem entender! Afinal, Cecília desencarnara há bastante tempo e ele não compreendia o porquê de ela achar-se naquele local e em tão deplorável estado.

— Venho sofrendo o abandono em que você me deixou, desde que cheguei aqui. Em vão tenho clamado por você, inutilmente. Se é verdade que conhece tão bem as coisas do espírito, como dizia, então tire-me daqui. Leve-me com você, pois não suporto mais este local de sofrimento. Não sei como vim parar aqui. Onde estão os meus familiares, aqueles que, como eu, passaram para o mundo espiritual?

— Não é bem assim, Cecília - explicou. - Aqui, na espiritualidade, nossos atos passados contam e muito, naquilo que devemos passar. Tenho escutado seu chamado, sem poder atendê-la, pois, como você, ainda sou um devedor e, por mais que queira ajudá-la, as forças me faltam. Creio que tanto eu como você devemos orar muito e pedir auxílio e quem sabe, assim, algum mensageiro bondoso possa nos atender.

— E você pensa que já não implorei aos céus? Que já não me ajoelhei neste chão imundo de águas fétidas? Sinta o mau cheiro, entrando pelas narinas, olhe para este lugar, sem sol, constantemente nublado e pense se eu mereço ficar aqui. Você não sabe o horror das noites entre gemidos de dor e risos de escárnio, sei lá de quem. São muitos, muitos - e desandou a chorar, agarrando-se em Jesiel, em desespero.

— Calma, criatura, calma! - pediu ele, afastando-a de si - Vamos tentar conversar, sem lamentações. Você já ficou bastante tempo neste local, onde Espíritos inferiores fazem estágio devido à conduta que tiveram boa ou má. Também eu me sinto tolhido em minhas ações e sei que não agi como devia, dentro dos princípios que aprendemos com nossos pais, de amor e principalmente de tolerância, que foi o que nos perdeu, Cecília. Hoje, eu sei que não devemos tentar modificar nosso próximo e sim, exercer a verdadeira caridade dentro do lar. Relevar os erros, sim, porque o entendimento entre duas pessoas só chega com o passar dos anos. Com a tolerância e a boa vontade de acertar tudo, poderemos conseguir. Oh! Como lamento tudo que vivemos e não soubemos desfrutar!

Cecília continuava chorosa. Após silêncio que parecia eterno, bradou com rancor:

— Você me traiu você me deixou! Você me abandonou muitas vezes e muitas vezes voltou, por quê? Tínhamos dois filhos que precisavam do seu amparo e, no entanto, você não pensou neles... e se foi. Você nunca me amou, Jesiel. Não sei que loucura foi a de nos casarmos tão cedo, sem preparo algum. Este tempo em que me encontro aqui, serviu para que eu repensasse tudo que nos aconteceu e constatasse que o maior culpado de tudo foi você. Você foi muito egoísta, queria as coisas só para si. Queria uma mulher diferente, achava que eu precisava me modificar, mas em nada me ajudou. Foi muito intolerante comigo. Você pensa que eu não amarguei o suplício de ser sozinha? Para você foi tudo bom, agia de acordo com sua cabeça. Se os romances não davam certo, deixava de lado e não pensava mais. Partia para outro relacionamento. Mas eu, não! Curti a dor da separação, os falatórios, os problemas com os filhos, sem um apoio seu!

— Como não, Cecília! Sempre que você precisava, estava ao seu lado, sim! - afirmou com veemência.

— Ao meu lado porque eu mandava lhe chamar. Isto nunca foi apoio. Você chegava, conversava com Ariel, falava de sua rebeldia, expunha certos deveres que ele deveria ter para comigo e voltava para seu ninho de amor com outra. Você pensa que tudo isso não afetou nosso filho, que ansiava pelos pais juntos? E sem falar de Maria, nossa pequena Maria que, ainda em tenra idade, foi abandonada por você! Nada teve do seu amor e quem ficou com todas estas dores fui eu. Se não fosse mamãe a ajudar-me a prover as necessidades dos meus filhos, não sei o que teria acontecido. Você, Jesiel, teve o coração duro para conosco muitas vezes...

— Cale-se, Cecília! - interrompeu. - Chega de tantas lamúrias! Não estamos mais na Terra. Aqui nosso proceder deve ser outro, começando por esquecer o que nos fez sofrer para podermos evoluir. O passado, ao passado pertence e não podemos ficar relembando coisas que nos fizeram sofrer porque ficaríamos presos a estas recordações, sem condições de prosseguir a caminhada. Precisamos jogar no lixo todos os nossos conflitos de outrora e dar as mãos agora para a verdadeira regeneração. Errei, sim, confesso. Como você, estou sofrendo, mas o passado de erros deve ficar esquecido. Peço-lhe que me perdoe, Cecília e que venha comigo se for possível. Procuremos juntos a nossa redenção. Sei que carrego muita culpa na alma, Deus está vendo o esforço que faço para entender a vida neste lado de cá.

Cecília abrigava muito ódio no coração. Não estava preparada ainda para alçar voos mais altos.

Entretanto, depois de muito relutar, decidiu-se a acompanhá-lo.

Jesiel deu o braço para ela e juntos começaram a caminhar. Em silêncio, podendo ouvir ainda ao longe as lamentações daqueles que se encontravam mais além, naquele vale de sofrimentos. Ela andava com dificuldade a passos trôpegos, à medida que se distanciavam do "Vale das Lamentações", onde ela estivera por muitos anos, em sofrimento interminável, sem, entretanto, sentir o passar do tempo, tal o seu estado vibratório. Embora houvesse suplicado a Deus a misericórdia de sentir-se aliviada, foi necessário que permanecesse ali, sem tempo marcado para o encaminhamento à "Pousada da Redenção", que ficava no outro lado do rio e aonde se chegava por meio daqueles barcos que Jesiel vira ancorado na beira do rio. Quem fazia esse transporte eram os "Mensageiros do Bem", destinados a esse valoroso trabalho de recuperação dos Espíritos sofredores, toda vez que alguém, realmente arrependido de seus erros e desejoso de estudar e compreender os valores da verdadeira vida espiritual, conseguia aproximar-se dos barcos e pedir socorro.

— Cecília, irmã Cecília - alguém chamou insistente, de dentro de um barco ancorado ali perto do local por onde passavam. - Venha. Entre aqui e nós a levaremos à "Pousada da Redenção". Chegou a hora de cessarem seus sofrimentos.

Cecília recuou assustada. Era tamanha a claridade daquele barco e tão sonora a voz do barqueiro, que ela, intimidada, encolheu-se toda.

— Meu amigo, estou levando-a comigo; tenho um rancho lá em cima - adiantou-se Jesiel, compreendendo o significado do chamado. - Sinto que posso cuidar dela!

O barqueiro estendeu a mão para Cecília que, sem titubear, largou do braço de Jesiel, como que fascinada pela luz que emanava da embarcação e pulou para dentro, acomodando-se qual ave que volta ao ninho.

— E necessário, meu irmão, que a separação se faça uma vez mais. Desta vez, porém, para que o verdadeiro amor floresça. Separados farão a tão sonhada evolução! Cecília precisa de muitos cuidados e de uma terapia intensiva, em nossa casa de repouso. Médicos e abnegados enfermeiros cuidarão da nossa amiga, até que esteja em condições de viver a verdadeira vida do Espírito, nestas paragens na companhia de outros tantos seres que aqui habitam. Quanto a você, meu amigo, continue frequentando o comboio do Sezinando. Está no caminho certo. Por enquanto, a solidão lhe será boa companheira. Ela e o trabalho farão com que você encontre o verdadeiro lugar, por aqui. Este encontro com Cecília era necessário para podermos aquilatar o grau de arrependimento de ambos. O que constatamos foi suficiente para o início da transformação de nossa Cecília. Vá em paz, meu irmão. Breve, muito breve, lhe daremos notícias. O trabalho na casa espírita o espera.

Jesiel nada respondeu. O coração começou a bater forte à medida que a embarcação desaparecia, levando Cecília.

Que estranho! Algo dentro de seu ser começava a modificar-se. Sentiu muita ternura por aquela que fora sua esposa e que agora era conduzida para um local, com certeza, onde encontraria muito carinho e amor! Apiedou-se de sua alma! Sentiu, realmente, não poder estar em sua companhia. Havia algo naquele mensageiro que não deixava dúvidas. Mesmo que ele quisesse lutar para ficar com Cecília, uma onda de energia mais forte que ele, o paralisou, deixando-o sem ação.

CAPÍTULO XXII

OS COLOQUIOS SE SUCEDEM

Todo Espírito pertence a uma família espiritual, portanto nada mais justo do que, após a morte do corpo grosseiro, voltem todos a rever-se.

Desolado, retomou o caminho da montanha. Embora não fosse seu desejo, as lembranças de toda uma vida se descortinavam ante seus olhos, como num filme.

Sabia que não era prudente cultivar recordações assim, mas algo dentro dele explodia em sequências, independentemente de sua vontade. Que estranho fenômeno era aquele, nunca sentido antes? Via-se ainda criança a correr pelas ruas da pequena cidade onde nascera, lá no interior do Brasil, juntamente com seus irmãos e, ainda adolescente, em viagem de mudança para vários locais, devido ao trabalho de seu pai, até fixar residência na capital onde cresceu. Seu pai conhecera a doutrina espírita, ainda muito jovem, através das obras de Allan Kardec e procurou transmiti-la aos filhos à sua maneira, pois, nos lugarejos por onde passavam, não existia centro espírita. As cidades eram dominadas pela religião católica e a palavra do padre era a verdadeira. O resto era credence da qual os fiéis deveriam afastar-se. Jesiel, muito emocionado, reviu-se na pequena sala da casa do pai, onde ele, semanalmente, lia alguma coisa do evangelho, para ele e para os cinco irmãos, todos ainda pequenos. Ah! Que saudades de tudo aquilo, tão real agora, ali à sua frente. E assim, sucessivamente, foram desfilando uma a uma as lembranças, que ele julgava sem importância e esquecidas no escrínio de sua alma. Até as pequenas discussões entre eles, os irmãos, eram cenas de um filme. Pensou enlouquecer com tudo aquilo, que, no pensamento e com a precisão de um cronômetro, se sucedia. Cecília desenhou-se, ainda jovem, em suas visões e todo o passado vivido ao seu lado, se lhe apresentou à frente. Foram momentos terríveis aqueles, trazendo à tona cenas desagradáveis guardadas na mente.

E que os fluidos espirituais são o ar que os espíritos respiram e atuam de acordo com sua vontade. Algumas vezes são produtos de uma intenção, outras, de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense em algo para que este se processe. Que sinta, por exemplo, o desejo de modelar algum objeto ao qual estava acostumado, para que ele se concretize. Isto porque estes fluidos são os condutores dos pensamentos, bons ou maus, sempre de acordo com o merecimento de cada um. Eles vão formando imagens que se refletem no perísprito e aí ficam gravadas, criando as cenas passadas.

Jesiel, naquele momento, tomava posse de todas estas faculdades e o que ficara armazenado em seu perísprito eclodia intensamente, envolvendo todo seu ser.

Havia chegado ao alto da montanha onde ficava seu modesto lar, construído com certeza com a força interior do seu pensamento, uma vez que amava a natureza e os lugares tranquilos. Ali tinha tudo de que precisava e, por companheiro, o violão que costumava dedilhar, cantando canções as quais trazia bem vivas na alma. Antes de ganhar o interior do pequeno lar, parou para observar a natureza à sua volta. O cântico dos pássaros formava uma sinfonia inacabada, vinda de todas as direções; convidava, ao descanso, aquela alma sofrida que, por momentos, se quedou, haurindo o bem-estar daquele momento. Respirou fundo, girando a maçaneta da porta e entrou.

A tênue claridade, vinda do interior da pequena sala, mostrou-lhe a figura de uma jovem que o esperava com um sorriso encantador, iluminando lhe as faces e que, com os braços abertos, prontos para um abraço prolongado, vinha, agora, na sua direção.

— Papai querido! Finalmente nos encontramos depois de um longo tempo.

Jesiel recebeu aquele amplexo, quase não crendo no que seus olhos presenciavam! A energia que o envolvia era tão benéfica que, por alguns segundos, chorou de emoção.

— Filha, minha filha do coração! Jamais poderia imaginar tamanha ventura neste dia. - E permaneceu por muito tempo abraçado àquela figura de quase menina, ali à sua frente.

— Pois saiba, meu pai do coração, que, somente agora, tive permissão para visitá-lo. Quero dizer que estive ao seu lado, nas vezes em que você pensava em mim, mas não podia me ver, estava muito desolado, muito preso ao passado. Os mensageiros do espaço tiveram grande trabalho ao seu redor. Agora que você está melhor e que compreende a razão dos porquês do sofrimento e os aceita, começa o caminho para a sua redenção.

— Filha, filha... - era só o que Jesiel conseguia balbuciar, tão emocionado estava, com a figura de Cátia, ali ao seu lado. Desde que ela desencarnara prematuramente, ele não tivera notícias suas. Andara de centro espírita em centro espírita, em busca do conforto para sua alma inconsolável, mas nada. O Espírito de Cátia não se comunicara nunca, parecia que ela se fora para sempre. Inconformado, desistira. Apenas orava em seu benefício, na certeza de que ela estaria em um plano mais elevado. Cátia era tão jovem ainda, quando se fora. Certamente, não tinha muito a saldar no mundo terreno, pensava, então. E agora, ela estava ali, ao seu lado, sem que ele sequer esperasse?!

— Que bênção, meu Deus, que bênção!

— Vamos, papai, enxugue as lágrimas - pediu Cátia - e venha sentar-se aqui ao meu lado. Aproveitemos estes momentos preciosos para conversarmos. Certamente, temos muito que falar! Tenho notícias que irão deixá-lo muito feliz.

— Verdade? E, fazendo um gesto tão próprio seu, pediu: - Então conte-me.

— Sabe quem me recebeu, quando aqui cheguei? Seu pai e, portanto, meu avô. Foi muito interessante, pois eu não o conhecia!

— É verdade, quando você nasceu, ele já havia desencarnado há muito, bem como a sua avó.

— Pois é, meu pai, aquele homem ali na minha frente, dizendo ser meu avô e felicíssimo com o meu regresso ao verdadeiro lar, como me revelou na ocasião, deu-me uma sensação de muita paz! É bem verdade que não devemos temer a morte, pois ela é a libertação do Espírito da matéria grosseira. Aqui vivemos muito melhor, enxergamos as coisas de outra forma, a verdadeira felicidade está aqui. Veja você, papai, sempre temeu a morte, sempre nos disse isso quando na Terra, lembro-me bem. No entanto, sua passagem para cá se deu sem muito sofrimento. Nós o auxiliamos, sabia?

— Ah! Minha querida Cátia. Ignoro muitas coisas, até mesmo como vim parar aqui, neste lugar na montanha...

— Cada um busca para si o lugar que mais lhe apraz, de acordo com suas necessidades - atalhou a jovem, tomando-lhe as mãos entre as suas. - Você moldou, sem saber, esta morada. Assim era preciso. Por estas paragens, passa o comboio que leva muitos necessitados para os trabalhos nas casas espíritas, no planeta. E você, meu pai, teria que voltar lá, ser auxiliado e, depois, auxiliar muitos irmãos nossos à resignação e à coragem de enfrentar a realidade de agora. Muitos nem sabem que desencarnaram. Por estas regiões, o privilegiado é você - e riu gostosamente, ao perceber o ar de espanto em Jesiel.

— Mas eu tenho muita curiosidade, minha filha. Quero saber mais. Onde moram seus avós? Perto daqui não existem casas, andei por diversos lugares, somente encontrei campos e rios...

— Além do rio - atalhou Cátia - há cidades e povoados e os Espíritos habitam de acordo com o seu merecimento e o seu trabalho nas comunidades que lhes são destinadas. Aqui tudo é semelhante ao que se passa na Terra, papai. Você deve saber disso, pois, quando viveu na Terra, era estudioso da doutrina espírita e, através dos livros, teve muitas revelações deste plano, não é verdade?

— Muitas - concordou Jesiel, lembrando-se das leituras dos livros escritos pelo Espírito de André Luiz, através do Chico Xavier.

— Então, papai? Como você bem sabe, realmente, temos muitas moradas, excelentes prédios onde funcionam inúmeros departamentos e secretarias que auxiliam a Governadoria da nossa cidade, que não é pequena. Por esse motivo ela é dividida em pequenos núcleos, cada um com seu administrador semelhante a um prefeito que, por sua vez, tem também seus auxiliares. Tudo é muito bem planejado, as avenidas são largas, as praças arborizadas, os jardins exalam perfume das suas flores que faz com que o transeunte, ao passar por elas, sintam-se energizado e reconfortado. Sabe, papai, os jardins dos hospitais onde ficam os Espíritos necessitados, são repletos de muito verde e muitas flores, próprios para a energização daqueles que ali se encontram. Também na Terra, os jardins têm esta finalidade, mas devido à pouca evolução da criatura humana, não é percebida esta propriedade das plantas, exceto por alguns sensitivos.

— Que beleza o que você está falando, filha querida!

— Em tudo podemos sentir a grandiosidade do Criador - continuava explicando Cátia - que não desampara Seus filhos. Basta querer, papai, para sentir este amor que o Criador tem para conosco.

Somente através da conscientização de nossos erros é que chegaremos, um dia, à tão sonhada perfeição e aí, então, a esta percepção das maravilhas que existem ao nosso redor.

E Cátia continuou, por muito tempo mais, na companhia do pai, repassando para ele um mundo do qual ele tinha conhecimento, mas não imaginava ser tão real como agora.

Ao despedir-se, deixou com ele muitos livros os quais ele, certamente, iria ler e neles encontrar as respostas que ainda buscava para o seu ser. Continuou esperando Sezinando todas as semanas para a concretização de sua reabilitação perante o trabalho que o esperava no planeta. Com as colaboradoras da casa espírita, para onde Sezinando, todas as semanas, conduz irmãos ainda necessitados do aprendizado no plano material, elaborou um programa de estudos em que vários temas do interesse de todos eram abordados.

Paralelamente a este programa de estudos, havia o da casa espírita, comandado por uma das irmãs encarnadas, frequentadora do centro, de que participavam vários alunos desejosos de conhecer a doutrina espírita. Também nossos amigos da espiritualidade participavam, após o trabalho mediúnico para o qual eram trazidos. Quem possuísse a clarividência, ficaria abismado, com a frequência destes nossos irmãos e com a luz transmitida pelos Espíritos mensageiros da casa Jesiel labutou durante muito tempo nesse local, haurindo forças para, um dia, poder habitar planos mais altos. Muitas vezes deparou-se com Margarida nos corredores da casa espírita. Sentia-se feliz ao vê-la e por compreender, agora, tudo aquilo que haviam passado. Graças a Deus, o entendimento fizera morada em seu coração. Podia agora constatar, sem amargura, que não fora em vão sua renúncia e a dela. Ele tinha muitos compromissos a saldar, seu caminhar era ainda incerto; precisaria de muitas etapas de vida para resgatá-los e somente o amor o redimiria dos desacertos passados. Tinha apenas um objetivo no trabalho a que se propusera: alcançar as metas propostas na casa espírita, para poder alçar vôos mais elevados, como estar junto dos entes queridos, na espiritualidade e não sentir o peso da solidão que ora sentia.

Quanto à Margarida, ele sabia que ela estaria com ele sempre, quer encarnada ou desencarnada, pois o elo que os unia era muito forte. Ambos vinham se encontrando, desde as mais remotas eras, porém cada qual com sérios compromissos a saldar.

CAPÍTULO XXIII

MOMENTOS DE ORAÇÃO

TANTO nos planos materiais quanto, principalmente, nos espirituais, as preces representam o alimento que energiza.

Eram dezoito horas. O sol escondia-se por entre as montanhas do pequeno povoado denominado "Pousada da Redenção".

Os aparelhos das residências, naquele momento, estavam sintonizados com a programação do plano mais alto que transmitia a oração do entardecer. Essa sintonia trazia benefícios aos que se detinham para ouvir a palavra de Simeão, fiel colaborador daquele horário. Sempre trazia ensinamentos preciosos a todos quantos o ouviam. Costumava, muitas vezes, ilustrar sua palestra com pequenos contos retirados do cotidiano que tocavam profundamente o coração de todos.

Pousada da Redenção - povoado situado acima da crosta terrestre, onde os Espíritos estagiam, após a desencarnação.

No salão principal da "Pousada da Redenção", também havia um aparelho receptor para aqueles que se encontravam internados. Parecia que todo o povoado parava, para escutar Simeão:

"Meus queridos irmãos em Jesus. Como fazemos todos os dias, novamente estamos com vocês, através do nosso canal de comunicação, para mais uma conversa informal entre amigos. Somos todos necessitados das benesses do Cristo. Devedores, desde há muito, nos esforçamos, hoje, cada vez mais, para compreender Deus e a sua Justiça. Costumamos achar que nosso sofrimento é infundável, que o Pai nos impõe muitas coisas as quais não entendemos e nos revoltamos, crendo que a sua maneira de justificar nossos erros é o castigo que recebemos por este ou aquele motivo em que tenhamos falhado. Sendo Deus, nosso Pai amoroso e bom, jamais poderia nos castigar. Suportemos, pois, as causas do nosso sofrimento, entendendo que tudo tem uma razão de ser e que, à medida que formos compreendendo a sabedoria divina que não condena, mas nos dá oportunidades, quantas forem necessárias para a nossa recuperação, através das sucessivas reencarnações, a paz começará a reinar em nossos corações. A tarefa não é tão difícil, não exige o saber do mundo, todos conseguem realizá-la. Basta somente olharem ao redor e procurarem conhecer, através do raciocínio, as causas dos seus sofrimentos. Deus não permite provas além da capacidade daquele que a pede, pois Ele sabe da impossibilidade de cumpri-la, o que acarretará, por certo, consequências com mais e mais sofrimento. Mas oferece novas oportunidades em outras etapas de vida. De todas as provas, as mais angustiantes são as que afetam o coração; muitas pessoas suportam as privações da matéria, mas entram em desespero com os problemas de ordem moral. Querem maior sofrimento do que a ingratidão dos seus? Nada arrasa mais o coração de uma mãe do que ver um filho andar por caminhos incertos, esquecendo-se dos seus conselhos, buscando companhias escusas! Mas que consolação é saber que, se há tristezas e lágrimas, não há sofrimentos eternos! Entender que temos oportunidades de ressarcir nossos erros em uma nova encarnação, porque Deus não quer, para nós, um sofrimento eterno, condenando-nos ao inferno permanente, como creem muitos. Então, não haveria justiça de sua parte e Ele não seria infinitamente bom, como entendemos. Os Espíritos se procuram, para formar famílias no espaço e, de acordo com as suas necessidades, renascem juntos e constituem as famílias materiais para, assim, através de um programa traçado na espiritualidade, caminhar numa evolução conjunta.

O que acontece é que, quando chegam ao planeta, esquecem os compromissos assumidos e caem, novamente, em erro, acarretando, dessa forma, mais ônus para si. Então Deus, em Sua infinita bondade, dá a eles novas oportunidades. Meus irmãos, a nossa evolução começa na família, onde temos chances de, pela paciência com aqueles com quem convivemos, cada qual com uma personalidade diferente, oferecer o nosso amor incondicional, sem limites e, com eles, aprender a melhor forma de ser. Não esquecendo que somente o amor constrói somente o amor liberto."

Nesta altura dos acontecimentos, ouviram-se soluços, entre os que assistiam à preleção de Simeão. Cada qual pensando, com certeza, em seus problemas passados. Entre eles se encontrava Cecília. Torcia, nervosamente, as mãos à medida que o palestrante continuava a explanação. Agora, com muita propriedade ele comentava sobre o ciúme doentio, que leva muita gente a cometer crimes terríveis, em nome de um falso amor, carregado de ódio e egoísmo. Estas palavras tocavam fundo o espírito de Cecília. Como gostaria que o tempo voltasse! Certamente, agora tentaria acertar, seria menos impetuosa, mais cordata. Chorou muito naquele instante, já sabendo que teria, um dia, de recuperar todo aquele passado de incompreensões que vivera ao lado de Jesiel. Mas, de que forma?

Simeão seguia com sua explanação, intuído também pelos Espíritos superiores e, de acordo com as necessidades daqueles entes que ali se encontravam e ouviam.

"Pois é o que lhes digo, meus queridos irmãos, enquanto não tomarmos consciência de nossos erros e, de fato, desejarmos o progresso espiritual, caminharemos por muito tempo ainda, pela estrada do sofrimento e das lágrimas! E lhes digo: Não é fácil. É preciso muita perseverança em trilhar a senda do bem, das boas ações, do amor ao próximo, do esquecer-se de si, em benefício do outro e da renúncia. Basta que lembremos o mandamento que Jesus nos legou; aquele que nos diz tudo: Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem. Se, cada vez que formos usar da maledicência, do egoísmo, da maldade para com alguém, lembrarmos das palavras de Jesus e fizermos a pergunta: - E se fosse comigo, eu gostaria? Pensem nisso, meus queridos irmãos. Fiquem com a paz de Jesus!"

Calou-se Simeão. Uma chuva de prata, vinda do alto, em forma de energia, desceu sobre as cabeças de todos os presentes, fortificando-os. Música celeste invadiu o ambiente, encerrando aquela programação.

O tempo na espiritualidade é contado de maneira diversa do tempo terreno, portanto, em anos, não saberíamos precisar. Mas sabemos que se passara um longo período desde esta narração. Período este em que começaram a partir para o plano espiritual nossos personagens, um a um, em busca, cada qual do seu cadinho de luz. E, de acordo com seus feitos, foram se estabelecendo, cada qual, como numa grande viagem, em pequenas estações-povoados e destas, finalmente, para a cidade maior, cujo nome era "Estação da Luz", onde todos se encontravam no momento. Todos, menos um: O último passageiro!

CAPÍTULO XXIV

PLANOS PARA O RETORNO

De acordo com os conhecimentos que nos facultam os planos espirituais e orientados pela doutrina dos espíritos, traçamos nossos roteiros para um futuro melhor nas próximas encarnações.

Atarde era festiva. Havia música no ar. Nos salões do edifício onde funcionava, na espiritualidade, a casa espírita "Redenção," local apropriado para encontros fraternos, os irmãos iam e vinham e cada qual, cumprimentando os companheiros que chegavam, ansiosos por aquele encontro programado, há tanto tempo! Eram famílias numerosas, constituídas por Espíritos afins e que se propunham, depois de um amistoso colóquio, novamente voltar ao planeta, de alguma forma entrelaçados, num programa de reajuste conjunto. Cada qual, naquela reunião, fazia uma explanação do seu pensamento atual e das suas apreensões que, após, seriam levadas aos departamentos responsáveis pelas reencarnações para serem estudadas e, finalmente, despachadas com o veredicto final, isto é, de conformidade com a ficha cadastral de cada um, existente no departamento.

João Francisco, irmã Marina, irmão Josué, o meigo mensageiro Sarja e Simeão também lá se encontravam, misturados aos outros tantos benfeitores da casa. Não havia local mais apropriado para este evento do que aquele ambiente acolhedor, onde tantas vezes os irmãos oravam, pedindo ao bom Jesus e aos mensageiros Espirituais do plano mais alto o auxílio para prosseguir a caminhada evolutiva.

Irmã Marina, antes de tomar a palavra, pousou os olhos repletos de ternura em cada um dos presentes, identificando-os. Por alguns instantes, deteve-se em Pedro e Margarida. Dir-se-ia conhecer-lhes os desejos mais íntimos. Integrados no trabalho de atendimento hospitalar da "Pousada da Redenção," já há algum tempo, tinham agora ao seu lado a bondosa tia Louise que manifestara o desejo de regressar à Terra na companhia, novamente, dos sobrinhos.

A esta reunião compareceram aqueles que, de certa forma, tinham algum compromisso a saldar entre eles, e outros, por mera afinidade e desejo de regressar ao planeta, para completar a evolução, auxiliando-os na caminhada. Certamente, acolheriam, também, Espíritos necessitados de muito amparo e que, devido ao seu estado de compreensão e pelo amor demonstrado nos trabalhos assistenciais na espiritualidade, se encontravam aptos para tal mister.

A um canto do salão, estava Cecília. Seu perísprito ainda não se achava harmonizado devidamente com o filho Ariel, que, a pouca distância dela, aguardava, em silêncio. Fora levado àquela confraternização a convite dos avós, com quem residia. Mas seu coração ainda se achava magoado, culpando-a pelo que lhe acontecera há muito, no planeta.

A mensageira, após proferir a oração, falou da alegria que sentia por estar ali entre aqueles velhos conhecidos das muitas reencarnações pelas quais ela mesma passara um dia. Que o propósito de todos era muito digno, porque, sabedora da necessidade do progresso espiritual de cada um, estava disposta a interceder por todos, junto ao Departamento da Reencarnação, para que tivessem o devido atendimento em tempo hábil. Tudo dependia do merecimento individual. E continuava ela:

— O próprio Departamento da Reencarnação não age impensadamente e orienta no espaço exigido. Certamente, vocês, meus irmãos, não ignoram que, em primeiro lugar, deverá haver um processo de preparação por parte de todos, quanto ao devido retorno à Terra, sem o qual poderão incorrer nos mesmos erros do passado, ficando, sem nenhum resultado, a tentativa. E que, pior, repetir as mesmas faltas, importa em perda preciosa de tempo. Tempo que nós já desperdiçamos em excesso.

— E como seria essa preparação? - alguém inquiriu curioso.

— Teremos que recomeçar por aprender a conviver com os desafetos do passado. "Perdoar até mesmo os nossos inimigos". Colocamos em prática essa afirmação quando reconhecemos os nossos erros e procuramos repará-los; quando percebemos as faltas dos outros, sem levá-las em conta de reajustes, pois que não pertence a nós fazer julgamento; quando nos dedicamos, integralmente, na recuperação daqueles que foram levados, um dia, a cometer grandes desatinos, por ignorar as Leis de Deus, procurando fazer com que sintam a necessidade de observar essas diretrizes para seu progresso espiritual, tudo ainda neste plano. Inclusive, é necessário, queridos irmãos, integrarem as caravanas dos "Mensageiros do Bem", para, através do exercício do amor ao próximo, do perdão, da paciência, da tolerância, da abnegação, da renúncia, sentirem-se fortalecidos para enfrentar, novamente, tudo no Planeta. Sim, como sabem, o futuro depende do presente. Estarão, pois, novamente frente a frente com aqueles que feriram ou por quem foram feridos.

A Terra é a grande escola onde os Espíritos renascem para mais um aprendizado. Isso não deve ser novidade para nenhum de vocês. Cada qual partirá daqui, levando bons propósitos na sua bagagem, porém, na matéria, o esquecimento do passado os fará recomeçar do nada. É mais uma das bondades do Pai o "véu do esquecimento", que Ele nos proporciona, para que não falhemos, diante das recordações que possam ser inconvenientes. Então, será necessária muita firmeza por parte de todos. E vocês, irmãos, Espíritos, agora, mais avisados, certamente cuidarão para não cometerem outros desatinos.

A oração deverá, sempre, nortear suas vidas, depois dos treinamentos junto às caravanas dos "Mensageiros do Bem," o que será de muita valia para todos. E assim, dentro em pouco, faremos outra confraternização para, realmente avaliarmos, os primeiros a partir para o planeta Terra. Mas fiquem tranquilos, pois isto não será para breve, levará ainda muito, muito tempo.

Cecília minha querida, aproxime-se. Venha até aqui. Nestes anos todos em que estivemos lado a lado, nossos orientadores puderam constatar seu progresso e sua obediência a toda tarefa que lhe foi solicitada. Gostaríamos de que, na presença de todos estes amigos, Ariel e você se reconcilhassem; que seus Espíritos se perdoassem e que pudessem, daqui pra frente, caminhar juntos, auxiliando-se mutuamente, até o dia do regresso ao planeta. Meus amigos, o não esquecimento das tristezas passadas só atrasará a jornada de vocês. Todos nós gostaríamos de, neste momento, vê-los abraçados e perdoando-se. Temos certeza de que esta conduta é apenas pela falta de oportunidade de ambos, por se encontrarem afastados há muito tempo!

E dirigindo-se a Ariel, a mensageira, com bondade, demonstrando um gesto de amor, chamou-o:

— Venha, meu querido! Abrace sua mãe, com o mesmo carinho que devotava a ela, quando era ainda um menininho!

— Venha, filho de minha alma! - e Cecília abriu os braços, recebendo-o amorosamente.

Porém durou apenas alguns instantes aquele colóquio entre mãe e filho. Num ímpeto de revolta, o jovem Ariel afastou Cecília de seus braços, proferindo algumas palavras, com ódio. Não queria ainda perdoar Cecília; negava-se a qualquer manifestação de carinho pela mãe. Pedia entre lágrimas que Deus o ajudasse a reencontrar o pai de quem não tinha notícias.

Cecília, muito magoada, afastou-se, limpando as lágrimas.

— Deixemos meus irmãos, este juvenzinho entregue a este desamor. O tempo mostrará a ele que o ódio só faz mal para aquele que odeia. E ele é ainda muito criança espiritualmente para compreender as razões que levam as criaturas humanas a cometer tantos desatinos! Por enquanto, ele está sob os cuidados do avô que tem nos dado muitas provas de abnegação no trato com o neto, ainda muito revoltado. Tem momentos de bondade e aceita os esclarecimentos necessários para o seu progresso. Porém, o encontro com a mãe, agora, desencadeou as lembranças terrenas, levando-o a entrar em sintonia com energias negativas que muito o prejudicam. Mas isto passará com o tempo.

Calou-se a mensageira, fazendo sinal para que as festividades preparadas iniciassem.

Muita poesia ecoou pelo ar, na voz dos mais dotados da interpretação. Muitos números musicais, preparados com esmero, foram executados ao piano por aqueles que possuíam pendores artísticos.

De repente, em meio a toda aquela multidão, surge o vulto de um homem, de meia idade, de cabelos anelados, carregando seu violão. Sua voz maviosa entoava uma canção que lembrava a Terra distante!

— Eis nosso último passageiro - anunciou a benfeitora espiritual.

Todos se entreolharam e voltaram-se para ouvi-lo, carregados de emoção. A impressão que se tinha era de que ele chegava de muito longe e trazia na bagagem, muita saudade.

Cecília, obedecendo ao impulso do coração, ainda apaixonado como nos velhos tempos, deu um passo à frente, ao mesmo tempo em que Ariel se soltava dos braços do avô, correndo na sua direção e balbuciando palavras de muito carinho. Entretanto, o homem surpreendido por tantas recordações de sua vida passada, estacou atônito. Ao deparar-se com a figura de Margarida que também se adiantara para recebê-lo, hesitou, por alguns instantes. Pousou, demoradamente, seus olhos nos dela, enviando-lhe toda a energia de um amor que jamais se apagaria no tempo! E, haurindo novas forças, encaminhou-se para Cecília que, ao lado de Ariel, o esperava para o reajuste final.

Certamente muitas coisas aconteceram até a partida de nossos protagonistas à Terra, anos depois, cada qual com uma missão definida e, novamente, com suas vidas entrelaçadas para mais uma tarefa de amor entre a humanidade. Alguns permaneceram na Espiritualidade, como a meiga Cátia que recebeu a tarefa de acompanhar os passos de Jesiel e Margarida no plano material; outros tantos partiriam, futuramente, formando novas famílias terrenas. André, novamente na face da Terra, reencontraria Laura e, com esta, iniciaria a família que receberia mais tarde os primeiros dos nossos personagens para mais uma etapa de vida. Pedro e Louise seriam os pais de Ariel e Cecília; Margarida e Jesiel, desta vez como irmãos, desde muito cedo, tomariam contacto com a doutrina espírita o que lhes permitiria, então, o verdadeiro conhecimento dos porquês do destino e da dor. Em algum momento da caminhada, se deparariam com Ariel e Cecília para o tão sonhado reajuste!



Nascida na cidade de Castro-PR, Zélia Carneiro Baruffi, teve contato com o Espiritismo no próprio lar: seus pais eram espíritas - Victor Ribas Carneiro e Maria Antonia Marins Carneiro. Formou-se professora, lecionou até aposentar-se em 1982.

Como ativista espírita fundou em 1978 na Penitenciária Central do Estado, na cidade de Piraquara-PR, a Escola Espírita Allan Kardec, juntamente com seu esposo Dr. Walter .Baruffi, na ocasião médico daquela unidade penal. Participou de encontros de Evangelização da Criança e do Jovem, ministrando aulas e palestras.

No Centro Espírita da cidade da Lapa-PR, foi evangelizadora e médium, ocasião em que recebeu os livros ditados pelo Espírito Celmo Robel: *Sob o Céu de Bagdá*, *Amarga Trajetória* e *O Sonho de um Vencedor*.

Atualmente participa da assistência social e dos trabalhos mediúnicos da Sociedade Espírita "Os Mensageiros da Paz", em Curitiba-PR, cidade onde reside.